

SITUAÇÃO POLÍTICO-MILITAR CONTINUA CONFUSA

PINHEIRO DE AZEVEDO FALA AO PAÍS NA SEGUNDA-FEIRA

Na próxima segunda-feira o Primeiro-Ministro, almirante Pinheiro de Azevedo, dará através da televisão, a anunciada comunicação ao País, fazendo o ponto da actual situação em que vivemos. Esta comunicação será o apanhado dos relatórios feitos separadamente por todos os ministros.

Entretanto, o Conselho de Ministros está reunido um S. Bento desde as 11 horas, constando da agenda os seguintes pontos: aprovação da política a seguir pelo Governo quanto ao contrato pendente de venda de vinho à União Soviética; projecto de decreto-lei para aprovar a lei orgânica do Ministério do Comércio Interno; nomeação do administrador por parte do Estado para a Diaplap (Sociedade Portuguesa de Delegação de Diamantes).

É muito provável que os acontecimentos desta noite no Porto sejam igualmente analisados, devendo o Conselho debruçar-se ainda sobre pontos constantes da agenda da reunião anterior que ficaram «em branco». De referir que a questão da venda de vinho à União Soviética foi levada a Conselho de Ministros por decisão de Jorge Campinos, que segundo um informador, não quis decidir sozinho tal problema, «eminentemente político».

Melo Antunes regressa com empréstimo americano

O ministro dos Negócios Estrangeiros, major Melo Antunes, regressou esta manhã a Lisboa, depois da sua viagem ao Luxemburgo, onde participou na conferência da C.E.E. e a Nova Iorque, para assistir à última sessão da O. N. U. A chegada ao aeroporto, o ministro fez um breve relato da sua viagem, começando por referenciar o empréstimo obtido junto do Governo norte-americano, após conversações com o presidente Ford e Henry Kissinger. Desse empréstimo de 85 milhões de dólares, revelou que 35 se destinavam a apoio aos retornados de Angola, «como dívida do Governo norte-americano». Outros 35 milhões fazem parte de um empréstimo já concedido anteriormente, e os restantes 10 milhões não são propriamente um empréstimo, mas sim o aval do Governo norte-americano junto da «Boeing» para que seja rapidamente fornecido à TAP um «Boeing 747».

A uma pergunta dos jornalistas

Continua na pág. 13

Por outro lado, em Belém, o Presidente da República teve uma manhã calma, recebendo somente o brigadeiro Almeida Fernandes, antigo subsecretário de Estado do Exército.

A SITUAÇÃO POLÍTICO-MILITAR

Embora o comunicado do Conselho da Revolução divulgado esta madrugada indique que «após ouvir o Conselho de Ministros em extensa exposição sobre a situação política, social e económica, o C. R. decidiu reafirmar o apoio ao VI Governo, nos seus esforços para a resolução da crise e dos problemas delas decorrentes de acordo com o plano de

acção política exposto ao País pelo Primeiro-Ministro, e ao necessário esforço de autoridade militar e governamental para restituir a tranquilidade pública e ordem no trabalho, a realidade político-militar parece longe, no actual momento, de permitir resultados positivos a acção quer do Governo quer do C. R.

A intensa movimentação popular dos últimos dias, incluindo as grandes manifestações dos S. U. V. «Soldados Unidos Vencerão», demonstraram a real capacidade de mobilização e iniciativa das forças políticas progressistas, e tiveram como contrapartida o falhanço das medidas repressivas tentadas, quer pelo actual Governo quer por entidades militares que o apoiam incondicionalmente. No primeiro caso esteve a ocupação das estações emissoras e da T. V. que apenas conseguiu calar a Rádio Renascença. No segundo caso a ordem que o briga-

deiro Veloso deu à Cavalaria no sentido de terminar com a ocupação do R. A. S. P. não teve qualquer efeito pois não foi cumprida. No mesmo sentido estiveram as tentativas falhadas de instalar o A. M. I. em Monsanto e eliminar unidades revolucionárias como o Ralife e a P. M.

Apesar de novas medidas, de gabinete estarem em curso no sentido de silenciar órgãos de Informação progressistas — o ministro Almeida Santos, terá, segundo fonte segura, ameaçado já o «Século» de que apenas poderá contar com o apoio financeiro se apoiar o VI Governo, foi isolar militares empenhados na revolução (Otel e Fabião) ou afastar do aparelho de Estado (saneamento à esquerda) elementos fiéis às conquistas revolucionárias, o certo é que esta viragem à direita no plano político-militar está a falhar.

Com efeito, embora procure mobilizar sectores importantes

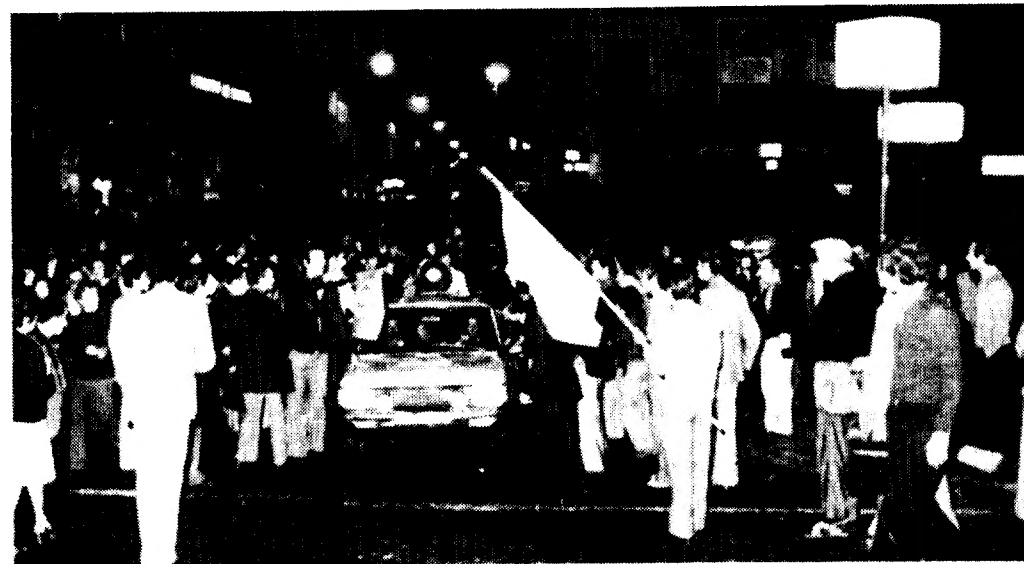
Continua na pág. 20

CONTINUA A VIOLÊNCIA NO PORTO : 60 FERIDOS ASSALTADAS SEDES DE PARTIDOS DE ESQUERDA

PORTO, 11 (da nossa delegação) — A agudização dos problemas que se vivem na cidade do Porto em consequência dos rumos que parece querer tomar a Revolução portuguesa traduziu-se ontem em mais uma noite de violência que transformou o centro da cidade em autêntico campo de batalha enquanto decorriam

caminho do R.A.S.P., em Vila Nova de Gaia. Sessenta pessoas feridas, quatro das quais de alguma gravidade, que ficaram internados no Hospital de Santo António e a destruição pelo fogo das sedes da U.D.P., na Praça D. João I, e do «Grito do Povo», na Av. dos Aliados (antiga sede do Jornal de Notícias) com rebentamento de

luta de classes em torno de medidas controversas e comprometedoras para o avanço da Revolução, como os saneamentos à esquerda, o descongelamento das contas dos sabotadores, as dificuldades criadas às organizações populares de base, como é o caso mais nítido do Conselho Municipal do Porto, ge:am dia-a-dia um



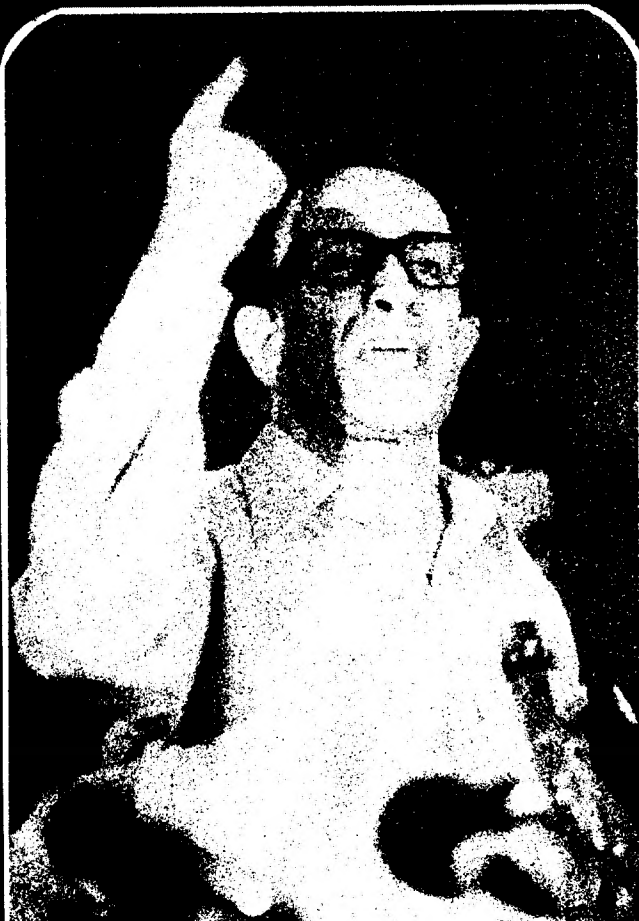
duas enormes manifestações, uma do P. S., na Praça Humberto Delgado que se dirigiu mais tarde para o C.I.C.A.P. e para o Quartel-General e outra do Conselho Municipal, que saiu da Praça da Liberdade a

petardos, tiros de G-3 e de pistola, além de pedradas e confrontos à paulada, foram a expressão da violência ontem vivida nesta cidade e que se prolongou até ao fim da madrugada de hoje. A agudização da

clima de radicalização de posições que não há dúvida estar a ser aproveitado por grupos marginais que alguém aproveitaria para pretender demonstrar na prática a inviabilidade das

Continua na pág. 20

VASCO, FINALMENTE



“Sem a luta dos trabalhadores cairemos num regime de direita”

Nas manifestações e comícios, os trabalhadores gritam em coro: «Vasco voltará». Em entrevista muito recente, Otelo Saráiva de Carvalho presta-lhe homenagem e admite que Vasco Gonçalves regressará brevemente à cena política. No Alentejo, os mais sacrificados e explorados de todos os trabalhadores portugueses continuam à sua espera, certos como estão de que ainda nenhum político os compreendeu melhor do que o militar revolucionário que encabeçou quatro Governos provisórios. Mas, Vasco tem estado silenciado desde que, há pouco tempo (como o tempo corre depressa!) o seu V Governo caiu à custa de golpes palacianos sucessivos, no cúmulo de uma inacreditável campanha interna e externa contra um só homem. Vasco disse finalmente de sua justiça, numa entrevista cheia de interesse que hoje publicamos. «Sem a luta firme dos trabalhadores, cairemos num regime de direita», repetiu com toda a coerência.

(LER NA PÁG CENTRAL)

PARA O A.M.I.? RECRUTAMENTO URGENTE DE TROPAS LICENCIADAS

Pelo Decreto-Lei 577-A/75 de 8 de Outubro promulgado pelo Conselho da Revolução, poderão ser convocados com carácter de urgência os militares na situação de disponibilidade ou que se encontram nas quatro classes mais recentes das tropas licenciadas, cuja especialidade lhes tenha possibilitado preparação militar mais cuidada.

Recorda-se que uma praça é licenciada aos 29 anos, enquanto os sargentos e oficiais são licenciados apenas aos 35 anos.

Num artigo único, acrescenta o decreto: **Independente-**

mente da classe ou turno de incorporação, a convocação poderá assumir aspecto selectivo, tendo em vista as necessidades de serviço, a especialidade e capacidade técnica dos elementos a convocar, bem como menor prejuízo para o normal funcionamento dos serviços e actividades imprescindíveis à vida da Nação, bem como, sempre que possível, a sua situação de desempregados

Continua na pág. 10

Nacional

APROVADO EM PLENÁRIO DO G.D.A.C.I.

ACTUAL ASSEMBLEIA DA FORÇA AÉREA NÃO SERVE PROCESSO REVOLUCIONÁRIO

● VOTO DE DESCONFIANÇA PARA O GENERAL PINHO FREIRE

«Considerando que a actual assembleia da Força Aérea tem uma composição que não serve de maneira alguma o processo revolucionário», o Grupo de Detecção Alerta e Condução da Intercepção n.º 1 da Força Aérea (G. D. A. C. I.) apresentou uma exposição, na Assembleia da F.A. que ontem se realizou, na qual relatam os acontecimentos passados na unidade entre 29 de Setembro e 8 de Outubro. Para além de exigir a retirada imediata do A.M.I. das instalações de Monsanto, o que já se verificou, o plenário de praças daquela unidade aprovou um voto de desconfiança contra o general Pinho Freire, comandante da 1.ª Região Aérea.

Cronologicamente, e segundo o comunicado do G. D. A. C. I., os acontecimentos passaram-se assim:

Segunda-feira dia 29 de Setembro — Às 17 horas é dada ordem de prevenção rigorosa. Não é dada uma explicação oficial do porquê da mesma; às 21 horas e 30 minutos começam a chegar ao Comando da 1.ª Região Aérea oficiais dos 3 regimentos das Forças Armadas, alguns deles trazendo a protegê-los escoltas armadas, como é o caso do comandante da E. P. I. de Mafra, afirmando pretenderem falar com o brigadeiro Egídio, comandante do A. M. I. (Agrupamento Militar de Intervenção). Entre estes militares destaca-se a presença do major Lobato Faria, do Regimento de Comandos da Amadora, e outros oficiais de Cavalaria e Infantaria; por este motivo a Polícia Aérea sentiu

a necessidade urgente de se armar e montar um sistema de segurança à unidade visto desconhecer a finalidade dos referidos contactos. Mobilizaram-se desta forma os furiéis milicianos e as praças da Polícia Aérea, que montaram um reforço junto das portas de armas de colaboração com uma ronda interna e outra externa.

No dia seguinte, depois de ter sido levantada a prevenção rigorosa, que passou a vigilância reforçada, os oficiais milicianos que prestavam serviço no Centro de Operações, onde se encontrava o A. M. I., foram informados que deveriam abandonar o serviço a partir das 17 horas, sem qualquer explicação para esta mudança de «hábitos». Na quarta-feira, 1 de Outubro, chegaram à unidade dois pelotões de para-que-

distas do D. G. A. F. A., munidos de armas ligeiras e pesadas para montar segurança à messe de Monsanto, onde se encontravam reunidos o Primeiro-Ministro, major Melo Antunes, Magalhães Mota, Almeida Santos e outros. Os para-que-distas, contactados, disseram saber apenas que vinham defender o Primeiro-Ministro, que ali ia dormir, de ataques de civis armados. Na sequência destes acontecimentos realizou-se um plenário de praças no dia 2, tendo sido aprovadas as seguintes moções: uma contra o A. M. I. e exigindo a sua retirada do G. D. A. C. I.; outra contra os saneamentos à esquerda verificados nesta unidade nomeadamente do capitão Sobral Costa e do capitão Sousa Ferreira.

Foi igualmente analisado o comportamento e o grau de

responsabilidade do comandante da 1.ª Região Aérea, responsável por estes saneamentos, pela suspensão das rondas da Polícia Aérea à cidade de Lisboa, pela presença do A. M. I. no G. D. A. C. I. além de outras medidas repressivas. Assim, foi aprovado por unanimidade um voto de desconfiança ao comandante da 1.ª Região Aérea general Pinho Freire.

Foi igualmente decidido neste plenário de praças a não comparência da Polícia Aérea nas comemorações do 5 de Outubro.

Por fim a Polícia Aérea do G. D. A. C. I. acaba por reafirmar que nunca participará na formação do A. M. I. e que estará sempre ao lado das massas trabalhadoras «por muito que custe a certos senhores das Forças Armadas».

SÁ CARNEIRO NO COMÍCIO DO P.P.D.

"PLANOS DIABÓLICOS" DO P.C.P.

Em tom de segredo, o ex-deputado da A. N. P. e actual secretário-geral do Partido Popular Democrático, Francisco Sá Carneiro, «revelou» ontem à noite que Portugal vive actualmente uma das últimas fases do assalto que levará o P. C. P. ao Poder e à consequente submissão do País, e da Europa, à União Soviética.

Num comício realizado no Campo Pequeno o P. P. D. também apresentou ao povo de Lisboa, as técnicas que foram



P. P. D. não transigirá!

usadas há bem pouco tempo no Norte do País para levar sectores menos avisados da população a assaltar e destruir as sedes de partidos progressistas, instigados e auxiliados por E. L. P.'s e M. D. L. P.'s, baseadas num anticomunismo total, que algumas vezes chegam à estultícia.

Confirmando as suas qualidades de orador, e revelando uma nova faceta, a artística, o secretário-geral do P. P. D. pronunciou um longo discurso em que os cerrados ataques ao P. C. P., aos «S. U. V. (iéticos)» e à «F. U. R. (iosa)», deleitaram a selecta e risonha assistência.

E sob os gritos de «Sibéria por Cunhal-P.P.D. pra Portugal», «Assassinos», «Morte ao Careca», «F. U. R.», escuta, P. P. D. está em luta», «Governo só há um, o VI e mais nenhum» e «Pinheiro de Azevedo, pra frente sem medo», entre outras palavras de ordem, Sá Carneiro foi falando. Começou por recordar os militantes do P. P. D. durante a «onda de violência» que ocorreu no Norte, no final do V Governo e imediatamente passou ao ataque, «denunciando» a «desvergonha» que ocorre no País, quando «minorias de marginais», civis e militares, ao lado de «minorias comunistas» querem to-

mar o Poder.

Mencionando o que se passou em frente ao R. A. S. P. na madrugada da passada quinta-feira, Sá Carneiro reivindicou para o P. P. D. a condição de vítima e acusou o P. C. P. de tentar inverter os papéis, mesmo depois dos comunicados da R. M. N. e do próprio Governo. Perguntando o que o Partido Comunista está a fazer neste mesmo Governo, o secretário-geral do P. P. D. afirmou: «É preciso não ter pudor para, depois disso, manter um pé dentro e dois fora».

Quanto às «fases» de «assalto ao Poder» por parte dos comunistas, Sá Carneiro disse que actualmente, vive-se a última fase: a da «subversão generalizada» e que «o P. C. P. tem que dominar os militares para defender o que já conquistou, nomeadamente depois do 11 de Março, ao que os presentes responderam com os gritos de «Inventona». E o secretário-geral do P. P. D. foi mais longe nas suas «revelações»: «Depois de garantir o controlo parcial de Moçambique e da Guiné, o P. C. P. quer fazer o mesmo em Angola ao entregar o Poder ao M. P. L. A. Este é um dos fins prioritários. Suponho que o Presidente da República, na sua recente visita ao Leste, não terá deixado de sentir pressões discretas a esse respeito».

Pedindo que o general Costa Gomes nomeie um novo chefe do E. M. G. F. A., para que seja evitada a «subversão, indisciplina e a agitação provocadas pelos S. U. V. e pela F. U. R.», Sá Carneiro «desvendou» o segredo dessas organizações: trabalharem para a volta do general Vasco Gonçalves, o que provocou sustos e gritos de «Nunca».

Sá Carneiro não esqueceu o P. S., criticando este partido «que diz que a social-democracia não resolve, vindo depois a defender posições sociais-democratas».

O seu discurso terminou com promessas de que o P. P. D. não transigirá e com vivas à ordem, à autoridade, a Portugal e ao partido.



ASSEMBLEIA
CONSTITUINTE

Para trás, não!

Para trás é que não se volta de certeza, concluiu o deputado Jerónimo de Sousa, operário metalúrgico, ao referir-se na sua intervenção de ontem às lutas que a sua classe vem desde há muito travando. Frisando que os «operários nunca vão para uma greve com sorriso nos lábios», este deputado (do P.C.P.) visando o actual ministro do Trabalho e respectivo secretário (Marcelo Curto) perguntaria:

— porque é que o sr. ministro procura atirar os camponeses contra operários?

— não sabe o sr. ministro que estamos a auxiliar a luta dos camponeses através da solidariedade moral e material, coisa que devia ser feita pelo Governo?

O sr. ministro e o sr. secretário lembrar-se-ão dos camponeses quando estão a receber o cheque de dezenas de contos de salário?

então uma portaria que nos vem dar aumentos salariais de cerca de 20 por cento é alguma coisa de extraordinário se tivermos em conta que o custo de vida aumentou mais de 25 por cento desde Maio do ano passado?

fomos nós trabalhadores que fizemos fugir pelas fronteiras mais de 6 milhões de contos?

é este o Governo de Salvação Nacional?

com sincera alegria o digo!... Na terça-feira a meu lado vi trabalhadores socialistas, comunistas e sem partido a lutar pelos mesmos objectivos. Vi os meus camaradas da Lisnave, Sorefame, Mague, Cel-Cat, etc., que pouco ou nada beneficiarão com o novo contrato colectivo dos metalúrgicos e que foram criticados pelo sr. ministro e seu secretário. Aprendam connosco estas duas coisas muito importantes sr. ministro e sr. secretário!... A solidariedade para com os nossos irmãos de classe foi coisa que sempre fizemos!

A classe operária sabe que isto não vai ser fácil! Mas para trás é que não volta de certeza!...

A ESCOLA

Amaro da Costa referir-se-ia, antes da ordem do dia, também, à questão açoriana. Respondendo às

acusações de Vital Moreira e Jaime Gama sublinharia que o C.D.S. não se encontra sequer representado na Junta Regional nem tem qualquer deputado eleito por aquele círculo. Diria pois que as suas responsabilidades são escassas, visando, indirectamente, o P.P.D. e o P.S.

Na ordem do dia a assembleia aprovaria a norma segundo a qual o «Estado reconhece e garante a todos os cidadãos o direito ao ensino e a igualdade de oportunidade de formação escolar».

Sobre este ponto é de salientar a intervenção de Vital Moreira (P.C.P.). O deputado comunista apontaria, com notável clareza, cinco questões fundamentais para compreensão e resolução da norma ontem aprovada.

Em primeiro lugar Vital Moreira lembrou que «a escola é também, uma estrutura de reprodução das relações sociais». Frisou em seguida que «democratizar a escola é abri-la às classes trabalhadoras e pô-la progressivamente sob o seu controlo; é integrá-la na estratégia global de construção de uma sociedade democrática e socialista».

O deputado comunista indicaria depois que «a verdadeira democratização só pode advir do estabelecimento de uma decidida estratégia compensatória, integrada por medidas de discriminação positiva a favor dos trabalhadores e dos seus filhos».

Salientou ainda que o «acesso à escola não é tudo», chamando a atenção para as vantagens dos filhos das classes privilegiadas. Estas ao chegar à escola encontram uma linguagem que é a sua, um ambiente que é o seu; o conteúdo dos programas e os centros de interesse são-lhe familiares».

Finalmente chamou a atenção para a necessidade do princípio da «gestão socialista» que implica a participação dos trabalhadores ou seus representantes no Governo da escola, e que a escola deve estar ao serviço da democratização da sociedade, ou seja, o ensino deve ter um conteúdo progressista e adequado às necessidades nacionais».

E. A.

E P A L EMPRESA PÚBLICA DAS ÁGUAS DE LISBOA

EMPREITADA DE FORNECIMENTO E MONTAGEM DE DOIS GRUPOS ELCTRO-BOMBAS DESTINADOS A ESTAÇÃO ELEVATÓRIA DOS OLIVAIS

10.ª AMPLIAÇÃO

ANÚNCIO

Faz-se público que foi prorrogada para o dia 28 de Outubro de 1975 a data da abertura das propostas do concurso em referência.

De harmonia com o respectivo programa, as propostas deverão ser entregues até às 17 horas do dia 27 de Outubro, na Secretaria dos Serviços Técnicos da Empresa, mantendo-se todas as demais condições do anúncio já publicado.

Lisboa, 9 de Outubro de 1975

Pela EMPRESA PÚBLICA DAS ÁGUAS DE LISBOA

O Presidente da Comissão de Fiscalização
Eng.º João Bau

HONDA 600 RENAULT 4L
PEUGEOT 404 DIESEL

VENDEM-SE

Mostram-se na Garagem Sacor nas Portas de Benfica.

CAVES REGIONAIS DE SANTA LUZIA, LIMITADA

Certifico, para Efeitos de publicação, que por escritura de 10 de Julho de 1975, lavrada de fls. 45 a fls. 47 do livro de notas para escrituras n.º H-14, do 12.º Cartório Notarial de Lisboa, a cargo da notária lic. LIDIA RODRIGUES MAIA DEVEISA, foi parcialmente alterado o pacto social da sociedade comercial por quotas, de responsabilidade limitada, com adominação em epígrafe, a qual tem sede em Lisboa, substituindo os artigos segundo e terceiro e aditando a este um parágrafo único, tudo pela forma seguinte:

SEGUNDO: O capital social e de NOVENTA CONTOS, todo realizado em dinheiro e nos diversos valores do activo, é representado por três quotas dos valores nominais, respectivamente: cinquenta e quatro contos do sócio Manuel Mari as Neves Magalhães Basto; dezoito contos do sócio Anselmo de Matos Araújo e dezoito contos da sócia Maria do Carmo Moreira Araújo.

TERCEIRO: A gerência da sociedade, bem como a sua representação em juízo e fora dele, activa e passivamente, pertence a todos os sócios, já nomeados gerentes sem caução e com ou sem remuneração conforme for deliberado em assembleia geral, sendo necessárias as assinaturas de dois sócios para obrigar a sociedade, uma das quais será sempre do sócio Manuel Maria das Neves Magalhães Basto, ou seu delegado.

PARÁGRAFO ÚNICO: A sociedade pode constituir mandatários, assim como qualquer dos sócios pode delegar os seus poderes de gerência, por procuração, mesmo em pessoa estranha à sociedade.

Está conforme. — Lisboa, quatro de Setembro de mil novecentos e setenta e cinco.

O Ajudante — Ezequiel Gonçalves dos Santos

post scriptum

Srs. da RTP:

mostrem como se vota em Portugal

Nunca direi mal dos «Teleforuns», até porque correríamos o risco de nos servirem pela terceira vez algum episódio dos «Inquéritos do Comissário Maigret» ou do «Sinal do Dragão».

No «Teleforum» do dia 6, a incursão no passado foi de tal ordem que, quando alguns dos espeleólogos regressaram à superfície, de tão tonsos, nem atinavam com as vias para o Socialismo. Descobriu-se por fim que Alexandre Herculano tinha sido antidemocrata. Foi completamente desmascarado o patife! Mas não perde pela demora, no próximo comício já ajusto contas com ele.

Infelizmente não se falou dos antidemocratas de 1975. Penso que disso se ocupará o próximo «Teleforum».

Foi esmagadora a lição que o sr. Sottomayor Cardia nos deu. Claro que admite haver padres e caciques que levam as populações a votar em quem eles entendem. Mas temos que respeitar isso. Votam — pronto. É o Povo que temos, é o povo que há. Se votarem fascista, pois paciência, em boa democracia há que se entregar o poder aos fascistas.

Não é legítimo contrariar os manipuladores reaccionários que, coitados, tanto se estafam na caça ao voto. Caramba, também são portugueses! Socialismo, sim, mas não imposto por vanguardas ou por cúpulas. Já há dias nos advertiram sobre esse negócio das cúpulas, veja-se o que aconteceu em Cuba onde o povo leva uma vida horrorosa, perguntem à CIA, esta senhora foi torturada pelo Fidel Castro em pessoa, são de arrepiar as histórias que se contam.

A propósito do que se ouviu neste «Teleforum», tive a ideia de propor à RTP que dedicasse um dos seus próximos programas ao assunto das eleições. Tivemo-las há pouco tempo, dizem que as vamos ter brevemente. São ponto quente da vida nacional e nem se chega a compreender que a RTP se tenha até agora mantido alheia ao problema.

Para tal «Teleforum» deveriam ser convidados alguns sociólogos (de quem Pinochet não gosta...), alguns historiadores, alguns dirigentes políticos, incluindo o sr. S. Cardia, e até directores de «marketing», que tanto sabem da manipulação de eleitores, quero dizer, de consumidores. O programa seria iniciado com a apresentação de uma reportagem (longe), feita de Norte a Sul do País, em que as pessoas seriam interrogadas sobre o que pensam de eleições, o motivo por que votaram e, sobretudo, como chegaram a uma opção de partido.

Senhores da RTP: há que andar depressa, mostrem ao País (muito depressa) como se vota em Portugal.

J. Rebelo Montes — Monte Abraão, Queluz.

«Um jornal para cada português»

Assim como quem não quer a coisa, veio-me parar às mãos um jornal trazendo em letras gordas no cabeçalho a intitulação de «Jornal de Lisboa». Ano 1, N.º 1, Setembro 1975, director-redactor-editor-proprietário: Apio Garcia.

Deste modo fiquei a conhecer mais uma importante personalidade criadora do nosso País, que só por grave falta minha ainda não conhecia de lado nenhum que fosse ou de nome sequer. E os dias em que tais eventos se verificam não devem ficar esquecidos. Vendo as coisas pelo meu lado, claro!

Pois é! Aqui está de facto um homem de coragem. Um homem que, sozinho, se dá ao enorme trabalho de parir um jornal, que vem finalmente preencher uma das maiores lacunas da nossa Imprensa e que muitos dos melhores portugueses, já terão sentido bastas vezes. Um homem que vem dar ao País «um arquivo eventual de algo que poderá apresentar especial interesse para certas camadas», do povo, evidentemente!

Regozijemo-nos. O País está mais rico. Numa altura em que se começava a notar uma assustadora carência de jornais, especialmente de jornais úteis à comunidade em geral, em que se luta com uma tremenda escassez de mão-de-obra jornalística capaz de formar o nosso povo como deve ser, levanta-se um patriota de rija tempera que se ri de todas essas dificuldades e as ultrapassa num ápice. Ele próprio, esforçadamente, recorrendo unicamente mas a todas as suas forças, faz o jornal de fio a pavio.

O que realmente importa é que ele aí está com toda a sua pujança, a dar um exemplo de tremendo patriotismo. E desses exemplos é que nós precisamos cada vez mais. O acto heróico que nos conta, a página dois (porque não na um?) inteira, ocorrido com os tenebrosos pides, é um valioso testemunho para que não fique margem a dúvidas quanto à sua sagacidade e inteireza. Mas vamos ao exemplo, senhores! O exemplo de coragem que nos dá com a sua atitude firme e inequívoca, que o leva a vencer todas as barreiras, para fazer um jornal sozinho. Que, se nele atentarem bem todos os portugueses que se prezam, poderá muito bem ser o arranque decisivo para que, dentro de pouco tempo, possa haver no nosso País um jornal para cada português.

Daqui gostaria de endereçar, caso fosse possível, um pedidinho simples. Apenas isto: que, no seguimento da linha de orientação do seu jornal, o senhor Apio traga à ribalta na próxima edição a descriçãozinha da carreira brilhante de algumas das famílias portuguesas que mais se têm esforçado, derramando o seu suor na construção da felicidade do nosso Povo, como por exemplo os Espíritos Santo, Champallimaud, Mello e a outros abnegados génios do nosso jardim à beira-mar plantado.

Mário M. Pereira — Lisboa

INDONÉSIA:

DEZ ANOS DEPOIS DO PUTSCH

A 30 de Setembro de 1965, um pequeno grupo de oficiais, dirigido pelo tenente-coronel Untung, membro da guarda do presidente Sukarno, anunciava a descoberta de um «complot» contra o chefe do Estado e, para o evitar, realizava um conselho revolucionário.

Este «complot», declarou Untung, era consequência de um certo **Dewen General**, conselho (clandestino) de generais de direita que **apadrinhado pela CIA** e aproveitando-se da doença de Sukarno, decidira tomar o poder a 5 de Outubro. Untung apresentou a sua acção como uma simples medida de saneamento do exército: alguns oficiais seriam impedidos de causar qualquer prejuízo; os partidos continuariam a funcionar normalmente **levando as suas actividades ao conhecimento do conselho revolucionário**; a política estrangeira manter-se-ia sem mudanças.

Vários generais foram assassinados pelos homens de Untung. Mas, muito rapidamente, os elementos de direita do exército, tomaram o controle da situação. Desde o dia 1 de Outubro que o conselho revolucionário estava eliminado. A 3,

do arquipélago multiplicava-se e ao mesmo tempo empobrecia. Sukarno continuava a julgar que os problemas de fundo podiam resolver-se pelo método tradicional dos discursos. O papel que representava no Terceiro Mundo, as suas boas relações com a China, o combate levado a efeito contra a Malásia nos territórios do norte de Bornea, tinham-lhe feito esquecer a administração e, mais ainda, as lutas que agitavam a sociedade indonésia.

Sukarno não deixou de arbitrar entre forças antagonistas: julgava poder realizar uma espécie de síntese ideológica entre os grandes componentes da sociedade.

A ATITUDE DO PC

Na verdade, muitas forças se opunham à revolução, e o PC, por seu lado, não tinha, apesar dos seus progressos, o poder que geralmente se lhe atribui. Algumas correntes islâmicas, a maioria dos militares e dos burocratas, os senhores dos campos (mesmo que não se tratasse de grandes senhores agrícolas), numerosos intelectuais das cidades cansados de ouvir

estado em que os seus militantes se encontravam rápida e muito massivamente admitidos no partido, eram vítimas da estratégia falsamente unificante de Sukarno e da participação no poder de vários dirigentes comunistas. Não estavam nada preparados para um confronto de classes. Quando Aidit o compreendeu, era decerto tarde demais. Sukarno recusou, decerto, curvar-se às exigências do secretário-geral do Partido Comunista.

Por seu lado, a direita preparava o futuro. Os seus verdadeiros chefes não eram obrigatoriamente os mais conhecidos no estrangeiro. Quem notou na altura que, em 1961, a campanha anti-holandesa na longínqua Nova Guiné ocidental era dirigida por um tal general Suharto, proveniente da prestigiosa divisão javanesa Diponegoro? Quem se lembrava de que em 1963, esse mesmo oficial se tornou comandante das forças estratégicas de reserva? Neste lugar-chave podia organizar um conselho clandestino de generais, e um dispositivo eficaz em caso de perturbações ou de vaga no poder.

A 1 de Outubro de 1965, em

tribuiu grandemente para unificar. Foi decidido pois minar progressivamente a sua autoridade. O chefe do Estado, fisicamente enfraquecido, já não podia fazer o seu jogo tradicional de equilíbrio, visto o «pilar» comunista ter desaparecido (Aidit foi morto, outros dirigentes do PC foram presos). Em Março de 1966 entregou o poder ao general Suharto, embora se mantivesse chefe do Estado. Um ano depois o general Suharto tornava-se chefe de Estado **ad interim** e, em Março de 1968, titular do posto. Quando em 21 de Junho de 1970 Sukarno morreu, a sua figura, já pertencia ao passado.

A selvajaria com que foi feita a repressão em 1965 e 1966, a arte consumada com que o general Suharto manobrou entre os «clans» militares, permitiram ao regime manter-se sem demasiadas dificuldades, durante o passado decénio.

Mas as decisões vêm menos do parlamento (que foi criado em 1971) do que do palácio presidencial, dos fortes comandos militares provinciais e dos escritórios dos peritos estrangeiros, entre eles os do bando mundial.



Sukarno pedia aos militares que esquecessem as suas discussões. Houve alguns choques entre unidades opostas no centro de Java. No entanto, nada na aparência mudara. A história contemporânea da Indonésia foi marcada por tantos complotes e rebeliões que o caso de 30 de Setembro teria podido ser um simples incidente. De facto, tratava-se de um acontecimento considerável para o arquipélago, para o Terceiro Mundo e para o movimento comunista internacional.

O velho e frágil equilíbrio entre os nacionalistas, o exército e o PC acabava, com efeito, de estar definitivamente. A manobra abortada de Untung fora a reveladora de uma crise muito profunda. Desde o verão de 65 que se iniciara em Djakarta a luta pelo poder.

Sukarno envelhecia e todos sabiam que o desaparecimento desse potentado populista cujo verbo subjugava as multidões, teria por consequência um impossível frente a frente entre a casta militar — que sempre se quis guardiã da «revolução» — e o PC que em poucos anos realizara enormes progressos.

A situação era tanto mais perigosa quanto Sukarno e a sua equipa nunca tinham dado a merecida atenção aos problemas económicos. A população

Sukarno falar de tudo e de nada, e que o consideravam oficial às ordens do comunismo, estavam dispostos a unir-se, senão num programa, pelo menos contra uma tomada de poder pela esquerda.

Alguns meses antes do golpe de Estado efectuaram-se, em numerosos distritos, ocupações «selvagens» de terras, às vezes organizadas por militantes do sindicato dos camponeses (controlado pelo PC). A direcção comunista «cobriu» mais do que decidiu esses movimentos sociais. A sua atitude era profundamente ambígua já que por um lado tinha de admitir que a luta das classes se amplificava, e, por outro, como força participante do governo, negar a existência dessa mesma luta.

A partir do fim de 64, Aidit secretário-geral do PC, começou a pedir a Sukarno o armamento de milhões de camponeses e operários. Oficialmente tratava-se de manter a luta armada contra a Malásia. Mas Aidit tinha, evidentemente, outras preocupações. Terá sido influenciado por uma potência exterior? As suas boas relações com a China eram conhecidas, mas fizera também uma longa viagem a Moscovo no início de 1965. Sentiu-se, em todo o caso, consciente do

poucas horas, Suharto e os amigos compreenderam que era altura de atacar. Bastam-lhes alguns dias para se lançarem na terrível repressão contra os comunistas e a esquerda em geral, acusados sem prova decisiva de haver fomentado o golpe de força dirigido por Untung a 30 de Setembro. A minúcia com que os militares e os seus aliados civis procederam aos massacres e às prisões permite pensar que muitos oficiais se haviam preparado antes da operação falhada de Untung.

Já não se tratava, como nos anos precedentes, de se entregar a sábias doses: um pequeno golpe à direita, um pequeno golpe à esquerda. Desta vez, o exército queria acaparar todos os poderes. De resto, seria erróneo acreditar que a sua acção foi, um primeiro tempo, impopular. Os poderosos e jovens movimentos estudantis lançaram-se, por exemplo, na luta anticomunista e antisukarniana. Levaram algum tempo a compreender que a mudança de regime não significava a instauração de um poder democrático.

O general Suharto não pôde eliminar brutalmente Sukarno: o homem era demasiado célebre num arquipélago que con-

A louca inflação da era sukarniana foi jugulada. As cidades e os portos abandonados voltaram a funcionar. Mas os desafios do passado mantêm-se: a explosão democrática, a extrema pobreza da imensa maioria, coexistindo com a escandalosa opulência de um punhado de novos ricos, o desemprego, o mal-estar dos diplomados, as difíceis relações entre o «centro» javanês e a periferia o futuro incerto do campesinato. O próximo florão da coroa — a grande sociedade nacional petrolífera Pertamina — está embaciado por uma dívida enorme e uma gestão criticada. Mesmo que algumas acções fossem então telecomandadas por um clan de oficiais, os motins antijaponeses de Janeiro de 1974 mostraram (porque o Governo era tão visado como o primeiro-ministro nipónico) que a popularidade do regime tinha limites. O seu liberalismo também os tinha, já que meses depois era preso o grande jornalista Mochtar Lubis, que já fora preso por Sukarno e que não pode ser considerado um revolucionário perigoso.

A «via» indonésia ainda não foi encontrada: nem a fraseologia sukarniana, nem o PC, nem o exército no poder contribuíram para a traçar.

Nacional

INCIDENTES DO PORTO

CICAP NÃO FECHA, REACÇÕES NÃO FALTAM

Os acontecimentos que se deram na noite do passado dia 8 no Porto continuam a suscitar as mais vivas reacções por parte tanto das diversas organizações políticas como de inúmeras organizações não partidárias. Pondo de parte, para abreviar a referência, as reacções das diversas organizações não partidárias (todas caracterizadas fundamentalmente pela reprovção do comportamento do P. P. D., que consideram abertamente responsável pela situação que se criou), podemos deter-nos nas pronúncias partidárias e assinalar desde já que os incidentes registados suscitaram fundamentalmente duas reacções: por um lado, as forças de esquerda responsabilizam o P. P. D. e apontam para a gravidade das consequências bem como para o significado político claro dos incidentes que se deram; por outro, o próprio P. P. D. e o P. S., que continuam a atribuir às forças de esquerda a responsabilidade maior da situação que se passou na noite de 8 para 9 no Porto, mais pro-

priamente em Gaia, considerando que estes incidentes só foram possíveis enquadrados numa situação mais geral em que o País se encontra e onde é possível às massas populares movimentarem-se organizadamente (e a propósito, o bloco P. S.-P. P. D. insiste, ainda e sempre, na tónica do caos, da desordem, da indisciplina, da anarquia, ou similares).

REACÇÕES À ESQUERDA

Um comunicado da DORN do P. C. P. datado de 9, condena vigorosamente a acção do P. P. D. e a sua «política abertamente reacçãoária que tem por objectivo impedir o desenvolvimento do processo revolucionário rumo ao socialismo». Pormenor por pormenor, a DORN analisa o que se passou na noite dos incidentes, para chegar à conclusão de que «o prosseguimento da revolução coloca hoje na ordem do dia, como objectivos imediatos: o fim dos sanea-

mentos à esquerda e da tolerância com as acções contra-revolucionárias; a defesa da democracia e das conquistas dos trabalhadores; o reforço das posições das forças revolucionárias no Conselho da Revolução e no Governo, nomeadamente pela saída do P. P. D., cuja actividade contra-revolucionária, como o demonstrou esta manifestação provocatória, se denuncia cada vez mais claramente».

No mesmo dia, o Comité Regional do Porto da Liga Comunista Internacionalista emitiu um comunicado muito breve, dizendo assim: «Depois da grandiosa manifestação de apoio aos soldados do CICAP, a reacção capitalista elegeu o RASP como um dos seus maiores inimigos. Na verdade, é desta unidade que parte neste momento uma poderosa mobilização dos trabalhadores e em especial dos soldados do Norte do País que põem em causa todas as decisões que o brigadeiro Pires Veloso tentou

pôr em prática, em particular com o encerramento do CICAP. Não admira, portanto, que na sequência de uma manifestação convocada pelo P. P. D. para a Praça Humberto Delgado, os manifestantes se tenham deslocado inicialmente ao CICAP para dar apoio aos ocupantes desta unidade e que, não contentes com isto, se tenham dirigido para o RASP, procurando o confronto com os trabalhadores, os soldados e revolucionários, que em frente a esta unidade permaneciam de vigilância».

«É necessário que todos aqueles que estão ao lado da revolução, que estão ao lado da luta dos soldados do CICAP compreendam o significado desta provocação armada — diz a L. C. I. — é uma tentativa desesperada da reacção capitalista de fazer aquilo que parece quase impossível — aniquilar a luta e a organização dos soldados, restabelecer a autoridade dos comandantes reacçãoários, «desocupar» o RASP».

P S E P P D

O P. S. pronunciou-se no dia 9 dizendo que os acontecimentos vieram confirmar os fundamentos do alarme por ele lançado no passado dia 1. «O P. S. denuncia uma vez mais a vergonhosa campanha de calúnias às Forças Armadas, encabeçada pelo P. C. P. e seus lacaios da FUR» (sic) e «alerta todo o povo do Norte para aumentar a sua vigilância revolucionária em defesa da liberdade, da democracia e do socialismo, não se deixando confundir por radicalismos de quem joga os seus interesses de minoria em prejuízo das justas aspirações da esmagadora maioria do Povo Português».

Não é diferente a posição do P. P. D. Para o P. P. D., «a situação é clara: o Partido Comunista, os satélites de facto ou de momento e grupos de extrema-direita (sic, uma vez mais) congregam todos na tentativa de derrube, por actividades criminosas de rua, do actual Governo. A razão está — diz o P. P. D. — em que a nenhum deles interessa a consolidação de uma democracia pluralista estável em Portugal».

Um dia antes dos acontecimentos, o P. P. M. emitira um comunicado que vale a pena reter pela perspectiva antecipada que nele transparece dos acontecimentos gerais onde os acontecimentos se enquadram. «Portugal precisa de ordem para poder avançar revolucionariamente» — dizia o P. P. M. — O Exército só será a alma e o espírito do povo quando reflectir a própria vontade popular; desempenhar o papel de força independente e constituir exemplo de disciplina e de trabalho. Para isso terá que dizer não ao suicídio político para onde minorias sem expressão o querem atirar. O P. P. M. está intransigentemente com o povo contra a traição. «Mais, o P. P. M. «está sinceramente com o Comando da Região Militar do Norte». Mais, o P. P. M. «está com os militares que cumprem o seu dever».

«Contrariamente ao que foi propagado, a unidade (C. I. C. A. P.) não é extinta, mantendo-se na estrutura orgânica estabelecida para a Região Militar do Norte» — começa assim um comunicado do chefe do Estado-Maior do Exército, hoje distribuído e que, neste ponto, contraria frontalmente a decisão de encerrar o Centro de Instrução de Condução Auto do Porto, tomada pelo brigadeiro Pires Veloso, comandante da R. M. N., o qual chegou a afirmar que as instalações daquela unidade poderiam ser utilizadas como escola.

O comunicado do C. E. M. E. diz ainda o seguinte:

«Decorre um inquérito para apuramento das causas que determinaram esta situação.

«Entretanto, o pessoal presumivelmente implicado manter-se-á na situação de licença, retomando a unidade a sua vida normal após a conclusão do inquérito em curso.

«O Chefe do Estado-Maior do Exército sublinha a sua intenção de construir um Exército correctamente inserido no processo revolucionário esperando que todos os militares sob as suas ordens entendam e colaborem nos esforços que estão a ser desenvolvidos nesse sentido.

«De igual modo sublinha a necessidade fundamental da cooperação dos órgãos de Comunicação Social e do povo português numa base de confiança que, não descurando a

vigilância revolucionária, permitam aos comandos militares a resolução dos graves problemas que afectam a organização militar.

«Notícias especulativas e atitudes que conduzam ao empolamento das situações dificultam a acção de comando e criam um clima geral de ansiedade e insegurança susceptível de levar a confrontos armados que os militares e o povo português recusam firmemente.»

POSIÇÃO DO CONSELHO DE MINISTROS

Referindo «um detalhado comunicado emitido pelo Quartel-General da Região Militar do Norte» como fonte, um não menos detalhado comunicado do Conselho de Ministros debruça-se sobre os acontecimentos do Porto, chamando a atenção «para a escalada de acções políticas posteriores à tomada de posse do VI Governo, visando a sua queda».

Exemplificando com a ocupação da Embaixada Nacional, o ataque à Embaixada e Consulado de Espanha, a «tentativa de sequestro» do Governo, e a «deformação intencional do significado destes e de outros eventos pelos órgãos de Informação, sem excluir os que vivem da cobertura, pelo Estado, do défice consequente da sua ruínosa administração», o Conselho de Ministros afirma que «eram quase previsíveis» os acontecimentos no Porto e em Lisboa (assassinato de um jovem de um grupo político por elementos de outro grupo).

O Governo acha, por isso, que está provada, na prática, a necessidade de «restaurar a autoridade do aparelho de Estado e de repor a disciplina e a ordem».

Através da leitura deste comunicado se fica a saber que o Governo tem tido grandes «manifestações de apoio popular» ao seu programa e que, assim, fica demonstrado que «o país confia no Governo que tem».

Condenando «todo e qualquer recurso à violência, nomeadamente por partidários de grupos políticos minoritários», Conselho de Ministros deliberou «promover a punição pena dos responsáveis e propor ao Conselho da Revolução uma reunião conjunta com o Governo para apreciação conjunta da situação e tomada das medidas que se mostrem necessárias para que o Governo possa ver garantida a necessária estabilidade e demais condições para exercer a sua acção governativa».

O comunicado acusa «alguns órgãos de Informação» de falta de objectividade e imparcialidade, por ter imputado «culpas que não tinham por averiguadas ao P. P. D., partido promotor da manifestação do Porto e que agora se sabe não terem fundamento».

Entretanto, e conforme noticiamos noutro local, foi exigida, durante a manifestação dos S. U. V., em Coimbra, a demissão de Pires Veloso, comandante da Região Militar do Norte e fonte de onde o Conselho de Ministros bebeu a versão dos acontecimentos, que os soldados do R. A. S. P. e os membros dos S. U. V. consideram falsa.

Trabalhadores de várias empresas do Norte continuam, por seu turno, a aprovar moções de apoio «à luta dos trabalhadores fardados do C. I. C. A. P. e do R. A. S. P.».

Sindicato dos Trabalhadores na Indústria Hoteleira e Similares do Distrito de Faro

RUA BRITES DE ALMEIDA, 12-3.º

F A R O

COMUNICADO

A mesa da Assembleia Geral comunica a todos os associados que a partir da próxima sexta-feira, dia 10 de Outubro de 1975, se encontra aberto o acto eleitoral.

1 O referido acto terá lugar nos dias: 10, 11 e 12 de Dezembro de 1975 (Artigo 55.º dos respectivos Estatutos):

a) As mesas de voto funcionarão:

Dia 10 Em Portimão e Lagos
• 11 Em Albufeira e Faro
• 12 Em Vila Real de Santo António e de novo em Faro, na Sede do Sindicato, onde poderão votar todos aqueles que ainda não o tivessem podido fazer.

b) Num próximo comunicado serão indicados a hora e o local de funcionamento das mesas de voto.

2 As mesas de voto serão compostas: pela mesa da Assembleia Geral por um elemento de cada lista concorrente por um elemento de uma Comissão de Trabalhadores existente na Zona onde funciona a mesa de voto, se necessário.

3 As listas deverão dar entrada no Sindicato até ao dia 10 de Novembro de 1975.

Deverão as mesmas ser subscritas por um número mínimo de 100 sócios.

Para todos estes pormenores a mesa da Assembleia Geral desde já chama a atenção para o extracto do regulamento eleitoral, oportunamente distribuído.

4 O Sindicato responsabilizar-se-á pela edição das respectivas listas de voto (Art.º 62.º dos Estatutos), bem como pelo seu custo.

5 Tendo os cadernos eleitorais que ser afixados na sede do Sindicato até ao dia 20 de Novembro de 1975 (Art.º 57.º dos Estatutos), avisam-se os sócios que não tenham as suas quotas em dia de que deverão regularizar essa situação sob pena de não poderem eleger e serem eleitos (Art.º 53.º dos Estatutos).

Para a boa organização de todo este processo, consideram-se com quotas em dia, todos aqueles com quotização paga até AGOSTO de 1975, inclusive.

Como sócios efectivos são considerados todos aqueles que até 20 de Setembro último remeteram para este Sindicato as respectivas propostas, o que aliás já foi informado no último comunicado distribuído.

Ainda sobre quotização, devem os Associados procurar informar-se junto das empresas onde trabalham se aquela foi paga a este Sindicato.

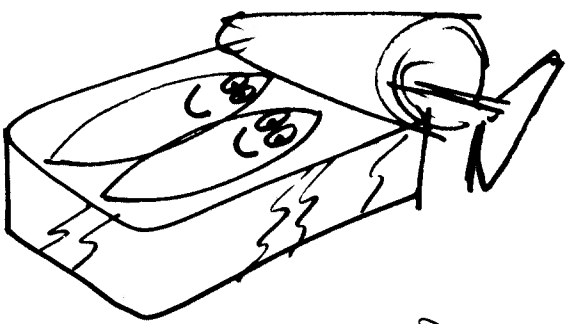
Faro, 8 de Outubro de 1975.

O PRESIDENTE DA MESA DA ASSEMBLEIA GERAL

Carlos Alberto

Estão que nem "sardinha em lata"

Quer dizer: estão gostosas, bem preparadas, sem pele nem espinhas, protegidas de contactos exteriores, mergulhadas no melhor azeite ou óleo, acompanhadas por ingredientes de primeira qualidade. Em resumo: "estão que nem sardinhas (portuguesas!) em lata".



exipha
fabricado
em Portugal

SINDICATO DOS METALÚRGICOS DO DISTRITO DE SANTARÉM

TRAMAGAL

MOÇÃO

Representantes do Sindicato dos Trabalhadores de Comércio e Serviços do Distrito de Santarém, certos de interpretarem a vontade da maioria dos seus colegas, apoiam incondicionalmente justa luta e reivindicações dos trabalhadores Metalúrgicos.

— VIVA A CLASSE OPERÁRIA.

— ABAIXO A BURGUESIA E SEUS LACAIO.

— UNIDOS SOMOS UMA FORÇA.

ASSEMBLEIA POPULAR DA 6.ª ZONA MANIFESTA-SE NA SEGUNDA-FEIRA

Na próxima segunda-feira, às 19 e 30 horas, trabalhadores e moradores da zona do Lumiar, Ameixoeira, Charneca, Campo Grande, Alvalade e São João de Brito vão manifestar-se junto à Câmara Municipal, no Largo do Município, e no Ministério da Administração Interna.

A resolução foi tomada numa reunião realizada no passado dia 8, entre os elementos que compõem a Comissão Dinamizadora Pró-Assembleia Popular desses bairros. O objectivo principal da manifestação é a exigência da rápida criação de um Conselho Municipal, a exemplo do que já existe no Porto, e que há poucos dias sofreu uma tentativa de dissolução que foi vencida pela firmeza popular, além de demonstrar o desejo dos moradores dessas zonas na adopção de soluções para a crise actual, através de medidas que, verdadeiramente, estejam de acordo com os interesses da Revolução.

Motivos que levaram à manifestação: a existência do Projecto de Estruturação da Admi-

nistração da C.M.L. que prevê a criação de um Conselho Municipal e o seu possível alargamento a outros organismos populares; as afirmações do presidente da Comissão Administrativa da C.M.L., que manifestou o desejo de entregar a Câmara ao povo, através de estruturas populares; o facto da C.M.L. possuir toda uma gama de serviços técnicos especiais, tais como Urbanização, Salubridade, Transportes, Abastecimento, Habitação, etc. cuja utilização deve ser dinamizada no sentido de melhor servir à população; a necessidade de maior participação da população na solução da actual crise político-militar, pela defesa das conquistas revolucionárias dos trabalhadores e contra a evidente ofensiva da direita.

A Comissão Dinamizadora Pró-Assembleia Popular da Zona do Lumiar, Ameixoeira, Charneca, Campo Grande, Alvalade e São João de Brito propôs ainda que, durante os dias de ontem, hoje e amanhã, sejam efectuados amplos plenários de moradores e trabalhadores por toda a cidade e na cintura de Lisboa para estu-

darem modos de apoio e para a escolha de delegados que colaborem com a Comissão Dinamizadora, que também está a funcionar como Secretariado da Manifestação.

Hoje desde as 15 horas, está a realizar-se na E.P.A.M. (Escola Prática de Administração Militar) um plenário com as demais Comissões de Moradores e Trabalhadores da 6.ª Zona — na qual vivem aproximadamente 200 mil pessoas — e de outras, que queiram colaborar. Neste encontro serão dados maiores esclarecimentos.

As palavras de ordem que já estão definidas para a manifestação de segunda-feira, são: «A Câmara ao Serviço do Povo»; «Conselho Municipal Sim»; «Em Frente, Assembleias Populares»; «Saneamentos à Esquerda, Não — Saneamentos à Direita, Sim»; «Em Frente pela Reforma Agrária»; «Soldados e Marinheiros Sempre ao Lado do Povo»; «Reaccionários Fora dos Quartéis, Já».

Há dias, foi realizado um outro plenário, onde estiveram presentes 17 Comissões de Trabalhadores e 10 Comissões de Moradores.

A manifestação de segunda-feira é unitária, razão pela qual não serão permitidas bandeiras de partidos ou de organizações políticas.

A exemplo do que já aconteceu em outras unidades militares, que promoveram reuniões e participam em Assembleias Populares, como o Ralis e o R.E.1, por exemplo, também a E.P.A.M. está colaborando activamente, através da sua A.D.U., na formação de mais essa, que defenderá os interesses da população da zona sob a sua influência.

A participação oficial da manifestação foi feita hoje, às 10 horas, em Conferência de Imprensa realizada na biblioteca do quartel, com a presença de representantes da Profabril, C.M. do Bairro da Caixa Nacional de Pensões, Comissão de Higiene e Ajardinamento da Freguesia de Alvalade, Comissão de Ocupação do Parque Popular 25 de Abril, Junta de Freguesia de Alvalade e A.D.U. da E.P.A.M.

possibilitar trocas de experiência; estudar a reestruturação das F.A.; estabelecer estratégia de acção político-militar».

A «reestruturação da nomeação de delegados votados nas A.D.U. na base da representatividade e não na categoria, para destruir divisionismos» e a «organização das direcções das A.D.U. nas seguintes tarefas: equipa de direcção e secretariado (presidente, adjunto, 1.º secretário, 2.º secretário); equipa de informação e propaganda; equipa de alfabetização e cultura; equipa de assuntos sociais, bem estar e desportos».

Por último, pronunciando-se pela «recuperação do indivíduo», a A.D.U. do D.G.M.G. propôs a «reeducação dos presos políticos e reestruturação do sistema prisional».

A A.D.U. do D.G.M.G. criticou, em seguida, um «poster» do S.U.V., alvitrando que se substitua a frase «reaccionários fora dos quartéis» por estoutro: «Reaccionarismo fora dos quartéis», «a fim de não destruir à nascença o indivíduo, mas sim o sistema errado de acção».

Nun terceiro ponto, propõe-se a «execução muito urgente de uma Assembleia Nacional de A.D.U., via G.D.E., com a finalidade de: conseguir clarificação político-militar;



Ora diga-nos

Que pensa sobre as sessões de esclarecimento político?

Vai já para dois que nos habituamos a uma intensa actividade partidária com comícios e sessões de esclarecimento que por si não podem satisfazer a necessidade de informação política criada pelo fascismo. Contudo, a inflação de reuniões políticas acabou por desenvolver o cepticismo naqueles que estão menos conscientes da necessidade de esclarecimento face aos alarmismos da direita.

Em vez de palavras, Luis de Abreu Rodrigues, biselador prefere a prática política consequente e cita o caso do major Pinis de Almeida.

Aquilo que ele está a fazer no Ralis é de um homem que sabe o que está a fazer. ele-se como esclareceu o público sobre o caso das armas de Peirolas. Eu sou do Partido Socialista mas não sou por um socialismo como Mário Soares o quer. Depois, há muitas coisas que não entendo. Por exemplo por que razão se resolve o caso dos retornados de Angola e os deficientes continuam à espera?»

Enquanto a pergunta deste operário aguarda resposta, um casal vai dizendo a sua opinião

«Já são reuniões a mais e não vejo resultados, afirma Horácioouveia, reformado pelo Sindicato dos Escritórios. A mulher, Alcideia Rodrigues, acrescenta. Para



acabar com os sobressaltos em que a gente anda é necessário garantir o sossego e o pão de cada dia».

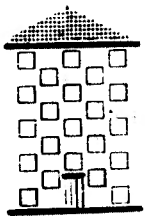
Alcidea foi durante muitos anos artista de variedades e embora afastada do activo, ainda canta nas paródias porque tristezas não arrancam a gente da miséria.

Não há dúvida que além de animar continua a ser decisivo avisar a malta. Ainda há por aí muita gente cheinha de vida que anda

não se percebe a defender o quê ou, então, percebe-se demasiado bem...

Uns do lado de cá da barricada, outros do lado de lá, a verdade é que poucos estarão tão afastados das lições dos comícios e das reuniões políticas como a ariá Cristina da Cunha, estudante do Comercial.

Nunca fui a nenhum comício nem reunião política. Não me meto nessas coisas. Não tenho tempo. Isto é uma confusão. Sei lá...



CONSTRUÇÕES CANTIAL LIMITADA TEM PARA VENDA

NA COVA DA PIEDADE (Av. Rainha D. Leonor)

— Garagens ou armazéns c/ 80,86 m²

EM CONSTRUÇÃO

- Andares de 2, 3, 4 e 5 casas assoalhadas
- Armazéns c/ 360 e 437 m²
- Estabelecimentos c/ 325 m²

EM CONSTRUÇÃO

- Lojas c/ Armazém, c/ respectivamente, 82 e 127 m²
- Andares de 2, 4 e 5 casas assoalhadas

NO LARANJEIRO (frente ao Alfeite)

CONSTRUÇÃO ESMERADA — BONS ACABAMENTOS

MOSTRAMOS ANDAR PADRÃO
FACILIDADES DE PAGAMENTO

Avenida Professor Egas Moniz, 40-B, r/c. — Telefone 276 15 57 — COVA DA PIEDADE

ADOQUE

(ao Martim Moniz)
Tel. 87 42 80

HOJE

As 20.30 e 22.30 horas

AMANHÃ

MATINÉE - 16 horas

NOITE - 20.30 e 22.30

ACÍR.DOS
CARDEAIS

UMA REVISTA
POPULAR!

UM ÉXITO!!!

(Não ac. men. 18 anos)

Nacional

Portugal vai apresentar um "dossier" ao Tribunal Internacional da Mulher

Em Novembro do ano passado, seiscentas mulheres reunidas em Frankfurt decidiram criar um Tribunal Internacional da Mulher. No início da Primavera passada, uma assembleia reunida em Paris com representantes de comités de vários países da Europa, Estados Unidos, América Latina e África, decidiu alguns aspectos fundamentais para a organização da primeira sessão deste tribunal que terá lugar nos primeiros dias de Dezembro, em Bruxelas.

Portugal esteve presente na reunião de Paris tendo nessa altura a assembleia escolhido Lisboa como primeira cidade para a reunião do Tribunal. O boicote da imprensa europeia contra o ataque dos trabalhadores portugueses ao capitalismo, os alarmes sobre a instabilidade política no nosso país e o facto da auto-organização das mulheres portuguesas estar ainda numa fase de arranque, levaram o comité de Paris, justamente, a escolher a capital da Bélgica para ponto de reunião das mulheres que irão pôr em prática a realização deste Tribunal.

Que é urgente criar novos critérios de justiça todos nós sabemos. Os casos exemplares de José Diogo e mais recentemente os de ocupantes, mostram bem que os valores da «justiça burguesa», assentes na sociedade de classes, aguardam o poder popular para entrar em agonia. Quanto à necessidade de um tribunal de mulheres o caso põe-se noutros termos. Há sempre o perigo dos que gostam de catalogar superficialmente e que logo à partida afirmam: «são coisas de feministas, burguesas, etc.».

Para os que, seriamente,



acreditam que a realidade não se transforma de modo mecanicista mas dialecticamente, a realização do Tribunal da Mulher surge como um dos aspectos necessários à dura luta da libertação da mulher.

OBJECTIVOS DO TRIBUNAL

O Tribunal Internacional da Mulher não será uma caricatura dos tribunais oficiais mas uma tentativa de informação,

acusação e julgamento dos critérios de justiça tradicional. Para concretizar melhor este enunciado vejamos o que se passa entre nós relativamente aos casos de prisão maior para mulheres.

O envenenamento é geralmente a «arma» utilizada pelas mulheres nos casos de assassinato. As causas que levam as mulheres a matarem não se relacionam com ambição de poder, vingança ou roubo, mas são determinadas por frustrações de carácter afectivo e sexual.

Uma análise cuidadosa dos casos de assassinato por envenenamento torna imediatamente evidentes aspectos fundamentais da actual situação da mulher portuguesa. Como só a partir do conhecimento da realidade temos a força e o conhecimento necessário para a modificar, é urgente e fundamental que seja feito um estudo de conjunto sobre as mulheres do nosso país que tenha em linha de conta não só a luta de classes como a herança cultural das diferentes regiões.

Voltando à questão do Tribunal, ficou decidido na referida assembleia de Paris, que cada grupo de mulheres assumiria a responsabilidade de constituir um relatório completo (documentos, fotos, gravações, recortes de jornais) sobre o caso específico de uma mulher. Uma vez reunidos os casos e denunciados pelo Tribunal Internacional da Mulher serão exigidas soluções concretas junto do Estado e organismos responsáveis. A Liga dos Direitos da Mulher ocupará-se no futuro de todos os casos de discriminação face à lei cometidos contra as mulheres.

É necessário ultrapassar a ideia de que se trata de uma realização de carácter reformista porque todos os casos individuais de opressão da mulher apontam para uma situação geral que urge modificar totalmente, se estamos verdadeiramente interessados na Revolução.

CIDADE MARGINAL

"CORNUCÓPIA" COMO BALÃO DE ENSAIO?

As «ordens superiores» que levaram sessenta agentes da PSP a invadirem, na madrugada de anteontem, o Teatro da Cornucópia, criaram sérias e fundamentadas preocupações nos meios revolucionários da arte de Moiré e não só. E com razão: será que uma denúncia que dizia existirem ali escondidas «grandes quantidades de estupefacientes», justificava um tão grande aparato bélico e uma tal violência da força invasora (que chegou ao extremo de danificar pratos, cadeiras e armários)?

Sessenta polícias não representarão um exagero, quando o que estava em causa eram cerca de duas dezenas de actores desarmados, ainda que, a ter-se confirmado a denúncia, municiados com algumas doses de LSD ou de liamba? Para onde caminhamos? Que novas «Cornucópias» nos guardará amanhã? Em nome de que Ordem e às ordens de que interesses?

NÃO FOSSE BELÉM O EX-BAIRRO DE THOMAZ

Desconhecidos entraram numa residência do aristocrático Bairro de Belém e apoderaram-se de duzentos dólares (USA), um televisor, uma máquina de fazer café, vários cobertores e peças de vestuário e ainda de numerosas jóias em ouro e brilhantes. E para tão espectacular colecção o seu proprietário apresentou apenas o valor de quarenta contos no piquete da Polícia Judiciária. Perguntamos: não será isto uma forma (sinuosa) de ocultar aos olhos da opinião pública o escândalo das riquezas acumuladas lá em casa? Ou (melhor) uma forma mais sofisticada de fazer sabotagem económica. Pela nossa parte estamos plenamente convictos de que sim!...

CORREGEDOR ADIA JULGAMENTO

A falta de dois réus levou o corregedor Olímpio Fonseca, presidente do colectivo do 4.º Juízo Criminal a adiar o julgamento de um processo relacionado com tráfico de drogas (liamba), procedentes de Ambriz (Angola) para negócio e consumo em Lisboa. No pleito figuram como presumíveis delinquentes, Armindo Jorge de Almeida Santos, de 31 anos empregado de comércio de Lisboa; Agostinho de Jesus Mendes, de 23, ex-oficial miliciano do Exército natural da freguesia de Abiul, concelho de Pombal; Manuel Machado da mesma idade, marceneiro, do lugar de Cavez (Cabeceiras de Basto); Carlos Joaquim Simões, de 24 anos, empregado de escritório, de Lisboa; Amândio da Costa Brísida, torneiro, de Almada; Isilda de Jesus, empregada de escritório, de Lisboa e António Coelho, de 20, serralheiro, também de Lisboa.

LEITE: O MAIOR RECONSTITUINTE NATURAL

«Gordura não dá formosura», dizem os nossos avós e, de facto, a gordura dos alimentos pode até trazer inconvenientes para a saúde, em especial nas pessoas que sofrem do fígado, de doenças cardiovasculares ou tenham índice elevado de colesterol. Vem isto a propósito do leite, que muita gente julga ser o leite gordo o melhor, quando não é. A riqueza do leite está nas suas vitaminas, proteínas, açúcar e sais minerais. Quando devidamente preparado, o leite é, pela sua composição e riqueza, um dos alimentos mais ricos e de mais fácil digestão.

Recomenda-se até, do ponto de vista da higiene alimentar,

o leite meio-gordo ou magro. Mas para bem utilizar este elemento precioso de uma alimentação sã e completa, necessário se torna conhecê-lo e saber conservá-lo porque, como todos os produtos de origem animal, constitui um ótimo meio para o desenvolvimento de micróbios.

Em primeiro lugar, tentemos conhecê-lo. A composição do leite apresenta grande percentagem de água, na qual se encontram dissolvidos todos os outros elementos como: gordura, proteínas, açúcar, sais minerais (cálcio, fósforo, magnésio, etc.), todas as vitaminas e enzimas. Num litro de leite há 882 g de água, 36 g de

gordura, 30 g de proteínas, 45 g de açúcar e cerca de 7 g dos restantes elementos. Este mesmo litro de leite representa 700 calorias e equivale a: 850 g de peixe, 9 ovos de galinha, 600 g de bife de vaca, 625 g de frango, 8 pares de salsichas, 250 g de presunto, 3,300 kg de tomates ou 1,300 kg de ervilhas, 2 kg de feijão verde ou 1,500 kg de maçãs, entre outros alimentos.

CONSERVAÇÃO

Como já disse, o leite é propício ao desenvolvimento de micróbios. A temperatura é o agente mais favorável à proliferação microbiana. Em 24 horas, à temperatura de 10 graus, um micróbio multiplica-se por cinco.

Outro factor de grande importância na proliferação microbiana é o tempo que medeia entre a ordenha e o seu consumo. Assim, a uma mesma temperatura constante de 14 graus centígrados, o leite que contiver 1000 micróbios por cm³, ao fim de 24 horas aqueles 1000 já são 1 280 800 e, dois dias depois, este número cresce para 360 500 000. Recomenda-se portanto que o leite seja conservado pelo frio e consumido o mais rapidamente possível. Rapidez, no entanto, não significa que se beba logo depois da mungidura. Deve-se fervê-lo primeiro, acima de 100 graus du. ante 10 minutos, para destruir toda a flora microbiana. Se não houver necessi-

dade de o consumir imediatamente, deve-se, depois de o ferver, conservá-lo no frigorífico.

LEITE PASTEURIZADO E LEITE ESTERILIZADO

Este duplo processo da fervura e refrigeração constitui a base das modernas técnicas industriais de higienização e conservação do leite, hoje já consideradas indispensáveis à vida corrente, não se justificando no actual estado da nossa civilização o consumo de leite que não haja sido tratado previamente pelos processos modernos.

São três esses processos: pasteurização, ultrapasteurização e esterilização. A pasteurização consiste em submeter o leite a um aquecimento uniforme e ao abrigo do ar, sem ferver, de modo a matar a flora perigosa e a passá-lo imediatamente a um arrefecimento rápido, conferindo-lhe assim condições de defesa contra posterior contaminação.

O leite pasteurizado é apresentado ao público em garrafas e, em virtude de não ter chegado a ser fervido, tem curta duração fora do frigorífico.

A ultrapasteurização consiste no aquecimento — sem fervura — do leite, arrefecimento, de novo aquecimento e arrefecimento, resultando numa dupla pasteurização. O leite pasteurizado é apresentado ao público em tetraedros ou paralelepípedos de papel.

Na esterilização, o leite é submetido em câmaras especiais a temperaturas de 120 a 130 graus c. durante algum tempo, arrefecendo depois lentamente.

Em qualquer destes dois últimos processos o leite perde algumas das suas qualidades mas, em contrapartida, conserva-se muito tempo sem necessidade de frigorífico enquanto as embalagens permanecem fechadas. Mas atenção: logo que se abram, o leite que não for consumido necessita de ser imediatamente metido no frigorífico.

LEITE CONDENSADO

O leite condensado e o leite em pó apresentam uma forma de conservação do leite ainda de maior duração. Em ambos os casos consegue-se qualidade de conservação graças à extracção da água da constituição do leite natural. No leite condensado, quase sempre açucarado posteriormente, a água retirada não vai além de dois terços. Quando se procede à evaporação total da água de constituição, em grandes túneis de evaporação, obtém-se o leite em pó.

Acondicionado em latas esterilizadas ou em sacos de papel impermeabilizado, o leite condensado e em pó mantêm o mesmo valor alimentar do leite líquido normal. A sua reconstituição obtém-se pela adição de água, em proporção idêntica à que lhe foi retirada.

DÃO-SE ALVISSARAS CARROS ROUBADOS

PP - 90 - 61 MERCEDES (BEIJE)

FF - 33 - 59 DATSUN 1200

LG - 76 - 12 CITROEN ID (CREME)

Agradecem-se informações sobre os seus parceiros pelo telefone 31 10 53, do Porto, nas horas de expediente ou no Posto Policial mais próximo da sua localização.

Nacional

TRABALHADORES DO M.E.I.C. MANTÊM-SE EM GREVE

A greve dos trabalhadores do M. E. I. C. mantém-se embora o ministro da Educação e Investigação Científica, major Vitor Alves, tivesse já respondido ao documento que o secretário-geral das inter-comissões dos trabalhadores lhe entregara ontem de manhã.

A posição dos trabalhadores só na segunda-feira será conhecida ainda que começasse já hoje a debruchar-se sobre a resposta do ministro. Sairá também segunda-feira um comunicado a contar a evolução dos factos pois, segundo nos declarou um elemento das inter-comissões a imprensa tem deturpado a verdade no que respeita à sua luta.

A satisfação do articulado do documento ontem entregue a Vitor Alves é a condição indispensável para se estabelecer diálogo entre o ministro e os trabalhadores do M. E. I. C.. O contencioso que tomou como forma de luta a greve, tem por base a exigência apresentada pelos trabalhadores de ser feita a reparação ao Decreto 129/72 que prevê que uma pessoa vinda do exterior para o M. E. I. C. possa ascender a determinada categoria, sendo o acesso vedado (à mesma categoria) a um funcionário que tenha as mesmas habilitações literárias e trabalhe já no M. E. I. C..

A DEMISSÃO DO DR. HESPANHA

A demissão compulsiva do dr. Hespanha de director-geral do Ensino Superior, embora continue a exercer funções no M. E. I. C. e que noticiamos em primeira mão, foi objecto de uma moção dos trabalhadores da Direcção-Geral dos Desportos, aprovada em R. G. T. alertando para os saneamentos à esquerda em toda a organização civil e militar.

Também o Conselho Pedagógico e Científico da Faculdade de Medicina de Coimbra aprovou uma moção manifestando «a sua admiração pela actividade desenvolvida pelo dr. António Hespanha como director-geral do Ensino Superior», ao mesmo tempo que «exprime a sua preocupação face notícias vindas a lume na imprensa quanto ao seu afastamento compulsivo».

EMPREGO PARA EVENTUAIS E PROVISÓRIOS

«É garantido trabalho a todos os agentes de ensino que prestaram serviço no ano lectivo de 1974/75», determina o M. E. I. C. em conformidade com o decreto-lei de 5 de Agosto.

«A garantia de trabalho dada aos agentes de ensino poderá

envolver deslocações para outras funções e para serviços onde as necessidades o justificarem».

Assim, determina a nota do M. E. I. C.: «quando a garantia de trabalho dada aos agentes de ensino anteriormente referidos, resulte num posto de trabalho não docente, a remuneração a auferir será o que corresponder à função que vierem a exercer».

EXPOSIÇÃO "CHE" GUEVARA

PORTO — Reabriu nesta cidade para um novo período de actividades a Associação de Amizade Portugal-Cuba, sita na Avenida da Boavista, 1015. O acto de reabertura foi assinalado com a inauguração de uma exposição sobre Ernesto «Che» Guevara.

A exposição está aberta para o público até ao próximo dia 16 e pode ser vista todos os dias das 16 às 20 e das 21 e 30 às 23. Todas as noites, cerca das 22 horas, será exibido um filme sobre «Che».

SINDICATO DOS TRABALHADORES DA CONSTRUÇÃO CIVIL DO DISTRITO DE LISBOA

Sede: Praça D. Luiz, 17-1.º Dt.º — TeTlef. 66 11 02/3 — Lisboa 2

EM FRENTE PELO CONSELHO MUNICIPAL

A Direcção do Sindicato dos Trabalhadores da Construção Civil do Distrito de Lisboa ao tomar conhecimento de que a Comissão Dinamizadora da Assembleia Popular do Lumiar projecta realizar uma manifestação de apoio ao Poder Popular, às Comissões de Moradores e ao futuro Conselho Municipal, decide dar todo o seu apoio a tal manifestação.

O Conselho Municipal será o órgão soberano da vontade popular das massas trabalhadoras de Lisboa, através dos seus órgãos locais: Comissões de Moradores e Juntas de Freguesia e das ADU, levando assim à prática a aliança Povo/MFA, a unidade revolucionária das massas trabalhadoras com os soldados, sargentos e oficiais progressistas.

Deste modo toda a política camarária (Habitação, transportes, abastecimentos e energia) será definida pela vontade popular através dos seus órgãos de base congregados no Conselho Municipal.

A Direcção do Sindicato dos Trabalhadores da Construção Civil consiente da importância desta manifestação apela à participação de todos os trabalhadores na segunda-feira, pelas 15 horas, no Largo fronteiro ao Município.

**TODOS AO MUNICÍPIO SEGUNDA-FEIRA ÀS 15 HORAS
EM FRENTE PELO PODER POPULAR
EM FRENTE PELO CONSELHO MUNICIPAL**

Lisboa, 10 de Outubro de 1975

A DIRECÇÃO

FUNDAÇÃO CALOUSTE GULBENKIAN SERVIÇO DE BELAS-ARTES

Bolsas de Estudo para Cursos Superiores de Formação Artística

De 10 a 31 de Outubro estará aberta a inscrição para bolsas de estudo no País, destinadas à frequência, no ano lectivo de 1975/76, dos cursos superiores de formação artística.

O número de bolsas que poderão ser concedidas será determinado pelas disponibilidades financeiras existentes para o efeito.

Na atribuição de bolsas atender-se-á à situação escolar dos candidatos e às condições económicas dos respectivos agregados familiares.

Os interessados deverão dirigir-se ao Serviço de Recepção da Fundação Calouste Gulbenkian — Avenida de Berna, em Lisboa — para o efeito de obterem exemplares do boletim de inscrição e das Bases Gerais Regulamentares. Os candidatos residentes fora de Lisboa poderão dirigir-se, por escrito, ao Serviço de Belas-Artes, para o efeito de lhes serem enviados aqueles documentos.



O repórter de serviço

MÁRIO LINDOLFO

A penitência

Tenho um amigo que se corresponde regularmente com amigos seus, espanhóis, residente em Madrid. Este amigo é meio pilulas e, à força de querer viver num país livre, mete-se a contar coisas de um Portugal que (ainda) não existe. Os espanhóis gostam cada vez mais de receber as suas cartas e, na última que lhe escrevi, dizem que vêm aí. Que, depois desta troca de correspondência, rebenhariam se não viessem a Lisboa. Viver a experiência única de conhecer um país onde o Povo é quem mais ordena.

O meu amigo é pilulas mas não tanto que fique perturbável. Os outros vêm aí a ele não sabem como justificar-se de todas aquelas inverdades que lhes contou.

Católico, apesar de tudo, diz-me que se vai confessar. Dirá ao padre que,

enfim, foi sem querer, que não queria dizer aquilo, que foi num momento de patriotismo exacerbado, que não podia adivinhar a viragem, e outras coisas. Talvez o padre lhe arranje uma saída, que os padres sempre estão ao lado dos que reconhecem os seus erros.

Sempre meio louco, o meu amigo apareceu ontem com outra novidade. Tinha cancelado a ideia anterior. Já não se confessava coisa nenhuma. A força de querer antecipar-se a tudo, ele já sabia do castigo que lhe reservava o representante de Deus: teria de rezar quatro pèsses e dois pèpèdes, que eram orações dos partidos maioritários.

Digo-lhe que as eleições eram para a Constituinte, mas ele tem razões para não acreditar. Aponta vários exemplos.

Pareceu-me mais lúcido, agora que os espanhóis estão a chegar.

MOÇÃO

«A Assembleia Popular de Torres Novas reunida no dia 5 de Outubro de 1975, face às manobras reaccionárias de certos oficiais da Região Militar do Norte que pretendem liquidar qualquer organização autónoma dos soldados e dissolver unidades militares progressistas, repudia veementemente a acção do Comando da R.M.N. ao dissolver o C.I.C.A.P. Esta Assembleia repudia da mesma maneira as manobras divisionistas de determinados grupos políticos que têm o objectivo claro de voltar soldados contra soldados, tal como aconteceu no 11 de Março.

O Povo de Torres Novas diz não à guerra civil e esmagará todas as forças que tentarem implantá-la.»

(Moção apresentada pela ADU do R. A. M.)

Subscreveram esta MOÇÃO as seguintes Organizações:

Comissão de Moradores de Casas Altas e Caldeirão
Clube Desportivo de Torres Novas
Comissão de Moradores da Encosta do Vale e Bom Amor
Junta da Freguesia de São Pedro
Delegados Sindicais da Caixa de Previdência (Posto Médico)
Centro Humberto Delgado — Brogueira
Junta de Freguesia de Santa Maria
Comissão de Moradores de Babalhão
Comissão de Moradores das Tuféiras
Junta de Freguesia de Salvador
Comissão de Trabalhadores da Firma Félix Carreira
Sociedade Filarmónica União Matense
Comissão de Moradores das Lapas
CISSL — Comissão Integradora dos Serviços de Saúde
Escola Secundária de Torres Novas
Centro Metalúrgico Torrejano
Comissão de Moradores de Casal da Pinheira
Junta de Freguesia da Ribeira Branca
Montepio de Nossa Senhora da Nazaré
Grupo Recreativo Pinheirense
Sociedade Filarmónica Fátima Meiaviense
União Sindical de Torres Novas
Junta de Freguesia de Lapas
Comissão de Trabalhadores da Casa Réquiao
Comissão de Moradores de Alcorochel
Delegados Sindicais da Firma «Malhas Torrejano, Lda.»
Comissão de Cultura e Recreio da Meia Via
Comissão Sindical da «Fiação e Tecidos»
Cooperativa Agrícola da Argea
Delegados Sindicais da Firma «Lourenço & Irmão, Lda.»
Clube de Camisismo Torrejano
Clube de Torres Novas
Comissão de Moradores da Meia Via
DOPOVO — Cooperativa de Produção Metal-Mecânica
Junta de Freguesia de Santiago
Comissão da Casa do Pessoal da Empresa Claris
Comissão de Trabalhadores da Câmara Municipal
Comissão de Trabalhadores da «Metalúrgica Costa Nery»
Comissão de Trabalhadores da Gráfica Alpendina
Comissão de Moradores do Canto da Atalaia
Choral Phydellius
COMUNAL — Cooperativa de Produção de Argea — SCARL
Comissão de Trabalhadores da Firma António Alves
Comissão de Moradores da Rua do Ribeiro — Riachos
Clube Atlético Riachense
Comissão de Moradores de Argea
Comissão Administrativa da Câmara Municipal
Comissão de Moradores do Casal Ramos
Comissão de Trabalhadores da Empresa Ind. de Electricidade do Almonda
Junta de Freguesia de Riachos
SOPOVO — Cooperativa de Habitação Económica — Riachos
Junta de Freguesia de Pareiros da Igreja
Junta de Freguesia de Brogueira
Comissão de Moradores de Brogueira

QUADRANTE
LIVROS DE ESTUDO
ESTE ANO TAMBÉM
AV. LUIS BIVAR, 85 C

SINDICATO DOS TRABALHADORES DA CONSTRUÇÃO CIVIL DO DISTRITO DE LISBOA

Sede: Praça D. Luiz, 17-1.º Dt.º — TeTlef. 66 11 02/3 — Lisboa 2

A SANTA ALIANÇA

A Direcção do Sindicato dos Trabalhadores da Construção Civil vem, publicamente, desmascarar mais uma manobra reaccionária do patronato.

O patrão da firma «José da Silva Moreira» afirmou ao delegado sindical da firma que os delegados tinham sido corridos, à pedrada, da Rua do Alecrim e que tinha sido o Sindicato a mandar-lhe uma carta, para que o delegado não fosse mais às reuniões».

Os factos são estes: no dia 23/9/75 enviou a Direcção do Sindicato para os órgãos de informação um comunicado no qual se denunciava a Direcção do Sindicato dos Escritórios por nos terem recusado as instalações da Rua do Alecrim onde se efectuavam as reuniões de delegados, nelo que brevemente seria anunciado o local e data das próximas reuniões, o que veio a ser feito no dia 30/9/75.

Posta a verdade dos factos, cabe-nos agora perguntar o seguinte: Será que o dito patrão inventou a carta ou alguém lhe mandou?

A Direcção do nosso Sindicato está a proceder a investigações e cedo revelará os resultados. Mas, para já não podemos deixar em claro este facto e efectivamente mostrar aos trabalhadores que esta manobra do patrão vem no seguimento de muitas outras tendentes a lançar total descrédito nos delegados sindicais como aliás a própria Direcção do Sindicato dos Escritórios tanto tem feito. Eles sabem que cortando as estruturas intermédias — os delegados — corta-se todo o trabalho sindical nos locais de trabalho e imede-se o controle da Direcção pelos seus sócios, o que implica o enfraquecimento da acção sindical na luta contra o patronato, o que só convém ao patronato.

Todos aqueles que utilizando as mais hábeis manobras, quer inventando cartas, quer recusando reuniões, querem é enfraquecer-nos, dividir-nos para melhor nos explorarem.

**NÃO ÀS MANOBRAS DOS PATRÕES, NÃO ÀS MANOBRAS DOS OPORTUNISTAS.
UNIDOS E ORGANIZADOS, VENCEREMOS.**

Lisboa, 10 Out./75.

A DIRECÇÃO

BATAS PROFISSIONAIS

ALTAMENTE ESPECIALIZADOS
PARA HOMEM E SENHORA

TINTURARIA GUANABARA — Dep. de confecções

Av. João XXI, 5-D — Rua Infanta 16 55-C — LISBOA

SINDICATO DOS TRABALHADORES DA INDÚSTRIA DE PANIFICAÇÃO DO DISTRITO DE SETÚBAL COMUNICADO

Os trabalhadores, desta indústria, vêm dar conhecimento público de que, nos termos legais, o horário de trabalho desta indústria passa a ser o abaixo indicado, a partir do próximo dia 13.

Dado que, a conquista desse horário, constitui uma vitória para a nossa classe, e indirectamente, para os trabalhadores em geral, vimos pedir a boa compreensão do público, muito embora alguns transtornos momentâneos, aceitem de bom agrado esta nova situação, na certeza de que representa o querer desta classe, que durante tantos anos por ela lutou e finalmente, em clima revolucionário virado para o interesse dos trabalhadores se conseguiu.

A RESPECTIVA ALTERAÇÃO

SECÇÃO DE FABRICO

De 2.ª a 6.ª feira

ENTRADA DO AMASSADOR 05.00 horas
REstante PESSOAL 05.30 »

SÁBADO

ENTRADA DO AMASSADOR 21.30 »
REstante PESSOAL 22.00 »

SECÇÃO DE VENDA

De 2.ª a 6.ª feira

ENTRADA 08.00 h saída às 13.00 horas
ENTRADA 16.30 » » » 19.00 »

SÁBADO

ENTRADA 07.00 » » » 13.30 »

A DIRECÇÃO

FACULDADE DE FARMÁCIA

A Faculdade de Farmácia comunica que, por iniciativa dos trabalhadores estudantes do Curso Livre (este ano com 1.º e 2.º ano) se realizará no próximo sábado, dia 12, às 15 horas uma sessão com o seguinte programa:

1. Tema a debater: «Prioridade à Educação». Reforma ou Revolução?
2. Projecto do filme intitulado: «Escola da Comunidade».
3. Debate.

Para esta sessão estão convidados todos os interessados.

Lisboa, 6 de Outubro de 1975.

Trabalho

FORMADO GABINETE DE APOIO À VIDA SINDICAL

No Ministério do Trabalho foi agora criado um Gabinete de Apoio à Vida Sindical que «pretende ser o elo de ligação e cooperação entre os sindicatos e o Ministério do Trabalho».

O aparecimento deste Gabinete aparece relacionado com uma evolução interna do organismo de que está dependente. Assim, se afirma numa nota agora distribuída, que «os trabalhadores portugueses, du-

rante meio século manipulados pelo fascismo, não podem admitir continuar a ser, controlados por minorias».

Na nota em causa, anunciando a formação do Gabinete não se fala de maiorias silenciosas, diz-se sim que, «no entanto essas minorias não são culpadas pois devem a sua autoridade à passividade geral das maiorias que se afastam da vida política e sindical da Nação portuguesa».



Metalúrgicos vão às urnas

Ao princípio da manhã de hoje já muitas dezenas de metalúrgicos se concentravam à porta da Sociedade Nacional de Belas-Artes, onde, a partir das dez, começaram as eleições dos corpos gerentes do Sindicato dos Trabalhadores da Indústria Metalúrgica e Metalomecânica. Nesta Assembleia votaram os trabalhadores de Lisboa, Oeiras e Cascais, havendo no distrito mais três, em Sacavém, Vila Franca de Xira e Torres Vedras.

A escolha, nestas eleições, três listas, com objectivos distintos: a lista A apresenta-se com a sigla «Unidade revolucionária contra o capital, pelo

socialismo»; a lista B, com a sigla «Por um sindicato de classe», e a lista C obedece à palavra de ordem «Por um sindicato nas mãos dos metalúrgicos». Identificam-se, de um ponto de vista partidário, respectivamente com o P. C. P., com a U. D. P., C. M. L. P. e P. S. associados, e M. R. P. P.

O adiamento verificado no dia 4 foi interpretado pelos componentes das listas B e C como uma manobra desmobilizadora da actual direcção do Sindicato. Entretanto, a lista A recusou-se, mais tarde, a participar numa mesa-redonda com a presença das outras duas.

MINISTRO DAS FINANÇAS AFIRMA:

“A administração do Banco de Portugal não é nenhum parlamento”

«A administração de um Banco Central não é um Parlamento» esclarece o Ministério das Finanças num extenso comunicado sobre as demissões de três administradores progressistas do Banco de Portugal, drs. Tavares da Cruz, Mário Brandão e Mariguesia com os quais se solidarizou o dr. António de Almeida ao pedir para não ser incluído na nova administração do Banco de Portugal.

Depois de acentuar que «o Banco de Portugal é um banco central e emissor, e que, em consequência da nacionalização da Banca e das funções que lhe foram cometidas, se pode considerar hoje também, em certa medida um órgão do Governo», prossegue o ministro das Finanças no seu comunicado: «A actual equipa do Ministério das Finanças têm de ser concedidos os poderes necessários para fazer face aos gravíssimos problemas que tem a responsabilidade de resolver. Não pode correr o risco de entrar numa orquestra desafiada, em que cada um trairá a área que entende e em que, por isso, o resultado previsível, no mínimo, seria a desafinação total».

E se de facto não houver «afinação», o ministro das Finanças ameaça neste comunicado que «cederá de bom grado, o lugar a quem quiser vir ocupá-lo. Além disso, é também necessário que o Governo, entendido o termo no sentido mais amplo, incluindo, portanto, as autoridades militares, se compenetre da gravidade dos problemas nacionais e que, quando sobre eles se pronuncia o faça com o grau de responsabilidade que a todos é exigido e não apenas a uns tantos. E é necessário dizê-lo com toda a franqueza: nem sempre assim acontece. Se se quer socialismo, é necessário actuar como socialista. Socialismo e demagogia não são líquidos micíveis. Da demago-

gia surge o fascismo, não o socialismo».

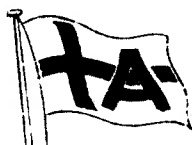
Neste comunicado, o ministro das Finanças manifesta-se preocupado com o «nível das reservas em divisas». «Por isso, há muito tempo se deveriam ter iniciativas de fundo, nesse sentido, a fim de poderem ser concretizadas nas melhores condições. Fazendo-o agora, como o estamos a fazer, estas serão necessariamente exploradas em nosso prejuízo. Como é sabido, os banqueiros sejam eles capitalistas ou socialistas não têm coração».

DIRECÇÃO DOS BANCÁRIOS CONCORDA COM A DECISÃO

A direcção dos Bancários publicou um comunicado em que apoia a decisão do dr. Salgado Zenha. Claro que «lá estarão bases para controlar as atitudes da administração». E acusa um «grupo de sócios politicamente identificados e manipulados» de terem defendido os administradores saneados por «estes defenderem os seus interesses partidários».

IBEROL-COPAZ PROTESTA

Os trabalhadores da Iberol-Copaz «conscientes da responsabilidade que lhes cabe no processo revolucionário, pois desde a tuga da administração tem vindo a gerir a empresa e face às crescentes dificuldades criadas desde a queda do V Governo Provisório, repudiam: «o saneamento à esquerda efectuado no Banco de Portugal que não é mais que a continuação do saneamento à esquerda efectuado a nível nacional; as medidas contra-revolucionárias que vêm sendo concretizadas com o aval do VI Governo Provisório e a escalada da contra-revolução com o apoio dos órgãos ditos do Poder».



ATLANTICA LINE

Serviço rápido de Portugal para:

ST. JOHN — MONTREAL — TORONTO
NEW YORK — BOSTON — BALTIMORE
— PHILADELPHIA — NORFOLK — LOS ANGELES e SAN FRANCISCO

próximos navios:

«ATL. GENOVA» em 15 do cor.
«ATL. MARSEILLE» em 21 do cor.
«ATL. IBERIA» em 30 do cor.

Os Agentes Gerais:



SOCIEDADE COMERCIAL
OREY, ANTUNES S. A. R. L.
Praça Duque da Terceira, 4 Tel. 36 60 56 / 36 22 66
Lisboa 2 Portugal

TÉCNICOS DE ELECTRONICA

Para manutenção e ensaios de Equipamentos Hospitalares em organismo oficial. Exigem-se habilitações e experiência. Resposta ao n.º 1609.

HORARIO DOS COMBOIOS RAPIDOS

ENTRE PORTO E LISBOA

A PARTIR DE 28 DE SETEMBRO DE 1975 (Horário de Inverno)

Nº. 2 Rápido "Foguete" 1.ª cl.	Nº. 4 Rápido "Foguete" 1.ª cl.	Nº. 6 Rápido "Foguete" 1.ª cl.	Nº. 8 Rápido "Norte" 1.ª e 2.ª cl.	Estações	Nº. 1 Rápido "Norte" 1.ª e 2.ª cl.	Nº. 3 Rápido "Foguete" 1.ª cl.	Nº. 5 Rápido "Foguete" 1.ª cl.	Nº. 7 Rápido "Foguete" 1.ª cl.
7-10	9-35	14-35	18-45	P. Porto (Camp.) C.	13-05	18-15	20-55	23-30
7-19	9-43	14-43	18-54	P. Gaia C.	12-57	18-07	20-47	23-22
-	9-58	14-55	19-09	P. Espinho P.	12-43	17-54	-	23-09
7-56	10-28	15-24	19-40	P. Aveiro P.	12-10	17-24	20-07	22-37
-	-	-	20-15	P. Pampilhosa P.	11-40	-	-	-
8-32	11-06	16-02	20-28	P. Coimbra-B P.	11-25	16-46	19-32	21-59
-	-	-	20-44	P. Alfaias P.	11-06	-	-	21-43
-	12-24	17-13	21-45	P. Entroncamento P.	10-02	15-27	-	20-40
10-55	13-35	18-25	22-55	C. Lisboa (S. Ap.) P.	9-50	14-15	17-05	19-25

Trabalho

AUTOGESTÃO NA SOFORMEL

VENCER AS AMEAÇAS
GANHAR A BATALHA

Em luta desde Agosto, pelo direito ao trabalho e pelo controlo operário da firma, os trabalhadores da Soformel Sociedade Fornecedora de Medicamentos entraram em fase de autogestão, autorizada oficialmente, debatendo-se, neste momento, com as dificuldades resultantes da actuação ameaçadora do patronato junto dos clientes, que tem criado obstáculos a satisfação dos compromissos da empresa.

A dívida da Soformel, que se refere a um período anterior a 18 de Agosto, altura em que os trabalhadores ocuparam as instalações, atinge cerca de dois mil contos, que a firma poderá liquidar logo que, por seu turno, satisfaça os créditos junto dos clientes.

Sabe-se, e há provas disso, que os sócios-gerentes da firma têm desenvolvido diligências junto das farmácias no sentido de receberem os créditos atrasados, contra um recibo provisório de natureza particular, ameaçando com o poder judicial os clientes que se recusam a pactuar com estes processos.

No entanto, os trabalhadores dispõem de uma credencial, assinada pelo director-geral adjunto da D-G. das Relações Colectivas de Trabalho, com data de 10 de Setembro, onde explicitamente se concedem poderes à comissão de trabalhadores da Soformel «para gerir a empresa, nomeadamente a movimentação de contas bancárias, pagamento de salários, aquisição de matérias primas, etc.»

O documento não refere explicitamente a altura a partir da qual os trabalhadores podem receber os créditos da firma, lacuna que tem ocasionado as dificuldades referidas. No sentido de a sanar, tentará-se obter novo documento, «que dê garantias às farmácias, e que seja mais sólido».

Decorre, entretanto, uma peritagem às contas da firma, pedida há longos meses pelos trabalhadores, e sempre impossível de concretizar.

Por outro lado, as negociações com a entidade patronal, que decorriam no Ministério do Trabalho, terminaram no dia 25 de Setembro, perante a irredutibilidade de posições de ambas as partes.

Neste momento, os trabalhadores asseguram o movimento



normal da firma, contando com o apoio de cerca de 18 farmácias e a solidariedade das comissões de trabalhadores dos laboratórios fornecedores. Em relação, a estes, comprometem-se os trabalhadores a liquidar a longo prazo as dívidas existentes, anteriores à sua gestão. O pagamento, de imediato, só poderá concretizar-se quando a Soformel, por seu turno, receber os créditos correspondentes ao período de 1 a 18 de Agosto, e que, tal como os de Julho, são objecto da actividade do patronato.

ONDE ESTÃO
OS LUCROS?

A luta na Soformel iniciou-se quando os trabalhadores quiseram saber «quanto é que se compra, quais são os lucros e onde estão», segundo nos confiou um elemento da comissão de trabalhadores.

Estranharam que, numa firma de comércio farmacêutica existente há 13 anos, que factura cerca de quatro mil contos mensalmente e tem reduzidos encargos com os empregados, não houvesse lucros declarados.

Por isso, os trabalhadores reivindicaram, junto dos patrões, o direito a terem acesso à contabilidade e controlo da actividade da empresa, «devendo a verificarem-se constantemente faltas de mercadoria fomentadas pela entidade patronal». Ao mesmo tempo, exi-

giam que fosse abolido o livro de sanções existente na firma, «registro pidesco de todos os movimentos dos trabalhadores».

No dia marcado como limite do prazo de resposta concedido, 18 de Agosto, os trabalhadores constataram o cancelamento dos pedidos diários aos laboratórios, e o corte de fornecimento de gasolina aos carros de distribuição.

Em circular enviada aos fornecedores da firma (que, na sua maior parte, são laboratórios farmacêuticos), os sócios-gerentes solicitavam que não fossem atendidos os pedidos de fornecimento, a menos que subscritos por dois gerentes. Deste modo se dificultou a actividade normal da firma, que se processava telefonicamente.

Também os clientes (farmácia) receberam uma carta do patronato, solicitando que «todos os pagamentos à Soformel sejam feitos só mediante o recibo assinado pela nossa sócia-gerente Arlette Bela Ferreira e só a esta». Os patrões não hesitam em pedir o apoio das farmácias, «nestes momentos tão difíceis (...) criados injustamente pelos seus empregados, para com os quais sempre cumprimos os nossos deveres».

Esta última afirmação é contestada pelos trabalhadores, que lembram a luta travada, logo após o 25 de Abril, pelo aumento de salários, primeiro, e pela readmissão de um ca-

marada despedido, depois.

Após a ocupação da firma, os patrões tentaram penetrar nas instalações, chegando a causar alguns danos materiais.

Os trabalhadores levaram o problema ao Ministério do Trabalho, onde foram encetadas as negociações com a entidade patronal. Suspeitamente, as sucessivas peritagens pedidas às entidades oficiais ficavam sempre pelo caminho.

Os trabalhadores revelaram, na altura, que os livros da firma se encontravam fora das instalações, em casa das duas sócias-gerentes (duas irmãs, proprietárias). Estas não teriam, até, concretizado o compromisso assumido, de entregar os elementos de contabilidade para análise de um técnico pelo Ministério do Trabalho.

A peritagem está em curso, desde o dia 3, nela participando representantes dos trabalhadores e do patronato, e um elemento designado oficialmente.

Enquanto aguardam os resultados, que antevêm demorados, os trabalhadores mantêm-se na firme disposição de prosseguir firmemente a sua luta, contra todas as tentativas de boicote. De momento, procuram arranjar novos clientes e saldar as dívidas, prosseguindo em autogestão, mas estão dispostos a converter a firma, de cuja viabilidade económica não duvidam, numa sociedade cooperativa, caso o patronato continue irredutível nas suas posições.

NA FORJA

Comissões de Trabalhadores
da grande Lisboa:
plenário no dia 25

As estruturas de Poder Popular continuam a avançar contra (alguns) ventos e marés. As comissões de trabalhadores da cintura industrial de Lisboa procuram, neste momento, uma forma de organização superior, e, para tal, vão reunir-se no próximo dia 25, em plenário convocado pelo Secretariado Provisório promotor da grande manifestação unitária do dia 18 de Setembro. Dando cumprimento a uma moção aprovada na concentração, então efectuada, no Parque Eduardo VII, o Secretariado vai realizar, durante a próxima semana, reuniões a nível regional, com vista à dinamização das discussões nas empresas, como forma de preparação do plenário. Zonas abrangidas: Linha de Cascais, Loures, Lisboa e Almada, Barreiro e Seixal, Linha de Sintra, Vila Franca de Xira e Setúbal.

COMÉRCIO VOLTA A ENCERRAR

A semelhança do que aconteceu no sábado passado, também hoje a maioria, ou a totalidade, dos trabalhadores do comércio do distrito deverão encerrar os respectivos estabelecimentos durante a tarde.

Trata-se de uma luta para conseguir que os trabalhadores do ramo tenham direito ao encerramento nos sábados à tarde, nos meses de Janeiro a Novembro.

A propósito, a União de Comerciantes do Distrito de Lisboa informou o Sindicato de que não aceita aquele encerramento, por violar o expressamente considerado no Contrato Colectivo de Trabalho em vigor «e que se» por via administrativa o comércio for coagido a fechar «denunciará publicamente pelas vias mais adequadas o não cumprimento do acordado no CCT. Não poderá aquela União, por falta de garantia das autoridades, assegurar a integridade física e patrimonial dos comerciantes, informa».

A isto responde o Sindicato que os trabalhadores do Comércio apenas pretendem a troca do encerramento à segunda-feira de manhã para o sábado à tarde. Por outro lado, afirma que «no encerramento do dia 4 tudo se processou na melhor ordem cívica, jamais tendo estado em causa a integridade física ou patrimonial de quem quer que fosse». Assim, considera «habilitante divisionistas, insidiosos e reaccionários» os termos daquela informação do patronato.

MINEIROS EM LUTA

Através da Federação Regional dos Sindicatos dos Empregados de Escritório do Sul e Ilhas Adjacentes, os Sindicatos dos Trabalhadores da Indústria Mineira do Sul publicou uma moção em que se dá notícia da disposição dos trabalhadores encetarem novas formas de luta, caso a Associação Portuguesa das Indústrias Mineiras não resolva, na sua reunião do dia 16, sobre a contraproposta do Projecto do Contrato Colectivo do Trabalho Vertical.

Na moção realça-se que «os trabalhadores das Indústrias Extractivas de Norte e Sul esperam ansiosa e justificadamente a concretização daquele Contrato «e que» no mês de Março de 1975 já tínhamos o Contrato concluído e, em Agosto do mesmo ano, foi entregue ao Grémio das Indústrias Mineiras».

TELEGRAMA A MARCELO CURTO

O Sindicato dos Marinheiros Mercantes enviou ao secretário de Estado do Trabalho, dr. Marcelo Curto, o seguinte telegrama:

«A direcção do Sindicato dos Marinheiros Mercantes repudia energicamente a nossa declaração do I Encontro Nacional dos Trabalhadores Socialistas da Função Pública, publicado no jornal «Luta», de 7 de Outubro de 1975, quanto aos Sindicatos de pessoal do mar. Esclarecendo ainda que neste Sindicato não existe controlo de qualquer grupo político nem ameaça a formas de luta, como é afirmado em tais provocações lançadas intencionalmente, que só servem para desmascarar ainda mais personalidades «socialistas» empenhadas em cavar fundo a divisão dos trabalhadores e defender os interesses do capital. O Sindicato dos Marinheiros Mercantes exige ao dr. Marcelo Curto que rectifique na Imprensa as declarações provocatórias».

TOMÁS ROSA E A "PORTARIA COXA"

Respondem as mulheres metalúrgicas

As declarações proferidas na televisão, na quarta-feira, pelo novo ministro do Trabalho, sobre a luta reivindicativa dos trabalhadores metalúrgicos, continuam a suscitar reparos e objecções por parte dos sectores mais directamente visados.

Um grupo de trabalhadoras da metalurgia enviou ao ministro uma carta de teor crítico, em que afirma, designadamente, à guisa de conclusão: «Nós, metalúrgicas, já vimos de que lado o sr. está. Tudo quanto disse na televisão mostra bem que não está ao lado dos trabalhadores, mas sim ao lado dos patrões. Só faltou dizer declaradamente para eles não cumprirmos com tudo o que o sr. assinou, porque vocês, Ministério, não fariam pressão so-

bre eles».

As signatárias contestam o qualificativo aplicado pelo ministro, aos instrumentos de regulamentação do trabalho que estiverem em causa durante o processo de luta — a portaria seria uma «portaria coxa», tal como o contrato colectivo de trabalho do sector. Porque uma «portaria coxa», interrogam-se, se a mesma veio «beneficiar a maioria dos trabalhadores metalúrgicos», sanando o «aleijamento» de que sofriam?

Criticam, igualmente, o conteúdo divisionista de algumas afirmações, designadamente, quando os metalúrgicos são acusados de se preocuparem apenas consigo próprios, desprezando os trabalhadores dos campos: «Como o sr. está enganado!» — respondem as

mulheres metalúrgicas. «E vem com estas palavras querer dividir a classe operária e o campesinato! Pois nós, operários metalúrgicos, lutamos lado a lado com os nossos camaradas camponeses, para que consigam a Reforma Agrária, para que tenham todas as regalias, como nós, operários».

Para os trabalhadores, explicam, o socialismo não é só o dinheiro, ao contrário do que se disse perante as câmaras: «é uma sociedade sem classes, onde não haja a exploração do homem pelo homem, onde nós tenhamos os direitos ao trabalho e o direito ao ensino, para nós e para os nossos filhos».

Mas não são apenas estas mulheres quem se insurge contra as palavras do ministro. São

já conhecidas as posições de repúdio dos dirigentes sindicais dos metalúrgicos, bem como dos candidatos pela lista A. Os trabalhadores das várias empresas continuam a tomar posição sobre a discutida entrevista.

Referimos, a título de exemplo, os trabalhadores da Alumina, que «lamentam que o ministro do Trabalho defenda os exploradores e esteja contra os explorados», informando-o de que «o socialismo só é possível quando não houver fome na casa dos explorados». Os trabalhadores da Ferrunil, por seu turno, enviaram ao capitão Tomás Rosa um telegrama em que «repudiam energicamente as declarações proferidas na televisão, por falsas, provocatórias e divisionistas».

Nacional

VASCO GONÇALVES AO "HEBDO-75"

«Os meus inimigos polarizaram os ataques contra mim: é mais fácil, perante um povo que não está politicamente instruído. Concretizaram os ataques numa só pessoa contra a qual lançaram as maiores injúrias e mentiras... o que demonstra a qualidade de certos dirigentes do PS. Eu disse que não responderia a essas injúrias nem a essas calúnias. Não sou um político, sou um militar que tem ideias muito precisas sobre a vida da sua Pátria. E por isso não separo a política da moral. Para mim, política e moral andam a par. Isto não convinha, evidentemente, a uma pessoa que estava na posição em que eu estava. Isso será talvez possível no futuro, dentro de alguns anos, numa sociedade em que os homens serão mais livres, em que não haja relações de exploração. Nesse momento, a política e a moral andarão a par. Hoje, provavelmente, não vivemos em condições que o permitam, mas eu não sou capaz de viver de outra maneira» — são as palavras de Vasco, ditas à jornalista belga Chantal Gras e publicadas na revista «Hebdo 75».

Trata-se, ao que sabemos, da primeira entrevista que Vasco concede depois do golpe de palácio que levou ao seu afastamento do Governo e do Conselho da Revolução.

Aqui vai, integralmente transcrita.

«Peço-lhe desculpa continua Vasco por este pequeno desvio de carácter pessoal, que não tem nada a ver com o culto da personalidade. Mas, se eu digo isto, é para tentar compreender melhor a situação actual... Eles polarizaram os ataques contra a minha pessoa. Insistiram muito em que eu estaria ligado ao PC porque eles sabem que em Portugal fazer uma política anticomunista é rentável, pois os sentimentos de anticomunismo estão ainda profundamente enraizados no nosso povo, condicionado por 300 anos de Inquisição, e pelos últimos cinquenta anos de fascismo.»

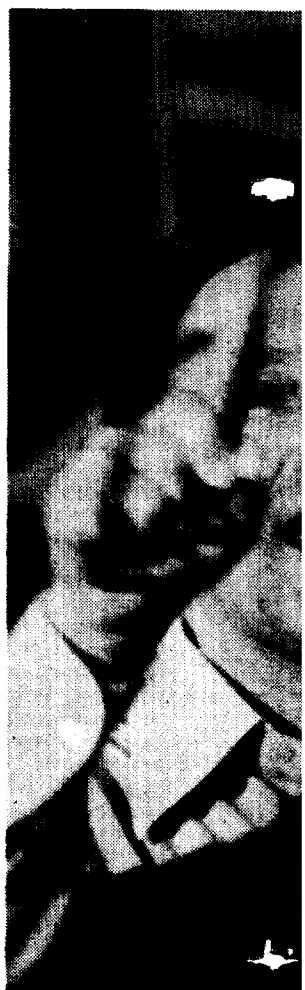
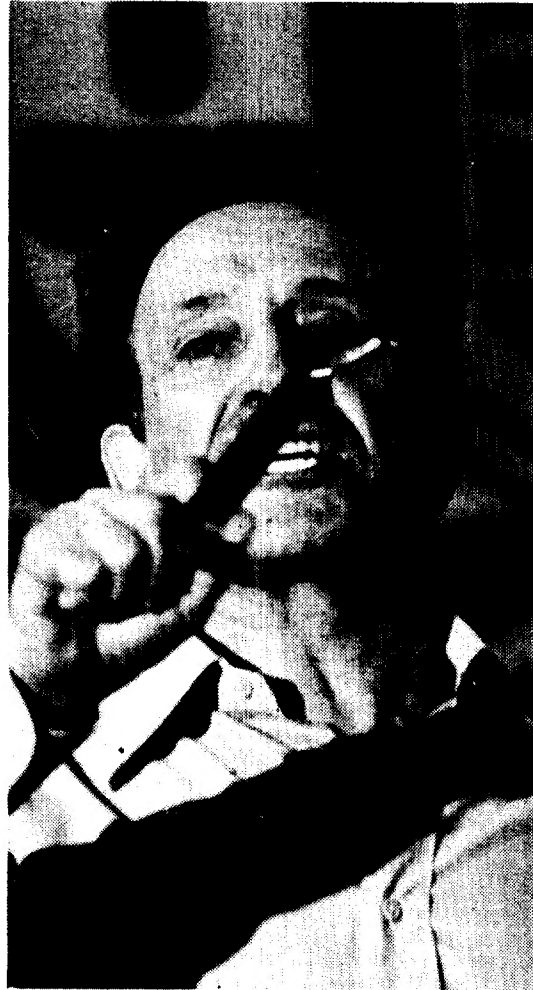
COMO A LÍBIA OU O EGITO

Dando a sua opinião sobre as causas, as razões da crise actual, reafirma a fidelidade à aliança Povo/MFA:

«Como conduzir Portugal para o socialismo, quem deve conduzir este processo — eis as questões fundamentais que se punham às Forças Armadas e que as dividiram, digamos, em duas correntes, uma, à direita, outra à esquerda. Eu defendendo e sempre tenho defendido que quem devia conduzir o processo rumo ao socialismo são as classes trabalhadoras em estreita ligação com o MFA.»

«O grupo dos Nove, que efectuou uma revolução de palácio, pensa de outra maneira. Entendem eles que nas condições hoje existentes em Portugal, e, nomeadamente, porque não houve levantamento do proletariado no dia 25 de Abril, este processo pode ser dirigido pela pequena burguesia e mesmo por certas camadas da média burguesia, admitindo uma aliança com as classes trabalhadoras. Mas mantendo estas à distância. Pela minha parte, penso que esta segunda hipótese não pode levar ao socialismo. Pode levar eventualmente a uma situação comparável à do Egipto ou da Líbia, mas não se trata

TRABALHADORES, F



(senão vamos para a di

da construção duma sociedade socialista.»

«Para mim, este processo deve ser dirigido pelos trabalhadores, operários e camponeses e eventualmente outras camadas. Mas tal como vejo a situação hoje, há um fenómeno fundamental que devemos ter em conta: certas camadas da pequena e média burguesia tomaram em mão a direcção das operações para travar o pro-

cesso ou mesmo para o bloquear. No desenvolvimento actual da luta de classes, há que ter em conta a tomada de consciência dessa pequena burguesia que, à medida que vê chegar a perda dos seus privilégios, toma consciência da sua própria natureza de classe. Anteriormente não tinha esse género de problemas, porque era a classe dominante ou era aliada da classe domi-

nante. Penso que, **se não houver uma luta firme dos trabalhadores, iremos para um regime de direita**. E, a longo prazo, para o fascismo mesmo. Para nós, não há alternativa. Ou vamos para o socialismo ou vamos para o fascismo».

O PC E O GOVERNO

Quanto à questão da participação do PC no

Governo, Vasco respondeu:

«A situação actual do PC é extremamente complicada e difícil. Participando duma maneira ou doutra no Governo, o PC entendeu que o inimigo principal não era a social-democracia, mas sim o fascismo. Esta ideia está na base da sua política. Mas uma questão que se põe e que se punha já no seio do V Governo é a de saber se

RECRUTAMENTO URGENTE

Continuação da pág. 1

Os oficiais e sargentos ganharão o vencimento correspondente ao seu posto, adicionado da respectiva gratificação de especialidade, e de um subsídio de compensação por convocação no quantitativo mensal de 1200 escudos. O mesmo tratamento em relação aos praças que receberão também 1200 escudos (subsídio de compensação por convocação).

O diploma que entra imediatamente em vigor determina que as condições de admissão e permanência nas fileiras por períodos de seis meses prorrogáveis serão definidas em despacho do Chefe do Estado-Maior no respectivo ramo.

Este decreto tem na sua origem o considerando da neces-

sidade de, com a máxima urgência, conduzir o País a um clima de paz, disciplina e tranquilidade pública, conforme anseio da esmagadora maioria do povo português.

Face ao exposto, parece não restarem dúvidas a ninguém que este é o decreto da criação (contestada a todos os níveis) do A.M.I. Agrupamento Militar de Intervenção).

Em suma: «aspectos selectivos» na convocação; «capacidade técnica» (passe o eufemismo) dos elementos a convocar; um conto e duzentos de «subsídio de compensação» (de quê? da «capacidade técnica»?

Também nos elementos a convocar se preferem os retornados e os desempregados. O «contrato» é de seis meses

mas prorrogável. A convocatória vai até aos 35 anos. Apanha ainda todos os elementos que quase desde o início fizeram as guerras coloniais.

O A.M.I. (recorda-se) fica na Presidência da República. Qual o Regimento ou Base que gostaria de ser a sua sede?

A.M.I. É RESERVA ESTRATÉGICA

«Uma reserva estratégica» na dependência directa do Presidente da República — eis o que é o A.M.I. (Agrupamento Militar de Intervenção), segundo nota hoje divulgada sobre o assunto. A sua actuação decorrerá apenas quando o general accionar as forças integran-

tes, que se repartem pelos três ramos das Forças Armadas.

Eis o texto da nota:

«1. O Agrupamento Militar de Intervenção é uma força militar que constitui reserva estratégica, na dependência directa do Presidente da República. Actua, pois, somente no cumprimento de missões especificamente determinadas por aquela individualidade.

«2. O Agrupamento é constituído por forças especiais dos três ramos das Forças Armadas (Fuzileiros, Comandos e Para-Quedistas). Verifica-se assim, contrariamente ao que tem sido noticiado por alguns órgãos de Comunicação Social, que ao Agrupamento não foram atribuídas quaisquer outras forças militares ou militarizadas.

«3. O Agrupamento destina-se a intervir apenas em situações críticas, e após se terem esgotado as possibilidades de solução através das forças militarizadas e do Copcon. Nestas condições, constitui uma força permanentemente disponível para fazer face a ameaças tanto internas como externas, que tenham por finalidade a contra-revolução ou visem pôr em perigo a soberania nacional, a subordinação directa ao Presidente da República e os objectivos que se visam alcançar constituem garantia absoluta de que o agrupamento militar de intervenção se encontra exclusivamente empenhado em servir a revolução e, consequentemente, o povo português.»

CINCO NOMES PARA A C.A. DA C.U.F.

Foram nomeados para integrar a Comissão Administrativa da C.U.F., os licenciados Eduardo de Almeida Catroga, e José Domingos Vistula de Abreu e os engs. Rui Rebelo da Mota Guedes, António José Cardoso da Silva e José António Mestre de Brito Apolinário.

A nomeação foi ontem publicada no «Diário do Governo», na sequência de uma resolução tomada em Conselho de Ministros reunido no passado dia 26 de Setembro.

FIRMES!



ireita)

devemos lutar pela realização dos objectivos socialistas ou se estamos numa fase na qual deve lutar-se prioritariamente contra o fascismo e a reacção. A táctica é evidentemente diferente, consoante se parta duma ou outra destas opções.

«Pessoalmente, penso que estas duas hipóteses quase se confundem. Porque as forças que desenvolveram os ataques contra o V Governo e contra as ideias que eu defendia recorreram a métodos fascizantes.»

UMÀ LÓGICA INEXORÁVEL

«Neste momento é muito difícil distinguir entre os sociais-democratas e os reacccionários de direita e os próprios fascistas, de tal modo se confundem. É esta a minha opinião em face das práticas dos diferentes grupos políticos. Quando vemos este "jogo" de alianças e de "deixar andar", isto tem quase uma lógica inexorável que leva a uma situação que não podíamos ter previsto. O que eu digo é, evidentemente, discutível,

mas pessoalmente é o que penso neste momento.»

Uma das principais críticas dos seus inimigos é responsabilizarem-no pelo **caos económico**.

«As razões desse caos têm que ser encontradas no tipo de capitalismo que tínhamos em Portugal, na acção que o capital monopolista e a burguesia desenvolveram, particularmente até ao 11 de Março, contra as lutas muito agudas iniciadas pelo nosso povo. Apesar disso, chegámos a um ponto em que o capital monopolista de Estado foi gravemente atingido, deixou de funcionar e tem de ser substituído por outras estruturas de funcionamento. E é aqui que começam as grandes dificuldades. Quando começámos esta reconstrução, particularmente a partir do IV Governo Provisório, os inimigos de classe desenvolveram uma oposição a todas as medidas de saneamento da economia pelo desencadear voluntário de crises políticas, que conduzis-

sem à criação de novos Governos. O que atrasa as decisões urgentes que é preciso tomar. Assim, quando o PS abandonou o IV Governo, foi justamente no momento em que se tinham começado negociações com os partidos para se tomarem medidas de austeridade que são necessárias no nosso contexto económico. Medidas de carácter impopular. Pois bem: foi nesse momento que os socialistas decidiram sair do Governo. Sabiam que tinhamos um calendário das medidas a adoptar até ao fim do mês de Julho. E comprometeram esse calendário. A isto há que acrescentar o boicote internacional que é uma realidade. Particularmente o boicote dos países do mundo ocidental. Há também a falha do aparelho burocrático administrativo do Estado, onde se desenvolvem também as lutas de classe e dos interesses das pessoas. O conjunto de todos estes elementos explica, em grande parte, a situação em que nos encontramos...»

SINDICATO DOS TRABALHADORES DA CONSTRUÇÃO CIVIL DO DISTRITO DE LISBOA

SEDE: PRAÇA D. LUIZ, 17 - 1.º DT. — TELEF. 66 11 02/3 — LISBOA-2

QUEM SÃO OS NOSSOS INIMIGOS?

1. — A ocupação do Sindicato pelos trabalhadores logo após o 25 de Abril, correndo com a seita de reacccionários e parasitas que lá estavam metidos, foi uma das medidas que permitiu aos trabalhadores da Construção Civil começar a edificar desde os caboucos um Sindicato limpo de fascistas e voltado para os interesses da classe trabalhadora.

Assim, e depois de várias fases de luta; Comissão Provisória, Comissão Directiva, Comissão AD-HOC, chegou-se às eleições para os Corpos Gerentes do nosso Sindicato e à aprovação dos Estatutos em Assembleia de 24-6-1975.

2. — No entanto, camaradas, nem tudo foi fácil e só a determinação de alguns camaradas mais activos e dedicados pôde cilindrar toda essa cambada de oportunistas que diziam defender os trabalhadores, mas, nos actos, defendiam era o patronato.

Portanto, a luta foi dura e continuará a sê-lo.

Em todo este processo após o 25 de Abril muitos erros se cometeram, é verdade, mas errar é fácil, difícil é resolver esses mesmos erros e emendá-los de imediato.

Se o Sindicato hoje é o que é, com todas as suas incapacidades mas que não de ser vencidas, isso deve-se antes de tudo aos trabalhadores que compreenderam a importância de termos um órgão que nos una e defenda na luta contra a exploração, a miséria, o desemprego, e assim dessa consciência política dos trabalhadores, com a vontade e a experiência de luta de alguns camaradas, criou-se um novo Sindicato — O NOSSO SINDICATO.

3. — Nestes últimos tempos têm surgido comunicados, não assinados, de pessoas que se dizem trabalhadores, alguns deles transcritos em jornais partidários e que em vez de falarem honestamente, cara a cara, nos locais de trabalho, nas Reuniões de Delegados ou de Comissões de Trabalhadores, em Assembleias, ou até no Sindicato, preferem fazer papéis a deitar por terra tudo e todos, dizendo que eles é que sabem o que é bom para os trabalhadores.

Ora bem, aqui há a dizer que a Direcção e a maioria dos trabalhadores condena este modo de actuar e acha que, se há erros, e tem-nos havido, a melhor maneira de se corrigirem é discutir a céu aberto, honestamente, e avançar para a frente. Ninguém deve ter medo de falar e expor os seus pontos de vista. Quem não o faz e utiliza o anonimato é porque ou tem medo que lhe descubram a careca, ou quer dividir a classe, porque a gente sabe que a táctica dos patrões é combater a Direcção, os Delegados Sindicais e as Comissões de Trabalhadores, não de forma aberta, frontal, mas hábeis de golpes baixos e obscuros, lançando trabalhadores contra trabalhadores.

Portanto, todos aqueles que querem lutar pela emancipação da classe trabalhadora, devem dizer abertamente as suas ideias e não esconderem-se em Comissões anónimas que a gente até nem sabe se são trabalhadores ou patrões disfarçados.

4. — Uma das críticas mais comuns à nossa Direcção é que ela não informa do andamento do Contrato Colectivo de Trabalho. A este respeito, quer através de comunicados, quer em Sessões de Esclarecimento, quer em Assembleias, sempre tem a Direcção posto ao corrente toda a classe do andamento do C. C. T. Neste momento, através de comunicados distribuídos aos Órgãos de Informação, em 7-10-75, dá-se conta da necessidade urgente do recomeço das negociações no Ministério do Trabalho.

Outra das críticas é de que na última Assembleia de 16 de Setembro a Direcção se havia retirado pouco depois das 20 horas. Quem lá esteve sabe que isto não é verdade. Como não havia gente suficiente esperou-se meia-hora, e como passado meia-hora não havia trabalhadores em número suficiente para começar a Assembleia, os trabalhadores presentes decidiram que a mesma não se realizaria. Só depois desta decisão é que a Direcção conjuntamente com os trabalhadores presentes saíram da reunião.

Porque é que se mente descaradamente e quais os objectivos que estão por detrás?

Aos comunicados anónimos, às calúnias e à mentira NÓS RESPONDEREMOS COM A FORÇA DA RAZÃO.

Que se apontem os erros com a intenção de os corrigirem mas que se explorem esses mesmos erros para lançar a divisão na classe e enfraquecer o nosso Sindicato, isso só aos patrões interessa e àqueles que receiam o diálogo e utilizam as mais descaradas formas desde o anonimato, a ofensa e a calúnia apenas servem os interesses dos patrões e dos exploradores.

NÃO AOS OPORTUNISTAS E NÃO AOS PATRÕES!

UNIDOS E ORGANIZADOS VENCEREMOS!

EM FRENTE PELO C. C. T. I

Lisboa, 10 de Outubro de 1975

A DIRECÇÃO
(Assin. ilegível)

LISBOA

C/ 7 ANDARES DT.º E ESQ.º

PRÉDIO DE RENDIMENTO

RENDE: 234.840\$ — BASE: 1.500 CONTOS

LEILÃO

POR ORDEM DA RESPECTIVA PROPRIETÁRIA SERÁ POSTO EM PRAÇA O PRÉDIO EMEPIGRAFE, NA

PRÓXIMA 4.ª-FEIRA ÀS 15,30, NO LOCAL,

RUA PADRE FRANCISCO ÁLVARES, 27

(à Estrada de Benfica Junto ao J. Zoológico)

CARACTERÍSTICAS PRINCIPAIS: Livre de quaisquer ónus ou encargos, 2 imóveis por piso, revestimentos a evitel e mármore, 2 ascensores, construção de há cerca de 9 anos, óptimo estado. Inscrito na matriz s/ o n.º 2121, freguesia de Benfica, e registado no livro 6/24 a fls. 38, 25.570 da 5.ª Cons.ª do Reg. Predial de Lisboa.

EM EXPOSIÇÃO A PARTIR DE HOJE

(Mostra porteira)

INFORMAÇÕES, DETALHES, DOCUMENTAÇÕES, ESCRITURAS C/ INQUILINOS, ETC. NO N.º ESCRITÓRIO DAS 11 ÀS 13 HS.



SOC. DE LEILÕES
AV. DUQUE DE LOULÉ, N.º 1
Tels. P.P.C. (9 Linhas)

AFRAFILHOS, Lda

Estrangeiro

a semana

sábado

Correm nos meios madrilenos rumores sobre a iminência de um Governo militar para impor a «lei e a ordem». Presa no País Basco a mãe de «Txiki», um dos patriotas fuzilados no mês passado. A RDA cortou relações com a Espanha. O Paquistão e o Bangla Desh estabelecem relações diplomáticas. Um menor de 16 anos foi condenado à morte em França. Terminou o congresso do Partido Trabalhista britânico em Blackpool, tendo saído reforçada a posição de Harold Wilson.

domingo

O jornal «The Washington Post» sai, pela segunda vez, em edição reduzida, devido a uma violenta greve dos tipógrafos que há dias destruíram parte da maquinaria. Uma vedeta sul-coreana afundou um navio norte-americano perto da ilha de Kuksan. Eleições na Áustria: prevê-se folgada vitória dos sociais-democratas de Bruno Kreisky. Raptado um industrial da Irlanda do Sul. A Hungria anunciou que se retirará do Festival Cinematográfico de Barcelona em protesto contra os fuzilamentos de cinco patriotas.

segunda

Perderam a vida, pelo menos, 27 pessoas em Formosa, no norte da Argentina quando guerrilheiros de esquerda desencadearam os mais sangrentos e arrojados ataques de sempre contra uma guarnição do Exército e o aeroporto da cidade. Simultaneamente guerrilheiros assaltaram e desviaram um avião comercial Boeing 737, a bordo do qual uma dezena deles fugiu, após os combates, aterrando num campo a 60 quilómetros a sul, perto de Santa Fé. Dai os guerrilheiros escaparam-se em automóveis que os aguardavam.

terça

O Mercado Comum suspendeu as actuais negociações com Espanha, na sequência da execução de cinco patriotas. Libertado o padre catalão Xirinachs, que se presumia viesse a ser premiado com o Nobel da Paz. Detidos mais cinco sacerdotes em Madrid. O Conselho de Ministros reúne extraordinariamente, depois de anunciada a morte de três guardas civis e ferimentos em mais dois. Pensa-se que poderá ser decretado o «estado de guerra». O secretário norte-americano de Defesa revelou, ao que parece, por inadvertência que o orçamento de todo o conjunto dos serviços americanos de informação ascende a três biliões de dólares.

quarta

Tropas argentinas mataram 19 guerrilheiros, elevando para 69 o número de pessoas que perdem a vida em batalhas travadas desde domingo. Tiroteio desencadeado em circunstâncias pouco claras ocasionou a morte de dois polícias e três civis em Barcelona. Os estivedores venezuelanos decidiram boicotar todos os barcos espanhóis. No final da reunião do Conselho de Ministros de Espanha foi revelado o resultado das conversações havidas com os EUA sobre o futuro das bases americanas naquele país: nenhuma base deverá ser encerrada.

quinta

Começam a regressar a Espanha os embaixadores chamados aos seus respectivos países pelos Governos sociais-democratas da Europa, em protesto contra a execução dos cinco patriotas. A crise está a atenuar-se. Entretanto, continua a suspensão de jornais; desta vez foi o semanário de Barcelona «Mundo». Continuam também as prisões: mais 16 elementos da FRAP foram encarcerados. Do Vaticano, o Papa voltou a desaprovar a execução dos cinco patriotas fuzilados.

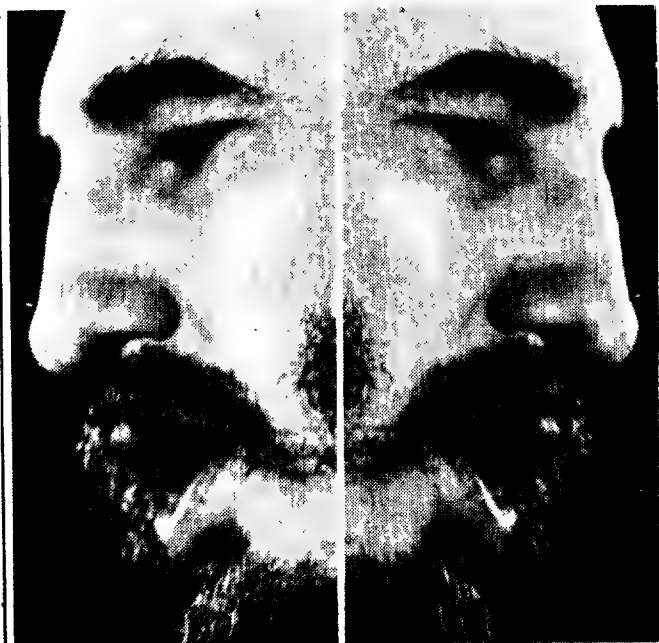
sexta

Doze oficiais espanhóis presos em Espanha: nove detidos em Madrid desde Julho e três detidos agora em Gerona. Estas novas prisões estão relacionadas com as actividades da União Militar Democrática. Um guarda madrilenho morreu em consequência de tiros recebidos no dia 1 deste mês. Israel assinou o acordo provisório com o Egipto. Nova batalha na capital libanesa, onde parece instalar-se duradouramente a guerra civil. O presidente sírio, Hafez Assad, chegou inesperadamente a Moscovo para uma visita «curta e amigável» (segundo a Tass). Desencadeada no Brasil uma violenta campanha de repressão.

cuba



preferimos ser mais pobres mas cada vez mais dignos



Quando, a partir de 1970, se iniciou o fortalecimento institucional do primeiro Estado socialista da América, os inimigos da revolução desencadearam uma campanha destinada a distorcer os fundamentos da sua política externa.

A propaganda dos inimigos de Cuba recorreu então a todos os meios ao seu alcance para «vender» ao mundo a imagem de um processo social em retrocesso, que abandonava o internacionalismo militante para se dedicar exclusivamente ao desenvolvimento económico nacional.

Segundo essa mentirosa hipótese, os cubanos abandonariam a sua solicitude para com o movimento revolucionário internacional, com o fim de enfrentar, supostamente em melhores condições as sequelas deixadas por quase quinhentos anos de colonialismo espanhol e cinquenta de neocolonialismo norte-americano.

No entanto, é completamente falso, sob o ponto de vista da própria ideologia revolucionária, estabelecer tal contradição, quando ambos os aspectos — desenvolvimento económico e solidariedade internacional — fazem parte da mesma doutrina.

Dezasseis anos depois do triunfo da revolução, e, numa altura em que diariamente se especula sobre a possibilidade de uma melhoria de relações

entre Washington e Havana, o primeiro-ministro Fidel Castro reiterou perante cerca de meio milhão de cubanos:

«Cuba nunca renunciará aos seus princípios revolucionários para conseguir uma eventual melhoria das suas relações com os Estados Unidos. Independentemente dos interesses nacionais, saiba-se que nunca poderá haver melhoria de relações com Cuba, se, para tal, houvessemos que renunciar a

um só dos nossos princípios revolucionários.»

Fidel Castro respondeu assim a críticas recentes, formuladas pelo departamento de Estado norte-americano contra este país pelas suas expressões de solidariedade com Porto Rico, colónia de Espanha dantes, e dos EUA, agora.

Mas, além disso, o dirigente cubano enumerou alguns dos princípios fundamentais da Revolução, que, sem abandonar

a luta contra o desafio económico, tem tornado extensivo o seu apoio prático a todos os países do mundo que lhe têm solicitado.

Cuba baseia a sua política externa na coexistência pacífica, no respeito mútuo entre as nações e no internacionalismo com o movimento revolucionário e progressista dos cinco continentes.

«Como poderia ser de outra forma essa linha externa, se a revolução cubana foi, em boa medida, fruto da solidariedade mundial e muito especialmente do campo socialista, com a União Soviética à cabeça?» Fidel Castro ratificou a projecção internacional de Cuba ante centenas de milhares de homens e mulheres de todas as idades, congregados na Praça da Revolução, quando um estrondoso «Fidel, seguro, a los anquis dale duro», foi também como que uma ratificação multitudinária da firme atitude anti-imperialista dos cubanos.

Nesse dia, por ocasião do XV aniversário dos Comités de Defesa da Revolução (com quase cinco milhões de membros), o primeiro ministro sintetizou estes princípios fundamentais da revolução cubana: «preferimos ser um pouco mais pobres, mas cada vez mais dignos».

Manuel Somoza
«Prensa Latina»

comentário

compra e venda em nove pontos



Numa discreta cerimónia na santa cidade de Jerusalém e numa discreta votação na menos santa cidade de Washington, o imperialismo acaba de marcar uma grande vitória diplomática. Em Jerusalém, Israel assinou o acordo provisório que, sob a égide do querido Henry, cozinhou com o Egipto. Em Washington, o Senado, recentemente esquecido das amarguras vietnamitas, autorizou o sr. Geral Ford a enviar técnicos americanos para o Sinai. Já a Câmara dos Representantes, atacada da mesma doença de memória, tinha antes autorizado o presidente a proceder a esse envio de material humano para terras do Médio Oriente. Gerald Ford falou aos congressistas, apontando-lhes a necessidade de votarem a favor da sua pretensão. Prometeu Jerry (como lhe chamam em família) que ficaria assim garantida a paz no Médio Oriente.

No dia 15 de Novembro, os egípcios ocuparão os campos petrolíferos de Ras Sudar (que desde a Guerra dos Seis Dias estavam na posse de Israel), seguindo-se depois a entrega dos campos de Abu Rudeis, até que no dia 21 de Fevereiro de 1976, os israelitas terão completado a sua retirada dos desfiladeiros do Sinai. Fraca coisa, como se vê, para garantir a paz no Médio Oriente.

Nisto de código diplomático, há que atender porém aos significados ocultos das palavras. A paz do sr. Geral Ford é uma coisa muito diferente daquela que o comum dos mortais entende designar por essa palavra. A paz do sr. Gerald Ford tem nove pontos. Não garantimos que sejam exactamente como os vamos descrever. Mas, se não forem, por lá perto andarão.

Antes mesmo de o acordo estar concluído, já os comentaristas internacionais falavam das suas cláusulas secretas. Que elas existem é um facto incontestável, já de todos conhecido. Mas que cláusulas são essas? Segundo a revista «Afrique-Asie», o Egipto comprometeu-se a:

1 — substituir progressivamente o conjunto do arsenal soviético por armas ocidentais e cessar assim de contar com o material militar soviético; 2 — denunciar o tratado egípcio-soviético, logo que as circunstâncias o permitam, e, em todo o caso, antes de 1976, a menos que acontecimentos imprevistos venham modificar a situação; 3 — exercer pressões no sentido de eliminar os elementos «radicais» da resistência palestina; 4 — não se opor à possibilidade de negociações com vista a um acordo jordan-israelita, no caso em que a resistência palestina mantenha as suas actuais posições intransigentes para com Israel e os acordos provisórios; 5 — encerrar favoravelmente a possibilidade de contactos directos secretos entre emissários ou diplomatas israelitas e egípcios; 6 — não desencorajar o restabelecimento de relações diplomáticas entre Israel e os países não árabes; 7 — desenvolver esforços discretos sobre os países árabes produtores de petróleo, a fim de impedir ou limitar o mais possível a alta do preço do petróleo; 8 — desenvolver a campanha dos meios de informação egípcios e árabes contra a União Soviética e o comunismo em geral; 9 — estabelecer uma cooperação entre os serviços de informações egípcios e americanos, no tocante aos seus interesses respectivos no mundo árabe.»

Esta «paz» é, na verdade, um autêntico programa. Uma escritura notarial em que Sadat do Egipto, pela sua opção de classe, vende todo o mundo árabe à causa imperialista. Um programa de anti-sovietismo e anticomunismo. Um compromisso de sabotagem dos interesses mais sagrados dos árabes e palestinos. Uma escritura, um programa, um compromisso, que todos devemos analisar com atenção. Nestas coisas de escrituras há sempre uma minuta. E, mais ponto menos ponto, é sempre por esta minuta que o imperialismo rege os seus contratos de compra e venda.

ALICE NICOLAU

A PRESIDENTE ESTELA PERÓN VAI REASSUMIR O PODER

BUENOS AIRES, 11 (A. N. O. P. F. P. e R.). A presidente Maria Estela Peron reasumirá o poder na próxima semana e discursará num comício marcado para o dia 17.

Foi a noite passada anunciada oficialmente nesta cidade.

Uma declaração da presidência dizia que a sr.^a Peron, de 44 anos, regressaria a Buenos Aires na semana próxima depois de ter passado um mês a descansar na província de Córdoba, no Norte do país.

ABATIDOS 13 GUERRILHEIROS

Foram ontem abatidos em Tucuman treze guerrilheiros do E. R. P., anunciou o comando geral do exército argentino.

Um sargento perdeu também a vida durante a acção que elevou para 99 o número de baixas guerrilheiras em oito meses de guerra na província de Tucuman e a 15 as do exército, segundo as estatísticas oficiais.

O comando não forneceu mais detalhes sobre o incidente, sabendo-se somente que o exército tenta deste Fevereiro desalojar uma companhia do E. R. P. que ocupa a zona selvática-montanhosa de Tucuman, a 1.350 quilómetros a Noroeste de Buenos Aires.

Por outro lado, foram descobertos vários cadáveres em diversas pontas da Argentina. O primeiro, o dum guerrilheiro, foi encontrado crivado de balas perto de Tucuman por uma patrulha militar. Nas cercanias

RECONTROS NO LÍBANO

BEIRUTE, 11 (ANOP). — Violentos recontros entre milícias libanesas rivais eclodiram a noite passada no sector residencial de Beirute, procurando as forças muçulmanas progredir pela rua comercial de Hamra, aparentemente para destruir as lojas aí existentes, na sua maioria propriedade de cristãos.

Círculos policiais afirmam que foram mortas 25 pessoas durante todo o dia de ontem e que mais de meia centena ficou ferida.

Entretanto, em Tripoli, conseguiu chegar-se a um acordo de cessar-fogo para pôr fim a dois dias de violentos combates entre milícias muçulmanas de um lado e cristãos e forças governamentais do outro.

SECRETARIADO PROVISÓRIO DAS COMISSÕES DE TRABALHADORES DA CINTURA DE LISBOA

Este Secretariado, promotor da Grande Manifestação de 18 de Setembro último, a fim de dar cumprimento a um dos pontos aprovados no Comício dessa Manifestação, leva a efeito, nas datas e locais abaixo indicados, reuniões regionais preparatórias do **GRANDE PLENÁRIO** a realizar em Lisboa, no final de Outubro.

Empresas de:	Dia	Local
Linha de Cascais	13.10.75	Câmara Municipal — Cascais —
Loures	13.10.75	Trefilária — Estrada Nacional 10 Sacavém —
Lisboa e Almada	14.10.75	C. R. G. E. Rua D. Luís, 14 Lisboa
Barreiro e Seixal	14.10.75	C. U. F. Barreiro
Linha de Sintra	16.10.75	J. Pimenta Queluz
Vila Franca de Xira	16.10.75	MAGUE Estrada Nacional 10 Alverca
Setúbal	20.10.75	INATFI Setúbal

Todas as Sessões se realizam às 20 h.

O SECRETARIADO PROVISÓRIO

de Buenos Aires a Polícia descobriu os corpos dum homem e dum mulher mortos a tiro. E, finalmente, em La Plata, os agentes da ordem encontraram o cadáver dum jovem rapariga crivado de balas.

LIBERTADOS OS REFÉNS

Entretanto, os refugiados latino-americanos que ocuparam na passada terça-feira a missão do alto-comissariado da O. N. U. para Refugiados em Buenos Aires, abandonaram as instalações dirigindo-se ao aeroporto mas acabaram por per-

der o avião que os devia transportar à Argélia.

No entanto, funcionários das Nações Unidas apressaram-se a arranjar-lhes lugar noutra avião.

Após libertarem os cinco reféns que detinham em seu poder, os refugiados abandonaram a missão da O. N. U. seguindo em oito automóveis para o aeroporto.

Em cada um dos carros seguia um representante da O. N. U.

A coluna era escoltada por viaturas da Polícia e carros blindados.

Fiel discípulo de Franco na chefia da Guarda Civil

MADRID, 11 (R). — O General espanhol nomeou um general da linha dura para o comando da Guarda Civil, num gesto que os observadores locais consideram uma resposta velada aos últimos ataques da guerrilha urbana contra um polícia.

O general Angel Campano, comandante da Primeira Região Militar, que abraça Madrid e os seus arredores, foi ontem designado para substituir o general Jose Vega Rodriguez, tido como moderado e que se sabe ter tido contactos com políticos da oposição.

No seu anterior posto de capitão-general de Madrid, Campano assinou a ordem de execução de três dos cinco militantes antifranquistas fuzilados em 27 de Setembro.

Círculos bem informados declaram no entanto que os ministros moderados no Governo parece terem conseguido neu-

tralizar as pressões da ultra-direita para a imposição do estado de emergência ou a utilização do Exército na repressão da guerrilha urbana, que no ano corrente já fez vinte mortos entre a Polícia.

Na sua maioria, os comandantes das regiões militares opuseram-se à intervenção das Forças Armadas na campanha antiguerilha — acrescentam os mesmos círculos.

Na conferência de Imprensa que deu ontem depois da sessão do Gabinete, o ministro da Informação, Leon Herrera, declarou que o Governo também está a estudar processos para aumentar a eficácia da campanha, incluindo a distribuição de melhor equipamento à Polícia e à Guarda Civil.

No País Basco, a Guarda Civil tem estado na vanguarda da luta do Governo contra a E. T. A., organização separatista basca.

Prevê-se o endurecimento do regime brasileiro

RIO DE JANEIRO, 11 (ANOP). — Ao que tudo indica estão criadas as condições para o endurecimento rápido do sistema político brasileiro, com incidência imediata no reforço da actuação das forças de segurança, na redução das funções do poder legislativo e na redução do campo de manobra do partido da oposição M. D. B. (Movimento Democrático Brasileiro) para se expressar publicamente e até mesmo vir a apresentar candidatos às próximas eleições. Vários fac-

tos dos últimos dias e as apreciações da Imprensa ao discurso do presidente Ernesto Geisel vêm em apoio desta análise.

Ontem mesmo os jornais incluíram uma nota da secretaria de segurança, que proíbe «desfiles, passeatas, reuniões, concentrações e qualquer tipo de manifestação que vise perturbar a ordem pública», justificando a medida no sentido de «assegurar à população a protecção, livre de distúrbios, particularmente aqueles que impeçam o trânsito pelas ruas da cidade». Foi esta a resposta quanto à forma escolhida pelos estudantes — manifestação pública — para dias atrás expressarem o seu descontentamento.

Nas repercussões ao discurso do presidente Geisel, alguns jornais brasileiros são bastante claros neste sentido.

A «Última Hora» diário carioca adianta algumas hipóteses de actuação do Governo quanto à segurança nacional ao afirmar em editorial que «a situação extremamente grave definida pelo presidente, torna inexecutável, a partir de agora, uma política de abertura que levaria fatalmente à destruição do movimento político de 64. O país não está, assim, em condições de suportar o choque de ideias que produziriam mais adiante resultados eleitorais inaceitáveis. A tendência do eleitorado brasileiro, nas actuais circunstâncias, favorece a oposição, levando-a a vitórias maciças (...). Ora, como poderá a revolução permitir a conspiração esquerdista já detectada?» E termina com uma antevisão do futuro próximo político: «Deverão ser tomadas medidas de segurança que devem caminhar ao lado do processo de desenvolvimen-

to.» Isto é, «aumento da taxa de segurança a fim de fazer face a possíveis repercussões das medidas anunciadas anteriormente pelo presidente Geisel.»

No mesmo sentido, «O Estado de São Paulo» afirma que «como um dos dogmas do presidente é a continuidade da Revolução, haja o que houver e custe o que custar, o conclusão parece óbvia: o sistema não absorverá e nem permitirá a vitória ampla do M. D. B. em 1978. Esta vitória, porém, a partir de ontem, tornou-se mais previsível, mais clara, mais nítida. O aperto político está ali mesmo.»

Entretanto, dizendo que «não se podem fazer contratos petrolíferos com empresas multinacionais sem desrespeitar a constituição e a lei da Petrobrás», o deputado Marcos Tito, do M. D. B., afirmou no Congresso que «o Governo brasileiro capitulou perante os interesses das multinacionais».

Por sua vez, Pontes de Miranda, um dos mais respeitados juristas brasileiros, também afirmou: «O contrato de risco é inconstitucional: não existe esta figura jurídica no direito brasileiro. Tenha a forma que tiver, fere o princípio do monopólio estatal da Petrobrás».

Aos 84 anos e muito emocionado, Pontes de Miranda não consegue «acreditar que a solução para o país seja o contrato petrolífero com empresas estrangeiras. Não entendo de técnica de petróleo, mas entendo do Brasil e vi os homens que dirigem hoje este país lutar há 20 anos atrás no meio da rua pela criação da Petrobrás, defendendo o monopólio estatal com unhas e dentes, sob o lema o «petróleo é nosso».

SINDICATO DOS TRABALHADORES DO COMÉRCIO DO DISTRITO DE LISBOA

SEDE: AV. DA REPÚBLICA, 27 - 29 — TELEF. 57 40 73
LISBOA

CONVOCATÓRIA ASSEMBLEIA DE DELEGADOS

Convocam-se todos os delegados sindicais para uma assembleia a realizar no próximo dia 13.10.75.

A Ordem de Trabalhos é:

- 1 — Informações
- 2 — Verticalização
- 3 — Relações com a Intersindical

Apelamos para uma comparencia maciça devendo todos os delegados vir devidamente credenciados.

Lx. 8.10.75.

Pela Direcção
Jaime P. S. Rodrigues

almoce
ou jante **JUNTO AO MAR**
TAMARIZ
RESTAURANTE E SNACK BAR A PREÇOS NORMAIS
TELEF 261665
ESTORIL

Espectáculos

Crítica
le
Música

ÁRIO VIEIRA DE CARVALHO

CONCERTO POPULAR PARA ORQUESTRA DA E.N.

A Orquertra Sinfónica da missora Nacional debate-se em problemas cuja origem reside na inexistência de estruturas sócio-culturais, designadamente no campo do ensino geral e do ensino da música particular, que não está ao alcance de resolver. Entretanto, poderá sempre melhorar o nível do seu rendimento técnico e artístico, através de medidas de vária ordem como aquelas que têm sido aqui apontadas por diversas vezes e que se dispõem de lembrar agora.

Para já, importa reconhecer que, no seu concerto de apresentação para a nova temporada de 75-76 — coincidente com as iniciativas levadas a efeito no âmbito da Semana Nacional da Música — a Orquestra da E. N. ressuscitou a sua velha tradição de grandes cometimentos quando menos e espera. Foi, na verdade, um grande cometimento ter interpretado por forma tão brilhante e vigorosa — sobretudo tendo em atenção a crise real, cada vez mais aguda, que está a atravessar — um programa preenchido com obras de Luís de Freitas Branco e Maurice Ravel que puxam bastante pe-

las capacidades individuais e colectivas dos instrumentistas.

Silva Pereira, a quem coube a direcção, estabelece com a Orquestra uma relação psicológica favorável a estes «desarrincancos». É um chefe de orquestra particularmente sensível à linha impressionista (dominante no programa) e sabe trabalhar com os músicos, ganhando-os para a sua concepção sem dar a impressão de estar a exigir deles qualquer esforço suplementar. Depois, e isto tornou-se bem visível na última peça do programa (*Daphnis e Chloé*, de Ravel), sabe transmitir-lhes, durante o concerto, a paixão — porque de paixão se trata — que o liga a esta música.

Para além disso, há uma tradição impressionista na orquestra, que vem dos tempos de Pedro de Freitas Branco. E observa-se também que em obras como *Daphnis e Chloé* há determinadas cores instrumentais muitas vezes sobresalientes que vão ao encontro precisamente da zona forte da orquestra — a zona dos sopros, em especial das madeiras, e mesmo a percussão. Tudo somado, e não esquecendo nunca a função primordial, de

agenciamento de energias técnicas e interpretativas, que coube a Silva Pereira, assistir-se a uma das melhores e das mais contagiantes realizações que daquela obra me lembro de ter ouvido em directo. O público, de resto, bem o compreendeu, correspondendo com aplausos entusiásticos e repetidas chamadas ao palco. E era um público numeroso que enchia por completo o Auditório Gulbenkian, onde, desta vez, as entradas foram gratuitas.

O mesmo clima de indiscutível êxito rodeou a execução das outras obras do programa: *Paraísos Artificiais* e *Suite Alentejana n.º 1* de Luís de Freitas Branco, as *Canções Populares Gregas* e as *Canções de D. Quixote a Dulcinea*, de Ravel, cantadas ambas por outro dos intérpretes justamente aplaudidos: o barítono José de Oliveira Lopes.

Assim decorreu uma das manifestações mais dignas entre as que, no decurso deste ano, visam comemorar o centenário de Ravel e o 20.º aniversário da morte de Luís de Freitas Branco — figura de artista e

de intelectual de grande relevo na cultura portuguesa contemporânea, que, ligado a homens como um Bento Caraça ou um António Sérgio, desenvolveu também uma acção antifascista e progressista consequente.

Uma palavra ainda sobre o local em que decorrerá a série de concertos sinfónicos da Emissora Nacional, com início no próximo dia 25 de Outubro (sábado). Parece que não está ainda assegurada uma sala permanente, o que, a ser verdade, torna ainda mais difícil as condições de trabalho dos músicos. Esperemos que, ou no auditório da Gulbenkian, que oferece boas condições para estes concertos em função do volume habitual do respectivo público (e cuja utilização seria ridículo impedir por razões de horário: em qualquer parte do Mundo é aos sábados e domingos que as instalações culturais têm maior actividade), ou noutra sala mais adequada para trabalhar e apresentar publicamente os frutos do seu trabalho.

Junto se publica a Declaração do Conselho Nacional da Música, lida por Nuno Barreiros durante o concerto aqui referido.



UM DIA NÃO SÃO DIAS

«Dizem de ti que és uma criança
«e que tens todos os anos um
«Dia Mundial da Criança
«Tanto faz, não ligués.
«O que importa é a festa».

Domingo, 12, no Mercado do Povo, a partir das 14 horas, tens cinema, circo, fantoches, pintura e teatro.

E não te esqueças que um dia não é nada, que o ano tem 365 dias e, às vezes, 366. E que a vida tem muitas vezes 365 ou 366 dias. E que depois já não és criança. E mais: que isto, assim, não pode continuar...

O CINEMA LEVA CUBA A SANTARÉM

Mais uma vez Cuba está presente no Festival Internacional de Cinema de Santarém, depois do forte impacto causado em edições anteriores do certame pelos excelentes filmes cubanos, os documentários «Vaquerios del Cauto», «Ciclón», «Hemingway» e «Del Escambray, el Campesino» e as longas metragens «Los Días de Agua» e «La Nueva Escuela». De Havana, directamente, o ICAIC (Instituto Cubano de Arte e Industria Cinematográfica), foi confirmada a organização, a participação de Cuba no V Festival de Cinema do Filme

Agrícola e de Temática Rural de Santarém, com a longa metragem «El otro Francisco», primeira realização do cineasta Sergio Giral, inspirada na novela do escritor cubano Anselmo Suárez Romero, e grande triunfo no último Festival Internacional de Cinema de Moscovo.

O director do festival acaba também de convidar para participar no certame o discutido filme português «José Diogo e o fascista Columbano», produzido pela equipa da «Cinequanon».

MENTIR, NO CINEMA, SOBRE OS HERÓIS DOS E.U.A.

DALLAS (Texas), 11 — (ANOP) — Dave Crockett não morreu em acção na Batalha de Alamo, como o cinema tem mostrado, tendo, sim, sido capturado depois passado pelas armas com mais seis companheiros. Esta nova versão resulta de um diário agora publicado em Dallas e escrito há quase um

século pelo oficial José Enrique de La Vena que fazia parte das forças do general Santa Ana que em Março de 1836 saltaram o forte texano.

No último filme sobre este acontecimento histórico, a figura do célebre batedor das florestas era representada pelo actor John Wayne.

CINEMA NA INTERLIVRO

Esta noite, às 19 e 30, realiza-se na «Interlivro, Centro de Cultura Ibérica» (Largo Trindade Coelho, 34), uma sessão cinematográfica, seguida de colóquio, com a projecção de

três curtas metragens colombianas realizadas por Luis Ospina e Carlos Mayolo: «Bombardeo a la Casa Blanda», «Viene el hombre» e «Oiga vea».

O «DIÁRIO DE LISBOA» VENDE-SE NO PORTO

O «Diário de Lisboa» encontra-se à venda nas tabacarias de Leça, Matosinhos, Foz, Avenida da Boavista, Carvalhosa, Rua da Boavista, Carvalhido, Praça Marquês de Pombal, Rua de Costa Cabral, Constituição, Praça da República, Bonfim e Antas e na Tabacaria do Bar-Restaurante do Aeroporto em Pedras Rubras.

Crítica
de
Teatro

CARLOS PORTO

A EXCEPÇÃO (BRECHT) E A REGRA (NÓS) - 2

A última vez que H. W. subiu a um palco foi em Nanterre — nos subúrbios vermelhos de Paris — representando «A Mão». Estava já gravemente doente sem que ninguém o soubesse. Saía da cama para o palco e, depois de representar, voltava para a cama. Quando regressou a Berlim foi para um hospital onde morreu.

No filme «Helene Weigel» há algumas imagens da representação em Nanterre. Entre elas, um plano verdadeiramente espantoso. Os actores, no final do espectáculo, estão junto da ribalta. Helene Weigel empunha a bandeira revolucionária de Pelágia Vlassova. Cantam. A câmara foca de frente o rosto da actriz: vemos os seus olhos — onde já não há o brilho de outrora — percorrendo lentamente a sala (não cabia um alfinete) de cima a baixo, de um lado a outro. É o olhar de quem se despede da vida, do teatro, dos homens. Não há nele nem arrependimento nem

amargura, apenas a tristeza de quem chega ao fim do dia e poisa o seu instrumento de trabalho, e diz, com a certeza do dever cumprido, «adeus, camaradas — um dia virá em que os amanhã cantarão para todos».

A Semana Brecht teve, como não podia deixar de ser, o seu momento pateta. Ficamos a devê-lo ao cronista e realizador de cinema, Augusto Fraga, jornalista do «Século». Trabalhando neste jornal gente bem capaz de escrever sobre teatro, não sei como este senhor é autorizado a gastar espaço com esse tema. Bem. O artigo até procura ser simpático, até condescende em tecer o elogio da generosidade do homem Brecht porque, diz o articulista, «para nós, as objeções à obra de Brecht só surgem, com algum vigor, quando, dessa perspectiva social, passamos para a artística». O cronista compara

Brecht a Voltaire (onde é que já lemos isto?) e escreve coisas que só lidas é que têm graça. Vai mesmo ao ponto de perguntar se os processos e a técnica de que Brecht se serviu não terá servido para disfarçar «uma fundamental pobreza de inspiração poética». E mais: «Brecht parece compreender mal a importância da emoção, da afectividade profunda, tanto na vida como na arte.» Aqui está como escreve quem não percebe nada de nada (em relação ao que escreve). Não vale a pena explicar que a contribuição de B. B. na história da poesia alemã deste século foi fundamental. Não vale a pena explicar que B. B. não ia nessa cantiga de «inspiração poética»; não vale a pena explicar que a poesia não é só António Nobre ou Guerra Junqueiro; é também — e sobretudo — Fernando Pessoa. Não vale a pena explicar que o teatro de B. B., como a sua poesia, nem é destituído de

«emoção» nem de «afectividade profunda», não vale a pena explicar que B. B. tinha da emoção e da afectividade concepções demasiado altas e sérias para poderem ser entendidas por um qualquer Augusto Fraga. Como a sua poesia ou o seu teatro.

Outro falhanço da Semana Bertold Brecht diz respeito aos colóquios que se seguiram — ou não — aos espectáculos. Na verdade, nem a presença de Werner Hecht foi suficiente para dar vida ao que não chegou a existir. Razões: não se terem organizado colóquios independentes dos espectáculos para que houvesse tempo para os debates. Perdeu-se assim a oportunidade de clarificar certos problemas relacionados com a obra e com as teorias de B. B. Foi pena. E aqui, fica, uma terceira autocritica (isto até parece um muro de lamentações).

Televisão



Decorre neste momento a emissão dos **jogos sem fronteiras**, passados na Bélgica e dedicados, desta vez aos novos. Prodígio de imaginação para bem dispor as massas televisivas. Dizem-nos que estes jogos correspondem a um desejo do general De Gaulle que, deste modo, desejava integrar a boa disposição de cada país da Europa Ocidental no Mercado Comum.

Quanto a nós, entramos nelas apenas na qualidade de observadores, e pela primeira vez, este ano. Veremos se, para o ano que vem, já poderemos participar ao vivo nesta cegada europeia. Certamente o ministro Melo Antunes não deve ter descurado este problema, este grave problema, que bem merece das suas elevadas qualidades de negociador, tão simpático aos olhos do capitalismo ocidental, tão simpático, que logo conseguiu nos fosse prometido o empréstimo de quatro milhões de contos distribuídos por dois anos. E, o que mais é de pasmar, sem quaisquer condições políticas. Se houver aí alguém que descreia de tanta benevolência capitalista, arrependa-se. Alguma vez viria um que o capitalismo faria qualquer coisa pela salvação da sua alma. Seria agora. Pelo facto de ajudar desinteressadamente o nosso país, o capitalismo europeu fica aliviado em uma data de anos

MAIS CEGADA, MENOS CEGADA...

nas penas do purgatório — se é que Deus o não envia directamente para o caldeirão do Pero Botelho.

Esperemos, pois, pela nossa próxima integração no Mercado Comum das cegadas. Isto, como o outro que diz, mais cegada, menos cegada...

Antes disso, tivemos uma ida até à vila do Seixal, onde contactámos com a fábrica de cortiça da **Mundet**. Conosco, elementos da sua comissão de trabalhadores e outros operários para nos darem conta

da situação que actualmente se vive na fábrica.

Assim aconteceu. Mas os trabalhadores ultrapassaram esse propósito e transformaram a sua intervenção numa verdadeira sessão cultural, isto é, numa sessão em que nos enriqueceram, com o entendimento de determinadas situações e determinadas vivências.

Assim nos contaram das autênticas razões que estão na base da separação do Seixal e do Barreiro. Por que razão

o fascismo não facilitava as comunicações com o Barreiro? Pela simples razão de que se pretendia defender o Seixal dos contágios revolucionários do Barreiro!...

Claro, como também ficamos a saber, isso não impediu que a classe operária do Seixal, na generalidade, e da **Mundet**, em particular, se mantivesse na frente do combate antifascista. Na imprensa clandestina a acção dos trabalhadores da **Mundet** aparece inúmeras vezes

Continua na pág. 18

Teatro
A RTP apresenta todas as noites, às 21.30 h., e aos domingos também, às 16 h., a peça de Miguel Franco

«LEGENDA DO CIDADÃO MIGUEL LINO»
Desc. às 2.ªs Feiras
«ÚLTIMAS SEMANAS»
Não acons. a menores de 13 anos
Bilheteira Tel. 89 70 17
ABEP — Telef. 32 88 23



TRABALHADORES DE TEATRO DA CASA DA COMÉDIA
contam:
AVENTURAS E DESVENTURAS DOS HERÓIS CASTRADOS
Hoje último dia às 21.30 n.
Sáb. Mat. às 16 h., T. 607299
R. S. Franc. de Borja, 22

AMORTECEDORES

Reparo e reconstrução todas as marcas, com garantia
MENDES
Tel. 76 84 23
R. Capitão Ramires, 2-A
(Ao Campo Pequeno)
Representante dos amortecedores «J M»

CAIXA NACIONAL DE PENSÕES

CAMPO GRANDE, 6 — LISBOA-5
TELEFONES 779141/50 — APARTADO 5020

COMUNICADO

Para os devidos efeitos se anuncia que a lista provisória da classificação dos concorrentes ao concurso para distribuição dos fogos do bairro de habitações sociais de Torre, se encontra afixada e posta em reclamação pelo prazo de 15 dias, a partir de 13/X/75, nos locais abaixo mencionados:

Caixa Nacional de Pensões

Morada: Av.ª António Serpa, 32-A, r/c., Lisboa.

Caixa de Previdência e Abono de Família

Lisboa, 10 de Outubro de 1975.

INSTITUTO UNIVERSITÁRIO DE ÉVORA

INSCRIÇÕES

No período que decorre de 10 a 25 do presente mês de Outubro encontram-se abertas as inscrições para o acesso aos cursos que vão ser professados neste Instituto, cursos universitários formalmente homologados por despacho ministerial de 06. Out. 75:

Bacharelato em Extensão Rural
Bacharelato em Produção Animal
Bacharelato em Planeamento Biofísico.

Funcionário também durante o ano académico de 1975/76 cursos técnicos, não necessariamente de nível superior, sobre Tecnologia de Materiais (materiais naturais) alguns dos quais poderão ter carácter propedêutico em relação ao bacharelato neste curso, cuja abertura será oportunamente anunciada.

Atendendo à exigência de salvaguardar a qualidade mínima do ensino, considerando ainda as previsões das necessidades em pessoal qualificado e a capacidade física e pedagógica da instituição, o acesso será limitado a 160 alunos pelo que os candidatos serão eventualmente sujeitos a testes simples, avaliadores de capacidade e motivação o que, conjugado com a proveniência social (visando o recrutamento de estudantes oriundos de famílias mais desfavorecidas) e geográfica dos candidatos, servirá para os graduar face às vagas disponíveis.

De acordo com o que está determinado superiormente, só poderão ser aceites inscrições de alunos que tenham adquirido as condições de acesso ao ensino superior até o ano escolar de 1973/74 (inclusive). Poderão também candidatar-se estudantes já inscritos no 1.º ano das outras universidades, sem prejuízo dos respectivos direitos de admissão adquiridos.

Para os bacharelados cujo ensino é agora iniciado, os candidatos devem possuir cursos complementares de ensino secundário que incluam as disciplinas de Matemática, Ciências Naturais e Físico-Químicas, sendo consideradas nucleares as duas primeiras.

As inscrições fazem-se nos Serviços Académicos, instalados provisoriamente no edifício da administração do I.U.E., na Av. Barahona, n.º 1, nas horas normais de expediente, em impressos que serão fornecidos no local.

Quaisquer informações complementares poderão ser obtidas pelo telefone 25033.

estude!
GANHE MAIS DINHEIRO!
CURSOS POR CORRESPONDÊNCIA
Desde 1947
Recorte o cupão e envie-o
HOJE MESMO
(indique um só curso)

COSTURA	RADIO ELECTRONICA TV
FOTOGRAFIA	DESENHO E PINTURA
RELAÇÕES PUBLICAS	ELECTRICIDADE
VENDAS / MARKETING	INGLES
CULTURA GERAL	SECRETARIADO

Peço o envio do livrete colorido e ilustrado sobre o curso que indico com um 'x'

GRÁTIS
D.L. 10

Nome _____
Morada _____
Localidade _____

cec Alvaro Torrão * Rádio Escola
Rua Fernão Lopes, 8 (ao Saldanha) Lisboa 1 - Tel. 53 67 52

Hoje



Ray Milland, principal intérprete do filme desta noite «Farrapo Humano»

I PROGRAMA

- 18.25 **Cinema de Animação** «La Bague du Tout Nu», um filme de André Leduc e «Self-Service», desenho animado de Bruno Bozzetto. Apresentação de Vasco Granja.
- 18.55 **Cada Dia uma Esperança** pelo dominicano Luís de França.
- 19.10 **Cartaz TV** Jorge Alves apresenta uma selecção dos principais programas da próxima semana.
- 19.25 **Panorama** o cinema que nós vemos
- 20.30 **Telejornal** 2.ª edição
- 21.00 **Há Só uma Terra** a falta de sangue nos hospitais
- 21.30 **Noite de Cinema** «Farrapo Humano» («The Last Weekend») ano de produção: 1945. Realização: Billy Wilder. Intérpretes: Ray Milland e Jane Wyman.
- 23.15 **Telejornal** 3.ª edição
- 23.30 **Fecho**

II PROGRAMA

- 20.00 **Abertura e Desenhos Animados**
- 20.15 **Stop** um programa sobre trânsito.
- 20.25 **«O Perigo é a Minha Profissão»**
- 20.55 **Da Saúde e da Vida**
- 21.10 **Retrospectiva**
- 21.30 **Telejornal** a 2.ª edição em diferido do I Programa.
- 22.00 **«Jane Eyre»** série filmada produzida pela B.B.C. baseada no romance homónimo de Charlotte Brontë.
- 22.40 **A Gente que Nós Somos** «Espanha, no Dia Anterior...» um documentário realizado por Carlos de los Llanos.
- 23.30 **Fecho**

DESTAQUES

I PROGRAMA

Noite de Cinema «Farrapo Humano» (21.30)

II PROGRAMA

«Jane Eyre» (22.00)

Amanhã

I PROGRAMA

12.00: Abertura e Missa de Domingo; 13.05: Hoje Pode Ver — cartaz dos programas da RTP e dos teatros e cinemas de Lisboa e Porto; 13.15: Telejornal 1.ª edição; 13.10: Desenhos Animados «Wickie, o Viking»; 13.55: Expedição; 14.40: Tarde de Cinema «Lago Ontario» («Lac Ontario») um filme de grande metragem com Helmut Lange, Pierre Massini e Juliette Villand. Realização de Jean Dreville; 16.30: TV Infantil; 17.00: Nome Mulher; 18.00: TV Rural — um programa pelo eng. Sousa Veloso; 19.30: «Os 4 do Blindado e o Seu Cão» série filmada; 20.30: Telejornal 2.ª edição — noticiário do País e do estrangeiro; 21.00: Teletexto; 22.30: Teletexto 23.00: Fátima transmissão de parte das cerimónias religiosas realizadas na Cova da Iria; 23.45: Fecho.

II PROGRAMA

20.00: Abertura e Desenhos Animados; 20.25: Expedição; 21.30: Telejornal; 22.00: Foi Exito na TV «Os Inqueritos do Comissário Maigret» série baseada nas novelas de George Simenon com Jean Richard no protagonismo; 23.30: Fecho.

PARA REPARAÇÃO DO SEU TV
CLÍNICA DE TELEVISÃO E ASTRONAUTA
COM RÁDIO-TELEFONE PARA MAIOR RAPIDEZ E EFICIÊNCIA
Deslocação e orçamento grátis
Telefs. 72 27 86 - 83 42 71
Avenida S. João de Deus, 13-B - Rua Macau, 8

Desporto

Boletim Boletim Boletim

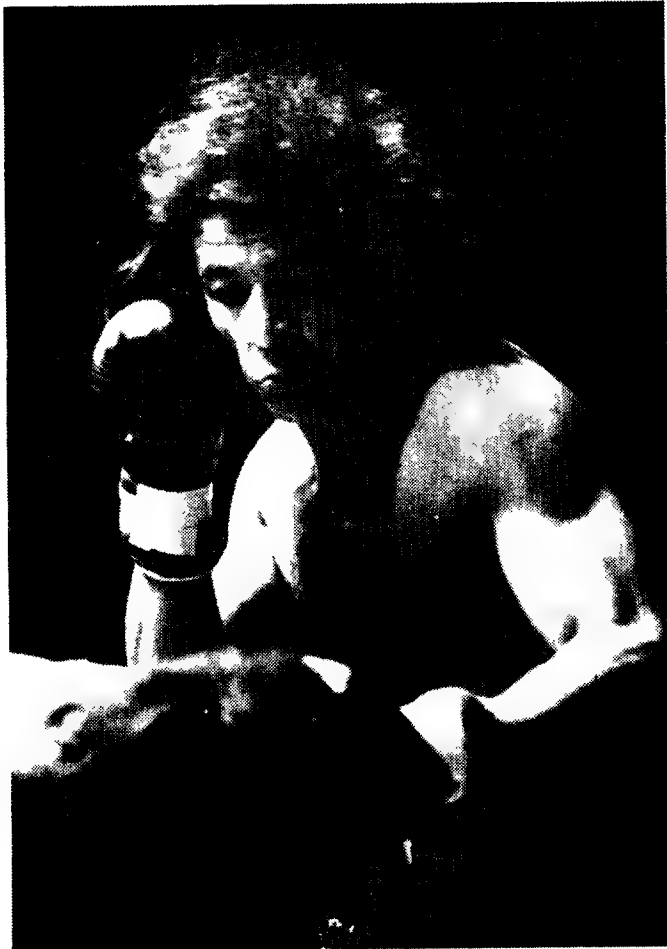
FRAGUITO FORA DA SELECÇÃO

Disciplina é tudo quanto se requer para que o trabalho dê os seus frutos: esta, a verdade que é indispensável conhecer. Em todos os aspectos da vida: e, no futebol também.

A mais recente prova desta norma foi-nos dada ontem à tarde, pelos responsáveis da selecção portuguesa de futebol que, ao anunciarem a lista dos convocados para a próxima sessão de treino, a realizar no Porto (4.ª feira) não incluíram o sportinguista Fraguito. E a explicação do eng.º Abílio Rodrigues é bem clara: «Como o jogador não compareceu no treino da passada semana nem deu qualquer explicação da sua falta, deduzimos que não está interessado nos trabalhos e, portanto, afastado da ideia de representar o futebol português a nível internacional. Dai não ter sido incluído na lista dos 35 seleccionados.

Na selecção só queremos quem, realmente, esteja interessado em nos representar; contrariados, não queremos ninguém.»

A propósito: para a sessão da próxima 4.ª feira estão convocados todos quantos estiverem esta semana no Estádio Nacional.



Houve (na verdade) espectáculo de pugilismo no Parque Mayer. Com os resultados seguintes: triunfo pontual de Carlos Santos sobre Serafim Bento e de Fa. nha Galveias (que, inopinadamente, substituiu Alcino Palmeira até então anunciado no cartaz...) perante Tony Rebelo; abandono do moçambicano José Diogo face a João Nunes e, também, de Carlos Almeida na esgrima com o uruguaio Dino Freitas (que vemos na imagem e, segundo parece, é capaz de ter valor superior ao dos chamados «pugilistas portugueses profissionais»)

EVENTUALMENTE CHOCANTE

O União de Coimbra instaurou um inquérito ao treinador Calichio, por factos ocorridos após o encontro de futebol disputado em casa do Lusitano de Vildemoinhos. O seu lugar, no comando da turma conimbricense, passa para Raul Pinho.

O Lazio não disputará o desafio de futebol (para a «Taça UEFA») com o F. C. Barcelona. A decisão, tomada pelo presidente do clube italiano (Umberto Lenzi) visa impedir possíveis incidentes relacionados com a conjuntura espanhola. A decisão provocará prejuízos no montante de dois milhões de francos para o clube italiano, que corre o risco de

fêu «Leocádio Pórcio» o Oeiras bateu a Salesiana por 2-0.

Numa assembleia geral extraordinária, efectuada pelos associados dos Barreirenses, foi deliberado aumentar o preço das quotas que passarão a ser assim: 40 escudos (homens), 15 (senhoras) e 10 (menores). Para esta temporada haverá, ainda, uma quota suplementar equivalente ao «13.º mês», no valor de 20 escudos, além de um bilhete especial (750) para os jogos que, após o levantamento da interdição do campo, os futebolistas barreirenses efectuem no «Manuel de Melo». Contrapartida: foram abolidos os «dias do clube».

Armindo Lopes Venâncio é o sucessor do malogrado Carlos Matos Peres, na presidência do Conselho Fiscal do Desportivo da Cova da Piedade. A eleição decorreu na noite de ontem.

HOJE

Principia hoje, para terminar amanhã de tarde, o «Torneio Quadrangular de Basquetebol», organizado pelo Quetzal. Os jogos de hoje disputam-se a partir das 21 horas. Participam as equipas do Quetzal (este ano reforçada com Prats e Leonel e treinada por José Alberto), o Sporting, Atlético e Nacional.

PORTUGAL

Os nacionais de futebol alar-gam-se por sábado e domingo. Hoje, teremos o Boavista-Guimarães (pelas 16 horas) e o Sporting-Vitória de Setúbal (às 17), ambos para o escalão maior. Na 2.ª divisão, processa-se o jogo Casa Pia-Sambrazense (16 horas, em Pina Manique).

Amanhã, já à hora habitual (15) teremos, no bloco principal, os seguintes embates: Belenenses-Benfica, Farense-Académico, Braga-União de Tomar, Cuf-F.C. Porto, Leixões-Estrela e Beira Mar-Atlético. Para a zona Norte da 2.ª divisão, teremos: Riopelle-Penafiel, Fafe-Alba, Feirense-Régua, (em Castelo de Paiva), U. Lamas-Salgueiros, Espinho-P. Ferreira, Paredes-Sanjoanense, (no Vidal Pinheiro), Varzim-Lousada, Vilanovense-Marinhense, Chaves-Covilhã e G. Vicente-Famalicão. Zona Sul: Juventude-Almada, Sintrense-Esp. Lagos, U. Leiria-U. Santarém, Montijo-U. Montemor, Oriental-Peniche, Torriense-Marítimo, Caldas-Barreirense, Est. Portalegre-Sesimbra, T. Novas-Olinense e Portimonense-Lusitano.

III Divisão, Série A: Vianense-Rios Ave, Tirsense-Esposende, Forjães-Leça, Bragança-Mondinense, (no campo do Centro Especial), Arrifanense-Cabeceirense, Aliados Loredelo-Paços Brandão, Freamunde-Mirandela, Avintes-Tadim, Lamego-Aves e Vila Real-Limianos (no campo do Giestal). Série B: Oliveira Bairro-Feixes, Covilhã e Benfica-Agueda, Lousanense-P. Castelo, Gouveia-Oliveirense, Viseu e Benfica-Guarda, Marialvas-Acad. Viseu, Ala-Arriba-Vilanovaense, Cucujães-Naval, Un. Coimbra-Tabuense (no campo da Gandaroda) e Anadia-Vildemoinhos. Série C: Alhandra-Elvas (no campo da Fábrica Cimentos Tejo), Elétrico-Benavente, Pombal-Alcanenense, Loures-Portalegrense, Nacional-Vieirense, Bombarralense-Campomaiorense, Elven-ses-Odivelas, Alcobaça-Marrazes, Almeirim-Vilafranquense e Cartaxo-Alverca. Série D: Santiago Cacém-Oliveiras, Quartel-

rense-Sacavenense, Beja-Seixal, Luso-Lusitano V.R., Costa Caparica-Rosairense, Cova Piedade-Alcochetense, Est. V. Novas-Odemirense, Amora-Moura e Paio Pires-Vasco Gama.

Desanuiamento no departamento médico do Vitória de Setúbal e melhor horizonte para o trabalho do técnico Mário Lino: o guarda-redes Vaz e o dianteiro Narciso já não trazem gesso nos joelhos, ao mesmo tempo que César e Alfredo voltaram aos treinos, refeitos das lesões contraídas em jogo.

O jugoslavo Stankovic, técnico do F. C. Porto, está hoje na Escócia, a «espreitar» o encontro que o Dundee United (próximo parceiro dos portistas no calendário da «Taça U.E.F.A.») disputa com o Hearnth.

António Garrido, o mais conceituado árbitro português da actualidade, vai dirigir, a 14 de Dezembro, o embate futebolístico Marrocos-Tunísia. Como colegas de equipa viajam Adelino Antunes e Porém Luís.

Ainda há transferências no futebol: Niza acaba de trocar o União de Coimbra pelo Académico da mesma cidade.

Foi antecipado para a noite do próximo sábado o encontro Benfica-Atlético, que conta para o nacional futebolístico da 1.ª Divisão.

AGENDA

Estão abertas, na Federação de Basquetebol de Lisboa, as inscrições para juizes da modalidade, tal como para o curso de treinadores-estagiários (a realizar nos distritos de Lisboa, Santarém e Portalegre, a partir de 25 do corrente).

Ciclismo, para amanhã: seniores, amadores, amadores juniores e populares a partirem do Campo Pequeno (Lisboa) pelas 9 e 30, com chegada à Brandoa, onde depois se disputa um circuito ciclista. Hoje, no Bombarral, decorre o Circuito dos Matinhos (para amadores populares).

COMENTÁRIO

Aconteceu na Charneca: quando se procurava realizar um plenário para discutir o local e as condições em que iria ser edificado um pavilhão gímnodessportivo. Logo que foi lida a ordem de trabalhos (com um único ponto) elementos da comissão de moradores da Quinta do Louro começaram a protestar, já que adivinhavam prejuízo para as suas barracas se a ideia do pavilhão vingasse.

A sessão (plenário) visava o esclarecimento e a discussão calma do assunto. Procurava-se, pelo diálogo, chegar a uma conclusão. Mas, os habitantes da Quinta do Louro não deixaram ouvir, não quiseram explicar-se pelas palavras. Chegou-se ao confronto físico. E tudo ficou pior do que estava, porque o princípio democrático foi atraído: é no diálogo e na confrontação de razões, que se acha a solução de todos os problemas da vida.

RARIDADES

Um clube da 2.ª Divisão nacional toma a iniciativa que muitas entidades temeram realizar: um congresso de futebol. A colectividade que se lançou nesta organização foi o Alhandra que conta, desde já, com o apoio de 80 clubes da 2.ª e 3.ª divisões nacionais, espe-



Beijinhos para Maria José Sobral, uma das campeãs belenenses. Foi ontem, no decorrer do jantar com que o clube do Restelo comemorou o seu 56.º aniversário. Houve recordações para muitos êxitos e vários os campeões galardoados: 44 de andebol, 10 de atletismo, sete de halterofilismo, quatro de luta greco-romana, 49 de rãguebi e onze de ténis de mesa. Discursos com palavras de carinho e muita fé clubista, medalhas para associados persistentes e continuas ovações emolduraram a festa

rando-se que os restantes 40 venham a dar uma resposta afirmativa dentro de poucos dias. Por outro lado vai ser dirigido convite a todos os emblemas que militam na 1.ª Divisão para que compareçam igualmente neste Congresso.

A finalidade é bem clara: tentar achar as soluções que venham a salvar o futebol profissional e não amador, já que (no dizer dos responsáveis do Alhandra) nem a Federação Portuguesa de Futebol nem as Associações têm, neste momento força suficiente para moralizar um estado de coisas alarmante. Nem força, nem potência ou interesse, acrescenta Armando Sequeira, presidente da Direcção do Alhandra.

Este Congresso está marcado para o próximo dia 25, às 14 e 30 horas, no salão de festas do Clube Desportivo da Fábrica de Cimentos Tejo, em Alhandra. Espera-se que, da iniciativa, saiam as conclusões que melhor possam servir os clubes e os jogadores.

A MELHOR DO DIA

O «Jornal da Madeira» conta (e o «Record» de hoje sublinha) um facto insólito que terá acontecido no passado domingo, em Campo Maior: sucedeu que (segundo o jornal madeirense) o árbitro designado para apitar o desafio com o Nacional (António Rodrigues de seu nome) foi para Campo Maior armado de caçadeira. E

que até a mostrou, quando foi para os balneários e quando se retirou da localidade: no «Record» pode-se ver o documento fotográfico.

O artigo do trisemanário é feito na base de que a arma terá sido levada, apenas e só, para defesa pessoal, embora lembrando que nesse dia abriu a caça. E é exactamente este pormenor que faz adivinhar uma outra causa para o árbitro ter transportado uma arma caçadeira no porta-bagagem do seu carro: como o jogo se disputou mais cedo (de manhã), certamente que António Rodrigues aproveitou a tarde para ir dar uns tiritos. Mas, à caça. E tudo porque, arma fechada em porta-bagagem, não defende ninguém.

LA FORA

O Liverpool Clube inglês da primeira divisão de futebol, confirmou, ontem à noite a contratação do chileno Andres Prieto como seu director técnico. Prieto havia tomado a seu cargo a equipa provisoriamente, há um mês atrás, enquanto que os directores negociavam com o Uruguaio José Maria Rodrigues um eventual compromisso. As boas actuações da equipa dirigida por Prieto e a falta de acordo com Rodriguez, levaram a direcção do clube a confirmar a presença definitiva de Prieto como orientador técnico da equipa. Andres Prieto prosseguirá com os treinos até ao fim deste ano, encarregando-se a seguir de formar uma «escola de futebol» em Liverpool.

AMANHÃ É POSSÍVEL

Perder no campo ganhar na secretaria

Amanhã, é muito possível que alguns clubes que ganhem em campo, venham a perder na secretaria. E tudo porque terminou ontem o prazo para os clubes que recrutaram jogadores de futebol em outras colectividades pagarem, aos cedentes, um terço do valor do último contrato. Isto proporciona que alguns clubes não estejam em condições legais para fazerem alinhar todos os seus atletas. Daí resulta que as jornadas deste fim-de-semana podem vir a ser autênticos poços de protesto que, (neste caso) terão de ser considerados procedentes.

Já agora, como curiosidade,

de, sempre podemos acrescentar: só depois de se verificarem 2176 registos de jogadores é que o problema poderá ficar esclarecido. Os casos mais duvidosos devem acontecer na 3.ª Divisão nacional, já que, na 1.ª, os jogadores são bastante conhecidos: e não se pode iludir ninguém dando na «linha» nomes pouco usuais...

Como não podia deixar de ser, o problema alonga-se aos campeonatos distritais, onde é incalculável o número de jogadores inscritos e (este fim-de-semana) sujeitos a observação cuidada...

ONTEM

Nova «goleada» sofrida pelo hóquei patinado do Sporting. Foi ontem, em Cascais, perante a Académica da Amadora: no «placard» marca concluinte (8-2) favorável aos rapazes da Amadora. No outro jogo da ronda que contava para o tro-

FOI A SEPULTAR O MILITANTE DO M.R.P.P.

Foi a enterrar ontem o militante do M.R.P.P. que morreu afogado no Tejo. Era já noite quando a urna chegou ao cemitério da Ajuda. A campa de Alexandrino Sousa fica ao lado da dos seus camaradas Ribeiro Santos e Martins Soares. No cemitério realizou-se um comício, falando um representante da FEML envolvido também nos incidentes do Terreiro do Paço, Fernando Rosas, membro do Comité Central e director do «Luta Popular» e finalmente Arnalado Matos, secretário-geral do M.R.P.P. No cortejo tinham-se incorporados milhares de pessoas.

E milhares de pessoas passaram pela sede principal do M.R.P.P. onde o corpo de Alexandrino Sousa esteve em câmara ardente durante 23 horas. Além dos familiares, velaram o corpo membros do Comité Central, e estiveram a apresentar condolências, na sede da Alvares Cabral, uma delegação do Partido Socialista, chefiada por Maria Barroso e o deputado Catão de Menezes; o major Aventino Teixeira, o professor Lindley Cintra, Natália Correia, Fernando Oneto e, segundo informações do gabinete de Imprensa do M.R.P.P. alguns oficiais-gerais.

P.S. e U.D.P. COMENTAM

A propósito dos incidentes da madrugada do dia 9, no Terreiro do Paço, de que resultou a morte por afogamento de um militante do M.R.P.P., o P.S. através do seu porta-voz, Sotomayor Cardia, divulgou um comunicado no qual afirma que os incidentes ocorridos poderão assinalar «tragicamente» na Revolução Portuguesa a «passagem da anarquia quase pacífica à anarquia violenta generalizada». Tomando posição sobre os incidentes o P.S. declara: «Um grupo constituído por dezenas de elementos da U.D.P. agrediu premeditada e selvaticamente, seis elementos indefesos do M.R.P.P.»

A finalizar: «O Partido Socialista confia na capacidade das autoridades constituídas para proceder aos necessários inquéritos e garantir a aplicação das penas adequadas».

Relacionados com os incidentes, a U.D.P. divulgou alguns comunicados. No primeiro, começa por descrever os assaltos de que as suas sedes têm sido alvo.

Assim, «no dia 9 à noite um bando do M.R.P.P. saqueia a sede da U.D.P. em Caneças. Na noite do dia 10 bandos de provocadores do M.R.P.P. e outros elementos fascistas do E.L.P., C.D.S., P.P.D. e elementos com bandeiras do P.S., às 7 e 30 da tarde atacaram a nossa sede do Porto começando por lançar um «cocktail molotov» que desencadeou um incêndio logo apagado por militantes nossos. Em seguida lançaram granadas e atacam a tiro, destruindo a fachada da sede. O mesmo aconteceu com a sede do «Grito do Povo» que é destruída acabando por resultar mais de 60 feridos, al-

guns em estado grave.»

«A U.D.P. exige a imediata libertação dos camaradas presos».

Num outro comunicado, a U.D.P. «alerta o povo português que as manobras provocatórias pretendem desviar a atenção popular da luta contra o fascismo, contra o imperialismo e sobretudo contra a actual ofensiva do VI Governo».

RUI GUIMARÃES EMPOSSADO PRESIDENTE DO S.T.A.

Tomou ontem posse como presidente do Supremo Tribunal Administrativo o dr. Rui Guimarães. A cerimónia de posse decorreu numa sala do Ministério da Justiça e foi presidido pelo titular desta Pasta, dr. Pinheiro Farinha.

«Sem autoridade, será impossível não só governar como trazer a tranquilidade ao País — disse o ministro da Justiça, no acto de posse, ao uso da palavra —, daí que esteja nas nossas preocupações assegu-

rar o efectivo exercício da autoridade judicial e proteger magistrados e funcionários de Justiça (para quem vai uma palavra amiga) no desempenho das funções públicas».

Falando a seguir, o novo empossado disse, a determinado passo: «Não obstante a legalmente afirmada independência dos seus juizes, o S. T. A. ainda é, ou ainda continua a ser, um órgão da própria administração, numa estruturação do tipo francês mas, mesmo nes-

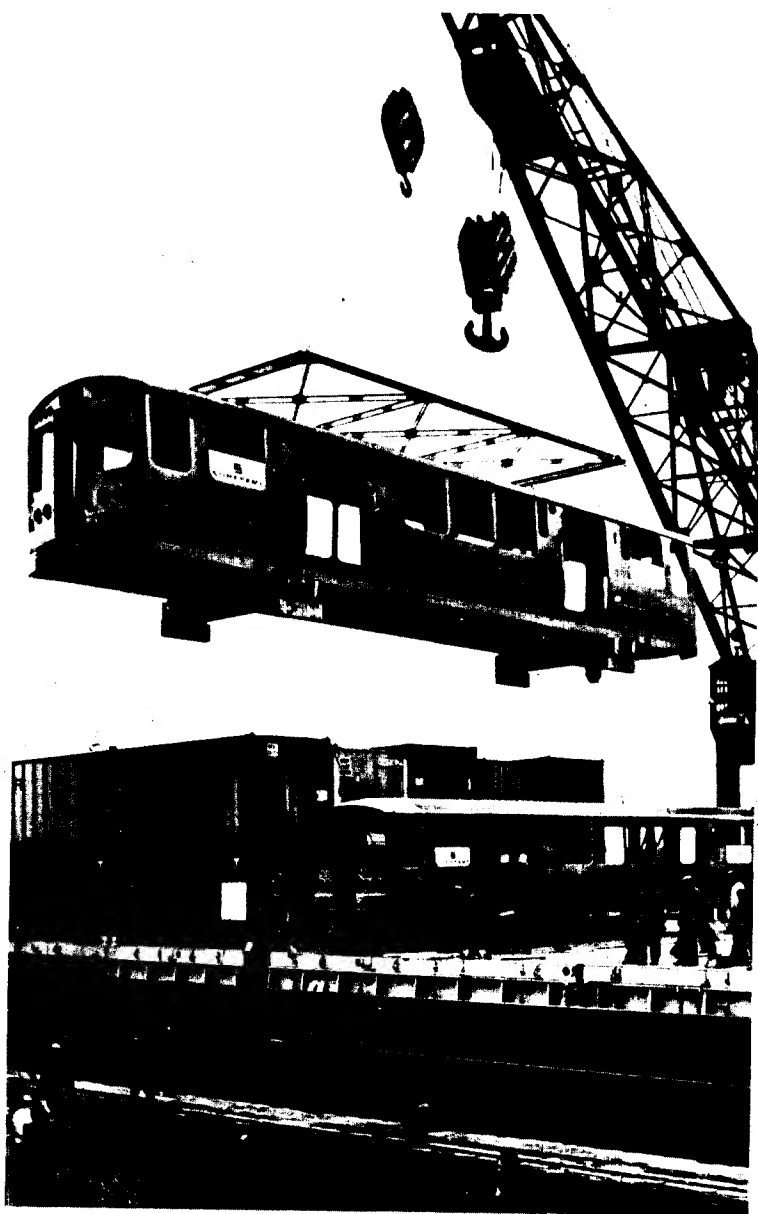
ses moldes, com os juizes e o presidente nomeados pelo ministro da Justiça e anteriormente pelo Presidente do Conselho».

O dr. Rui Guimarães já era vice-presidente do S. T. A. A cerimónia assistiram outras individualidades ligadas ao sector.

Ainda no uso da palavra, o ministro anunciou a aprovação do projecto do diploma que institui o júri, com a participação de elementos do povo,

na apreciação da matéria de facto e medidas de pena. O diploma fora aprovado em Conselho de Ministros na quinta-feira. «Conquista da Revolução — disse o dr. Pinheiro Farinha, classificando a inovação no âmbito da justiça — o diploma vinha sendo objecto de estudo desde o Natal de 1974 e, consagrado agora em texto pelo VI Governo Provisório, deverá ser promulgado pelo Presidente da República e publicado no «Diário do Governo».

EXPORTAÇÃO EXIJE QUALIDADE



Estando a dar cumprimento ao contrato estabelecido com a BOEING-VERTOL COMPANY, Philadelphia, U.S.A., a SOREFAME anuncia a expedição das primeiras estruturas de aço inoxidável, para carruagens de caminhos de ferro, da série de duzentas que lhe foram encomendadas, com destino à "C.T.A. - Chicago Transit Authority".



SOREFAME

SOCIEDADES REUNIDAS DE FABRICAÇÕES METÁLICAS, S.A.R.L.
Amadora - Portugal

PASSAPORTES
abreu

Av. da Liberdade 160 - LISBOA

Em ÁGUEDA, o DIÁRIO DE LISBOA vende-se na Agência Conde — Rua Luís de Camões

Geral



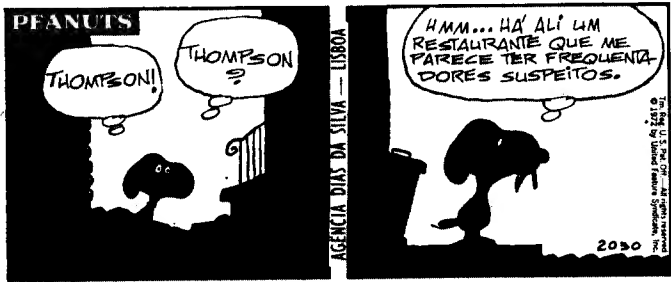
ADRIANO ALVES VIEIRA

(JEAN)

FALECEU

Ester Piedade Vieira, Maria Ivone da Graça Vieira Fernandes, seu marido e filho, e mais família participam o falecimento do seu querido marido, pai, sogro, avô e parente, e que o seu funeral se realiza amanhã, pelas 15 horas, saindo da Igreja de S. João de Deus, Capela E, antecedido de missa de corpo presente a hora a determinar para o cemitério de Benfca.

AGÊNCIA GASPAR
Tel. 57 21 83
R. dos Anjos, 34



Canal da Crítica

Continuação da pág. 15

hizes mencionada. Recordo-me, por exemplo, da visita que alguns jornalistas fizeram à escola da P. I. D. E., em Benfca, no ano passado: um **Avante!**, em exposição na vitrina do Museu daquela Polícia, referia-se exactamente à acção combativa, indomável, dos trabalhadores da **Mundet**.

Esta grande tradição serviu de grande experiência no novo combate, dentro da fábrica: trata-se muito simplesmente, de garantir a sobrevivência de defender os postos de trabalho. Dirigida por uma comissão de 29 trabalhadores — de que se escolherem sete para a gestão propriamente dita, os nossos amigos da **Mundet** dizem, com orgulho, que pretendem

fazer de cada operário um **homem responsável e não um autómato**.

Assim mesmo. Com homens responsáveis e não com autómato se defenderá a Revolução portuguesa. A Revolução portuguesa avançará com a participação activa, com a direcção dos operários e camponeses. Só eles sabem como lutar, só eles podem dar o exemplo do sacrifício e da disciplina.

Da verdadeira disciplina, a disciplina revolucionária. Essa disciplina desencadeada com a **batalha da produção**, sabotada por muitos que hoje se mostram tão encarniçados defensores da **disciplina**, ridicularizada por alguns promotores e propagandistas da actual disci-

plina no botequim da D. Natália... Alguns dirigentes (e governativos) tão escandalizados, com a antipatia popular relativamente ao VI Governo, deveriam lembrar-se da sua

acção em tempos passados. Pelos modos, a sua memória é curta. Mas a de muitos milhares de portugueses, não é. Felizmente.

SINDICATO DOS TRANSPORTES RODOVIÁRIOS DO DISTRITO DE LISBOA

Avenida Visconde Valmor, 34 - 1.º, Lisboa — Telef. 770274

CONVOCATÓRIA

Os Sindicatos signatários convocam todos os trabalhadores dos TRANSPORTES RODOVIÁRIOS para um Plenário a realizar no próximo dia 13 de Outubro de 1975, segunda-feira, pelas 21.00 horas, no PAVILHÃO DOS DESPORTOS com a seguinte

ORDEM DE TRABALHOS:

— TOMADA DE POSIÇÃO DOS TRABALHADORES CONTRA A OPOSIÇÃO DEMAGÓGICA E CONTRA-REVOLUCIONÁRIA DAS ENTIDADES PATRONAIS NAS NEGOCIAÇÕES DO CONTRATO COLECTIVO DE TRABALHO.

A TUA PRESENÇA É INDISPENSÁVEL!
EM FRENTE POR UM CONTRATO VERTICAL JUSTO!

UNIDOS VENCEREMOS!

OS SINDICATOS SIGNATÁRIOS

BARS BOITES **RESTAURANTES TÍPICOS**

DANCINGS

NINA — Dancing com atrações. Rua Paiva de Andrade, 7-13. T. 364850/368197. YUKY STREAP-TEASE JAPONESA

HIPOPÓTAMO — Conjunto Hipopótamo. Encerra aos domingos. Av. António Augusto de Aguiar, 5-A. T. 48384.

CASINO ESTORIL — Jogo autorizado.



EMISSORA 1.º Programa

17.00 Futebol — relato, em cadeia, da 2.ª parte do jogo Boavista-Guimarães e do encontro Sporting-Vitória de Setúbal

19.00 Tems juvenis, coordenação de Delfim Costa

20.00 Jornal da noite

21.00 Painel da noite

21.45 Observação de teatro, por Joaquim d'Assunção

22.30 Tems de saúde, por Luís Gamito

00.00 Último jornal

00.30 Retrospectiva

01.00 Saída e encerramento dos Regionais e dos MF 1 — música na noite

02.00 Música na noite

04.20 Sindicalismo

2.º Programa

17.32 O cravista Luciano Sgrizzi

17.52 Música de câmara

18.30 O maestro Karajan

20.00 Jornal da noite

21.00 Passagem do MF 2 a Estéreo — música ligeira variada

22.00 Que quer ouvir?

01.00 Fecho

Programa em Onda Média 2 — 397 m — 755 KHz

20.30 «Andante e Variações», de Schumann

20.50 Intercâmbio musical

21.30 4.º programa comemorativo do nascimento de Ravel e da morte de Luís de Freitas Branco

22.15 Um ciclo de melodias de Poulenc

22.30 Concerto sinfónico

00.05 Sonatas do período Barroco

00.27 Música de Strawinsky

01.00 Fecho

RÁDIO CLUBE

Onda Média

Emissor de Lisboa — Onda Média, 229,13 m — 10 034 KHz — emissão contínua: Emissor de Miramar (Porto) — Onda Média, 283,6 — 782 KHz — EMISSÃO CONTÍNUA

Modulação de Frequência

16.04 Programa C.D.C.

18.05 O nosso programa

19.05 Em órbita-1

20.30 Boa noite em FM

22.02 Auditório

00.05 Em órbita-2

01.05 Banda sonora Sonipol

02.05 Perspectiva

03.05 Madrugada

06.00 Diário rural

07.03 Hora sete

EMISSORES ASSOCIADOS DE LISBOA

Rádio Voz de Lisboa

Das 06.00 às 10.00 e das 119.30 às 22.00

Clube Radiofónico de Portugal

Das 10.00 às 12.00 e das 22.00 às 04.00

Rádio Graça

Das 12.00 às 14.30

Rádio Peninsular

Das 14.30 às 19.30



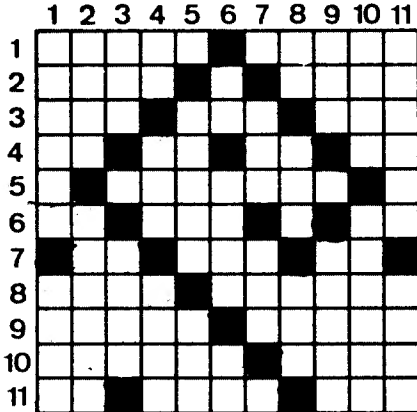
Em ALÇACER DO SAL o DIÁRIO DE LISBOA vende-se no CAFE SADO

palavras cruzadas

COM PROVERBIO PROBLEMA N.º 11208

HORIZONTAIS:

- 1 Apagar. Aperfeiçoam.
- 2 Espécie de mangueira do Gabão (pl.). Artigo definido. Habite.
- 3 Sossego. Costume. Rente.
- 4 Campeão. Artigo definido. Nota musical (inv.). Item.
- 5 Engordurasse.
- 6 Rio da Rússia. Oásis. Germão (s.q.).
- 7 Em partes iguais. Fecha as asas para descer mais depressa. Viração.
- 8 Espírito. Nome de frutos secos.
- 9 Chouriço de sangue. Louco.
- 10 Prenderam. Mãe de Ismael.
- 11 Batráquio. Pernadas de sobrelho. Pega.



VERTICAIS:

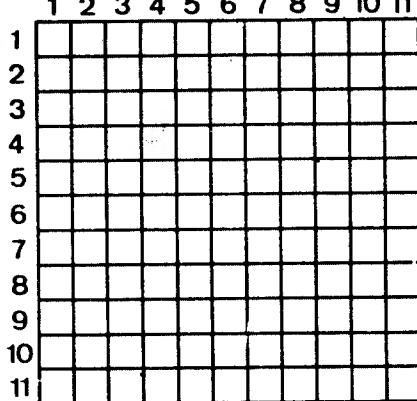
- 1 Bofetão. Gostar muito de.
- 2 Faldas. Planta também conhecida por marroio-negro.
- 3 Executa. Artigo definido. Género de peixes ganóides, dos rios dos E.U.
- 4 Carta de jogar. Fileira. Ra. (pop.).
- 5 Empregais. Rio da Suíça.
- 6 Artigo definido. Cantiga. Pronome pessoal.
- 7 Primeira das três palavras que formam o nome de uma freguesia de concelho de Anadia. Antepassado.
- 8 Prefixo de negação. Abreviatura de Santíssimo Sacramento. Época.
- 9 Maior. Imunda.
- 10 Lavrei. Agradecidas.
- 11 Professor. Tempo do verbo ser.

Resolveu completamente este problema? Procure agora em segundo passatempo o PROVERBIO nele inscrito.

NOVA MODALIDADE PROBLEMA N.º 7367

HORIZONTAIS:

- 1 Cidade da Checoslováquia. Antiga cidade da Polónia.
- 2 Espécie de forragem. Freguesia do concelho de Coimbra.
- 3 Sufixo que designa Estado. Osso do braço. Em a.
- 4 O sustento. Patrão. Agarrei.
- 5 Gorgulho tropical. Antepassados.
- 6 Ninho. Acrescentei.
- 7 Nome de frutos. Tosta.
- 8 Também não. Constrói. Primeira das três palavras que formam o nome de uma freguesia do Concelho de Agueda.
- 9 Segundo. Bismuto (s.q.). Atmosfera. Post-scriptum.
- 10 Estreito. Vagalhão.
- 11 Agarrara. Lima com areia.



VERTICAIS:

- 1 Os soldados. Exclusiva.
- 2 Espécie de andorinha. Veios de água.
- 3 Bário (s.q.). Enfeitam. Niquel (s.q.).
- 4 Organização das Nações Unidas. Primeira das três palavras que formam o nome de uma freguesia do concelho de Anadia. Botequim.
- 5 Aramagem das plantas. Oficial de justiça (gir.).
- 6 Ave pernalta. Canhamo de Manila.
- 7 Nome de fruto. Forma antiquada de Sara (deserto).
- 8 Curso de água natural e abundante. Nome de mulher. Grande quantidade.
- 9 Atmosfera. Comunicação. Vê.
- 10 Ave palmípede. Cavaleiro turco.
- 11 Guarnecéis de asas. Esmonca.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 11207

- | HORIZONTAIS | VERTICAIS |
|------------------|------------------|
| 1 Caspa. Carpa. | 1 COMER. Crê. |
| 2 Orói. Sari. | 2 Arolas. Arar. |
| 3 Mor. SEM. Lar. | 3 Saras. Asira. |
| 4 Elada. Aveza. | 4 Pi. Dois. NÃO. |
| 5 Rasou. Remes. | 5 Saudar. SS. |
| 6 Id. Ti. | 6 Be. |
| 7 Asarias. | 7 Mártir. Há. |
| 8 Ras. Asa. | 8 As. Veia. Aar. |
| 9 Erin. Alar. | 9 Ralem. Salva. |
| 10 Aras. Havre. | 10 PRAZER. Iras. |
| 11 Araós. Arais. | 11 Airas. Marés. |

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 7366

- | HORIZONTAIS | VERTICAIS |
|-------------------|-------------------|
| 1 Faz. Ria. Sem. | 1 Fiume. Atava. |
| 2 Il. Surda. Sé. | 2 Ai. Ilesa. Ao. |
| 3 Pês. Ria. | 3 Parara. |
| 4 Miais. Orças. | 4 Seis. Vira. |
| 5 Elisa. Soure. | 5 Russa. Amada. |
| 6 Er. Ad. | 6 Ir. Mui. |
| 7 Asava. Arsís. | 7 Adros. Acaba. |
| 8 Tarim. Catai. | 8 Airó. Rara. |
| 9 Aramaré. | 9 Acuaste. |
| 10 Vá. Abuda. Mm. | 10 És. Ardía. Mã. |
| 11 Aós. Aia. São. | 11 Messe. Sismo. |

Provérbio: SEM COMER, NÃO HÁ PRAZER



Teatro e Cinema de Serviço

LISBOA

TURNO 0-1
ATÉ ÀS 22 HORAS

ALTO DE S. JOÃO
Vitalis, Rua Morais Soares, 69 (tel. 841779)

ALVALADE
Marbel, Av. de Roma, 131-A (tel. 776235)

AMEIXOEIRA
S. Bartolomeu, Vila Paulo Jorge, 1 (Galinheiras-Charneca) (Tel. 790969)

ANJOS
Guerra, Rua Andrade, 32/36 (Tel. 845513)
Magalhães, Av. Almirante Reis, 4 (tel. 49479)

AREIRO
Garantia, Av. Padre Manuel da Nobrega, 5-A à Praça do Areiro (tel. 727300)

AVENIDAS NOVAS
Saldanha, Av. Praia da Vitória, 53 (tel. 43938)

BENFICA
S. João, Estrada da Luz, 124-A (tel. 783179)

CAMINHOS DE FERRO
Frazão, Rua Cruz de Santa Apolonia, 90 (tel. 847019)

ESTRELA
Andrade Ribeiro, Av. Infante Santo, 66-B (tel. 666971)

OLIVAS SUL
Antunes Rosas, Praça Cidade Lusó, lote 199 (tel. 313610)

RETELO
Tanara, Rua Rodrigo Reinel, 3-A (à encosta do Restelo, próximo dos Moinhos) (tel. 611814)

S. BENTO
Fénix, Rua Cruz dos Poiais, 52 (tel. 608531)

SETE RIOS
Curie, Av. Madame Curie, 15-A (tel. 778439)

TURNO 0-2
TODA A NOITE

ALVALADE
Belo, Av. de Roma, 53-A (tel. 776314)

AVENIDAS NOVAS
Vale, Avenida Marquês de Tomar, 45-49 (tel. 773043)

BAIRRO DA ENCARNACÃO
Ascenso, Praça Norte, 11-A (tel. 311216)

BAIXA
Estácio, Rossio 60 (tel. 327067-324224)

BENFICA
Macedo, Estrada Poço do Chão, 69-C (tel. 703697)

CAMPOLIDE
Imparcial, Rua General Taborda, 28 (tel. 680931)

ESTRELA
Linaide, Rua Ferreira Borges, 30 (tel. 660955)

GRAÇA
Almeida Dias, Largo da Graça, 38-A (tel. 862909)

LUMIAR
Douro, Alameda das Linhas de Torres 93-A (tel. 791131)

PICHELEIRA

Marluz, Calçada da Picheleira, 140-B (tel. 720703-728395)

RATO
Vicente de Jesus, Largo do Rato, 3-C (tel. 681947)

SANTO AMARO
Teles, Rua João de Barros, 2, frente (tel. 638176)

S. SEBASTIÃO DA PEDREIRA
S. Sebastião, Largo de S. Sebastião, 1-9 (tel. 48642)

LINHA DE SINTRA

AMADORA
Cavaca, R. Elias Garcia, 209 (T. 930019); Flama, R. Elias Garcia, 78-B (T. 932485); Confiança, Av. D. Nuno Álvares Pereira, 15-A (T. 938149)

DAMAIA
Damaia, P. Alexandre Gusmão, 9-A (T. 970523)

QUELUZ
Gil, Av. Miguel Bombarda, 28 (T. 950117); Simões Lopes, Av. Elias Garcia, 51 (T. 950123)

CACÉM
Garcia, Av. dos Missionários, 2 (T. 2942181)

MEM MARTINS
Miranda Garcia, E. de Mem Martins, 173-B (T. 2914103)

S. PEDRO DE SINTRA
Valentim (T. 980456)

SINTRA
Simões, Estefânia (T. 2930832)

COLARES
Abreja (T. 299088)

LINHA DE CASCAIS

ALGÉS
Combatentes, Av. C. G. Guerra, 166 (T. 213953)

CAXIAS
Nova, R. Bernardim Ribeiro, 1-A (T. 242839). Toda a noite

OEIRAS
Alcântara Guerreiro, P. Residencial Dr. Augusto de Castro, lote 10 (T. 2430691). Até às 22 horas

CARCAVELOS
Central, Até às 24 horas

PAREDE
Grincho, Av. da República, 87 (T. 2471204). Toda a noite

S. JOÃO DO ESTORIL
S. João, Quinta da Carreira, 29-A (T. 261186). Até às 22 horas

MONTE ESTORIL
Lopes, R. Hangar, 3 (T. 260008). Toda a noite

CASCAIS
Nova, Ede Alvide, Fontainhas (T. 280170). Até às 22 horas; Marginal, Av. Marginal (T. 280078). Toda a noite

OUTRA BANDA

ALCOCHETE
Nunes, R. Coronel Ramos da Costa, 10 (T. 234137)

ALHOS VEDROS
Gusmão, R. Cândido dos Reis, 30 (T. 204020)

ALMADA
Silva Júnior, Av. Eng. Frederico Ulrich, 9-2.º, piso E (T. 2768030)

BAIXA DA BANHEIRA
Aliança, E. Nacional, 178-B (T. 240302)

BARREIRO
Soares, R. da República, 1 (T. 2073023)

COVA DA PIEDADE
Atlântico, R. Padre Manuel Bernardes, 1 (T. 2750254)

MOITA
União Moitense, Av. Dr. Teófilo Braga (T. 239025)

MONTUJO
Higiene, R. José Joaquim Marques, 142 (T. 2310370)

SESIMBRA
Leão, Av. da Liberdade, 13 (T. 2233471)

SETUBAL
Soromenho, P. Machado Santos (T. 22691); Alice, P. do Quebedo (T. 23743)

SEIXAL
Soromenho, R. Paiva Coelho, 38 (T. 2218560)

PORTO

TURNO 17
ATÉ ÀS 22 HORAS

Martino, Sucr., Praça Marquês de Pombal, 122; Pombeiro, Campo dos Mártires da Pátria, Prelada, Rua Central de Francos, 316; S. Roque da Lameira, Rua de S. Roque da Lameira, 1111; Sá da Bandeira, Rua Sá da Bandeira, 236; Ameal, Rua do Ameal, 1227; Campo Alegre, Rua do Campo Alegre, 723; Ferreira da Silva, Rua dos Mártires da Liberdade, 150; Peninsular, Rua Chã, 100; S. Lázaro, Avenida Rodrigues de Freitas, 297; Melo Taveira, Rua Alcaide Faria, 77

PARTIR DAS 22 HORAS

Parente, Rua das Flores, 114; Canavaro, Rua da Restauração, 53; Padrão, Rua de Santo Ildefonso, 342 e Sanil, Rua do Paraíso, 214.

COIMBRA

Figueiredo, R. da Sofia, 107 (T. 22837); M. Nazare, Av. João das Regras, 132 (T. 23033)

Cinemas

cinemas

Cinemas

BERNA

T. 776098 14.00, 16.30, 19.00, 21.15

Não acons. a menores de 18 anos

A criação do hermafrodita imortal

PROGRAMA FINAL

com John Finch e Julie Ege

APOLLO 70

T. 763319 14, 16.30, 19, 21.15

Não acons. a menores de 13 anos

BALBÚRDIA NO OESTE

Hoje às 24.00 Grupo D (18 anos)

IREI COMO UM CAVALO LOUCO

Amanhã às 24.00 Grupo D (18 anos)

L'ESPOIR, SIERRA DE TERVEL

ROXY

T. 48560 14, 16.30, 18.45, 21.15

Interdito a menores de 18 anos

Colorido

PECADOS EM FAMÍLIA

12.ª Semana

PATHE

T. 821933 14.15, 16.30, 18.45, 21.15

Não acons. a menores de 18 anos

A LINGUAGEM DO AMOR

Aviso ao público: Este filme contém cenas eventualmente chocantes

O MAIS OUSADO FILME SUECO SOBRE EDUCAÇÃO SEXUAL

ALVALADE

T. 897480 14.15, 16.30, 18.45, 21.45

Para todos

MELODY

3.ª semana

As 24.00 (18 anos) colorido

7 HORAS DE VIOLÊNCIA

NIMAS

T. 574362 14.15, 16.30, 18.45, 21.15

Não acons. a menores de 13 anos

QUE VIVA A REVOLUÇÃO

c/Marcelo Mastroianni

CARLOS MANUEL

Interdito a menores de 18 anos

O TRIO INFERNAL

D. JOÃO V

T. 971794 21.00

Grupo D m. 18 anos

O ÚLTIMO COMBÓIO

As 24 h. Sessão da 1/2 Noite

motociclistas

Em LAGOS o DIÁRIO DE LISBOA vende-se no QUIOSQUE de LAGOS

UNIVERSAL

T. 774402

15.00 e 21.00 OUTUBRO 12.ª semana

17.00 e 23.00 GREVE 13.ª semana

As 19.00 LINHA GERAL Para todos

IMPÉRIO

T. 555134 15.15, 18.30, 21.15

Não acons. a menores de 13 anos

A BOFETADA

De Claude Pinoteau

EDEN

T. 320769 14, 16.30, 19, 21.15

Não acons. a menores de 18 anos

SOL VERMELHO

Alain Delon, Ursula Andress, Charles Bronson

2.ª Semana

Um filme espectacular de Terence Young

TIVOLI

T. 570595 15.15 18.30 21.15

Não acons. a menores de 18 anos

TARAS BULBA

2.ª Semana

c/Tony Curtis e Yu Brynner

CASINO ESTORIL

T. 264621 18.15, 21.15

Interdito a menores de 18 anos

EMMANUELLE

T. 565037 15.30, 21.15

Não acons. a menores de 13 anos

VEREDICTO

POLITEAMA

T. 326305 14.15, 16.30, 19.00, 21.30

Interdito a menores de 18 anos

KARATÉ EM HONG KONG

ROMA

T. 727778 15.30, 18.30, 21.15

Não acons. a menores de 18 anos

NOITES ÁRABES

2.ª Semana

VOX

T. 720808 15.30, 18.30, 21.15

Não acons. a menores de 18 anos

A FÚRIA DO DESEJO

6.ª Semana

SATÉLITE

T. 562632 15.17 19 21.15

Interdito a menores de 18 anos

O CIO (HEAT)

7.ª Semana

MUNDIAL

T. 538743 15.15, 18.30, 21.30

Para todos (M. 6 anos)

ONDE SE METEU A 7.ª COMPANHIA?

6.ª Semana de sucesso

CINEBOLSO

T. 573407 14.30, 16.45, 19, 21.30

Não acons. a menores de 18 anos

FILME DE AMOR E ANARQUIA

As 24 h. (Int. men. 18 anos)

PROJEÇÃO PRIVADA

CALEIDOSCÓPIO

T. 795093 14.00, 16.30, 19.00 21.15

Interdito a menores de 18 anos

ANA E OS LOBOS

Um filme de Carlos Saura

CONDES

T. 322523 14.15, 16.30, 18.45 e 21.15

Não acons. a menores de 13 anos

O riso dos anos 70, e...

O PROFESSOR NUDISTA

c/ Renata Pozetto, Magali Noel

ODEON

T. 326283 15.15, 18.45, 21.15

Interdito a menores de 18 anos

20.ª semana e última

DECAMERON PROIBIDO

com Eva Grubnik e Pupo de Lucas

ERAM 4 INSACIAVEIS... NA AUSÊNCIA DOS MARIDOS... O AMOR ANDAVA A SOLTA

LONDRES

T. 801313 14.15, 16.30, 18.45, 21.15

Interdito a menores de 18 anos

LA BAMBINA

Uma nova forma de amor...

S. JORGE

T. 54153/4 15.15, 18.15, 21.15

Não acons. a menores de 18 anos

O último filme de Pasolini

6.ª Semana

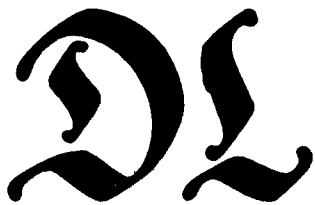
AS MIL E UMA NOITES

AVIS

T. 47163 15.30, 18.30, 21.15

Não acons. a menores de 13 anos

O HOMEM ORQUESTRA



RENASCENÇA GRÁFICA, S.A.R.L.
ADMINISTRAÇÃO GERAL
RUA CASTILHO, 105, 1.º, 2.º
TELEF. 654531/23/4
REDACÇÃO, SERVIÇOS TÉCNICOS
E PUBLICIDADE
RUA LUZ SORIANO, 44
TELEF. 321154/5, 320217/2/3
RUA DA ROSA, 75
END. TEL. DÍBEO TELEF. 1.
LISBOA-PORTUGAL

PINHEIRO DE AZEVEDO

Continuação da pág. 1

da população — caso das recentes manifestações do P. P. D. e do P. S., sobretudo no Porto e em Coimbra e a célebre inventona do P. S. — a direita perdeu de facto a iniciativa a nível popular, embora procure, com posições extremadas e francamente anticomunistas recuperá-la. Noutra parte do seu comunicado o C. R. responsabilizaria os grupos progressistas pelas actuais «acções de violência gratuita», esquecendo o carácter violento da manifestação do P. P. D. no Porto e os acontecimentos junto da Emissora Nacional durante a manifestação do P. S.

Continuando a considerar-se necessária a posição do P. P. D. no Governo (partido que defende a extinção do M. F. A. e proclama «nem mais um comunista em Portugal») pode-

rá o VI Governo cumprir a plataforma de Pinheiro de Azevedo que concede um amplo papel ao combate à reacção e ao fascismo? Poderá combater os movimentos separatistas na Madeira e Açores, claramente apoiados por esse partido? Poderá o VI Governo de algum modo governar diante da total incompatibilidade P. P. D.-P. C.? e perante a já não disfarçada intenção do P. S. (Mário Soares ontem na manifestação do Porto) em defender a saída do Governo do Partido Comunista? E poderá neste caso um Governo P. P. D.-P. S. combater a reacção e defender as conquistas revolucionárias rumo ao socialismo?

A reunião do Conselho da Revolução não adiantou nada em relação à crise actual e as suas contradições são grandes.

OFENSIVA DA DIREITA

Comandante do R.A.C. em risco de saneamento

No quadro da actual ofensiva contra as forças progressistas civis e militares, assiste-se à tentativa de substituição do Comandante do R.A.C. — Regimento de Artilharia de Costa — Oeiras.

A denúncia foi feita esta manhã, em conferência de imprensa, pelo Conselho Municipal Provisório de Oeiras.

O comandante do R.A.C. é o major Correia Borrega, ratificado no cargo de forma revolucionária em plenário de soldados após o 11 de Março.

A informação de que o major Borrega seria transferido (talvez para uma qualquer unidade de Leiria) foi dada através de uma nota da direcção da arma de Artilharia.

O facto de se observar, em Oeiras, estreitas relações do R.A.C. com organizações populares estará na base desta nova tentativa de saneamento à esquerda. Aliás, há cerca de dois meses chegou a estar prevista a dissolução da própria

Unidade.

Entretanto, os soldados do R.A.C. decidiram, em plenário, não permitir que se concretize a transferência do seu comandante, opondo-se, desta forma, ao que parece ser uma tentativa de hegemonia da área por parte do C.I.A.C. de Cascais.

Recorda-se que o major Correia Borrega recusou, em tempo, a promoção a tenente-coronel por não alinhar no que poderia ser entendido como oportunismo. Esta recusa de promoção poderá agora servir de pretexto ao seu saneamento, argumentando-se que um major não pode comandar uma Unidade. A questão é que este major tem o apoio de todos os soldados, sargentos e oficiais do R.A.C.

A partir daqui, o Conselho Municipal Provisório de Oeiras, interpretando a vontade expressa das organizações populares deste concelho, decidiu convocar todos os trabalhadores e moradores para uma manifestação unitária popular, com concentração às 19.30 da próxima segunda-feira, junto à Estação de Caminhos-de-Ferro de Oeiras, dirigindo-se em seguida para o quartel da Medrosa (R.A.C.).

Continuação da pág. 1

posições dos que pretendem uma Revolução ao serviço dos explorados e oprimidos.

O que mais uma vez se viu no Porto, com grupos de adolescentes e indivíduos conhecidos quer pelo seu cadastro quer pela facilidade da sua manipulação, é bem a comprovação desses factos. Por outro lado, a presença no centro da cidade e nos locais de maior violência de grupos de indivíduos conhecidos, e que se sabe nada terem a ver com qualquer das organizações que ontem promoveram as duas manifestações, é também um elemento revelador do aproveitamento que está a ser feito das dificuldades vividas.

A manifestação promovida pelo Conselho Municipal do Porto reuniu dezenas de milhares de pessoas na Praça da Liberdade e arrancou pouco depois das 19 horas para o quartel do R.A.S.P. gritando, entre outras, as seguintes palavras de ordem: «O C.I.C.A.P. é do povo, não é do Veloso», «Casas sim, barracas não», «A Câmara é do povo», «Operários, camponeses, soldados e marinheiros, unidos venceremos», «Soldados sempre sempre ao lado do povo». Atingindo a entrada da Ponte de D. Luís quando a cauda da manifestação ainda saía da Praça da Liberdade, a longa coluna foi saudada com palmas ao chegar diante dos muros do quartel do R.A.S.P. Soldados e populares saudavam mais uma vez os que continuam dispostos a defender aquela unidade. Os manifestantes concentraram-se na rampa de acesso à porta de armas e nas ruas vizinhas enquanto, junto à Avenida de Gaia, era montado um cordão de segurança. Do alto dos muros um soldado afirmou, através de um megafone: «camaradas, os soldados, sargentos e oficiais progressistas neste bastião em que se tornou o R.A.S.P. agradecem a vossa solidariedade militante, que é decisiva para que a nossa luta seja vitoriosa». E, mais adiante: «As maiorias são os que estão sempre ao lado do povo e que contra ele se recusam a disparar».

Um elemento do Conselho Municipal usou depois da palavra para significar a presença dos manifestantes e frisar o seu apoio à luta dos soldados daquela unidade.

Expressando a vontade dos presentes sobre o C.I.C.A.P. encerrado e as atitudes do comandante da Região, o orador afirmou:

«Camaradas, façamos destas duas medidas o primeiro decreto popular: «artigo primeiro reabertura imediata do C.I.C.A.P.: Artigo segundo demissão do brigadeiro Pires Veloso». Exigiu, também, a abertura de um rigoroso in-

VIOLENCIA NO PORTO

quérito aos acontecimentos da noite de 8 de Outubro e acrescentou: «O inquérito não pode ser feito por quem está comprometido com quem promoveu esses acontecimentos, para não acontecer como nos inquéritos do 28 de Setembro e 11 de Março. «Foram lidos vários telegramas de apoio aos soldados do R.A.S.P. e uma moção no mesmo sentido da Associação de Moradores das Antas. Outro elemento do Conselho Municipal afirmou a dado passo: «Camaradas, quando nos vêm dizer, nos jornais, que tal senhor comeu sardinhãs com os pescadores, se calhar pela primeira vez, devemos perguntar se esses mesmos senhores têm que arrastar a cama e pôr baldes pela casa quando chove para não ficarem inundados. Serão esses senhores obrigados a fazer as suas necessidades na bouca mais próxima de casa? Cuidado camaradas! Estejam alerta com palavras como estas». Por sua vez, um militar afirmou do alto dos muros do R.A.S.P.: «Nos quartéis a burguesia faz o mesmo que a burguesia civil faz lá fora. É por isso que queriam fechar o C.I.C.A.P. Noutras unidades, como aconteceu em Espinho, mandam os soldados que apoiam a nossa luta para casa, de férias. A resposta que os nossos camaradas já deram é esta: Passar essas férias dentro do R.A.S.P. Reafirmamos a nossa disposição de em momento algum voltarmos as armas contra os trabalhadores».

QUE SOCIALISMO É ESTE?

Em nome do Conselho Municipal, um outro orador afirmou: «Os trabalhadores portugueses, a que se alia cada vez maior número de militares, já não se enganam com as promessas de certo tipo de «socialismo». Do que eles têm medo, esses senhores que nos falam desse «socialismo», é da vontade popular, é do Poder Popular. Que socialismo é esse que se volta contra um revolucionário do 25 de Abril que sempre apoiou os trabalhadores, como o brigadeiro Corvacho? Que socialismo é esse que protege os sabotadores que deixaram as empresas em dificuldade? Que socialismo é esse que saneia progressistas nos mais diversos lugares como se viu agora no Banco de Portugal? Por isso, os capitalistas do Mercado Comum dizem que as coisas estão a correr bem em Portugal».

COMÍCIO DO P. S.

Cerca das 19 e 30 teve início o comício do P. S. na Praça Humberto Delgado, onde chegou cerca das 9 horas o dr. Mário Soares, acompanhado de Manuel Alegre. Entretanto, usaram da palavra diversos oradores, como Manuel Pires, deputado à Constituinte, Ventura de Almeida, da Comissão Executiva da Federação do P. S. e Pedro Coelho, actual secretário das Pescas. Depois chegaram aqueles dois dirigentes, falando em primeiro Manuel Alegre e depois Mário Soares. O discurso de Manuel Alegre, foi interrompido por volta das 21 e 30, pelo estrondo de um violento petardo que rebentara na Praça D. João I, junto à sede da U. D. P. Era o início da noite de violência a que mais adiante nos referiremos. Acrescenta-se todavia que nessa altura já se havia dado a primeira investida contra a sede do «Grito do Povo», na Av. dos Aliados. De qualquer modo o comício do P. S. prosseguiu perante as dezenas de milhares de pessoas que

nele tomaram parte, continuando no uso da palavra Manuel Alegre. Finalmente usou da palavra o dr. Mário Soares que afirmou, nomeadamente: «Esta impressionante manifestação de força é a prova de que o povo do Porto está com a Revolução, está com o socialismo, mas quer fazer o socialismo na paz, na ordem e na calma entre os portugueses. A reacção não passará porque a esmagadora maioria do povo deseja fazer uma revolução que estabeleça a igualdade entre os homens, acabe com as classes sociais e institua a justiça, mas deseja fazer isso na paz e na liberdade». E a seguir: «Entre o povo e o M. F. A. metiam o intermediário Vasco Gonçalves, mas agora já sabem que não podem manipular o M. F. A. a quererem para destruir inventar os S. U. V. que significa a subversão do M. F. A. É fácil fazer promessas aos soldados. Nós pensamos que o pré dos soldados é baixo e que as condições de vida nos quartéis devem ser melhoradas, mas acabar com a hierarquia, acabar com a disciplina no Exército e pôr em causa o prosseguimento da Revolução». Mário Soares referiu-se também à situação do País, «trágica no plano económico» e acrescentou: «Insultamos a Europa. Porventura teremos outro sítio onde comer e para onde irão ganhar as suas vidas aqueles que não encontram trabalho em Portugal?»

Depois de dizer que o VI Governo «tem condições efectivas para resolver os grandes problemas nacionais», o dr. Mário Soares reafirmou o apoio ao actual Governo e também ao brigadeiro Pires Veloso. Convidou então os manifestantes a dirigirem-se ao Q. G. e, referindo-se ao caso do R. A. S. P. afirmou «que é ao M. F. A. que incumbe resolvê-lo». A manifestação passou pelo C. I. C. A. P., onde os portões foram abertos em sinal de agradecimento, embora ninguém tivesse entrado, seguindo para o Q. G.

Usaram da palavra o dr. Mário Soares e o brigadeiro Pires Veloso. O comandante da região agradeceu as palavras e a manifestação, falando de cima de uma viatura militar e afirmou, a dado passo, que com os seus homens estava disposto «a dar a vida pela vontade popular». Cantou-se depois o hino nacional. Passava já da 1 hora da madrugada.

ATAQUES A SEDES DE PARTIDOS

A primeira investida contra as sedes de partidos localizadas na baixa portuense teve lugar logo após o início da manifestação do P. S. quando grupos de jovens atacaram a sede do «Grito do Povo» e queimaram a sua banca, na Av. dos Aliados. Nessa altura os atacantes não passaram do átrio de entrada. Entre os atacantes podia ver-se um indivíduo conhecido pela alcunha de «Tazan da Cordoaria» e outros transportavam paus e navalhas. Praticamente não houve resistência, pelo facto do edifício se encontrar abandonado, mas a presença no local dos grupos atacantes prosseguiu até de madrugada, acabando por ser incendiado diverso material que ardeu no passeio e no pavimento da Av. dos Aliados, ao mesmo tempo que o fogo destruía a cobertura de uma paragem dos autocarros ali localizada.

Pouco depois, foi atacada a sede da U. D. P. na Praça de D. João I, onde, aliás, foi oferecida tenaz resistência. Os mili-

tantes da U. D. P. que se encontravam de guarda ao edifício, ao lado do cinema Rivoli, ripostaram a tiro e com o lançamento de petardos cujo estrondo se ouvia em Vila Nova de Gaia. Ao que nos informaram diversas pessoas presentes, entre os atacantes destacavam-se elementos do M. R. P. e grupos de adolescentes que tentavam atirar garrafas com gasolina, o que lograram em diversas alturas, tendo sido pegado fogo na fronteira do edifício. Do interior eram lançados petardos, único meio de manter afastados os atacantes. As horas vividas neste local foram de extraordinária violência, com correrias, lançamento de pedras e tiros que deram a todo o quarteirão um ambiente de verdadeira batalha. O trânsito foi cortado na Rua de Sá da Bandeira, Passos Manuel, Magalhães Lemos e Rodrigues Sampaio. Cerca da meia-noite ainda centenas de populares ocupavam todas estas artérias e havia já feridos que eram transportados para o hospital em viaturas particulares. A maioria dos feridos havia sido atingida com estilhaços. A situação agravava-se de minuto a minuto, não se prevendo para breve o seu desfecho.

Algumas pessoas em pânico eram tratadas na Casa de Saúde da Av. dos Aliados, onde o pessoal, como também no Hospital de Santo António, viveu horas de enorme excitação. Daquela Casa de Saúde foi feito um apelo ao Q. G. para intervir. Já depois da 1 hora, chegaram elementos da Polícia Militar, que isolaram a zona do edifício e protegeram a saída dos militantes da U.D.P., o que se verificou mais tarde. Entretanto, cerca da 1 hora da madrugada, foi constituído em Vila Nova de Gaia, onde a notícia da trágica situação vivida na Praça D. João I já havia sido dada, um destacamento de militantes da U.D.P. armados de paus e protegidos com capacetes de motorizada que desceu a Avenida passando em frente dos muros do R.A.S.P. onde foi saudado por todos os que se encontravam junto daquele quartel. Formado em filas de oito o destacamento avançou para a Praça de D. João I determinado a defender por todos os meios os camaradas sitiados. A chegada do destacamento traduziu-se numa rápida limpeza da Praça de D. João I. Efectivamente os militantes da U.D.P. acabados de chegar correram com todos os grupos que atacavam a sede do seu partido. Pouco depois chegaram os elementos da Polícia Militar que, como dissemos, isolaram o edifício até de manhã. Ao princípio do dia os militares foram substituídos por elementos da P.S.P.

DIAS LOURENÇO EM BRAGA NUM COMÍCIO DO P.C.P.

António Dias Lourenço, membro do Comité Central do Partido Comunista Português e director do órgão central deste partido, encontra-se hoje à noite na cidade de Braga.

Dias Lourenço deslocou-se a esta cidade para participar num comício do P. C. P. que se realiza no ginásio do Liceu Sá de Miranda. A sessão começa às 21 e 30.



AMANHÃ
MATINÉE ÀS 17 H.
ELAINE DEIMAR
VEDETA DA RADIO
EDATV INGLESA
FOUR TALLAS
TERESA PAULA BRITO
BENTYBER
DANCERS
FERRER TRINDADE e o grupo
"COMPLEXO" e o grupo
and his group
MAIORES DE 13 ANOS
PREÇOS
CHA COMPLETO, 70\$00
(Taxes e impostos incluídos)

ALERTA POVO DA FREGUESIA PANHAIS

A nossa revolução, a das classes exploradas, corre sérios riscos. Se a burguesia ganhar esta cartada será porque os desprotegidos deste País o permitiram, por incompreensão ou comodismo.

Companheiro, se foste toda a vida explorado não deixes agora que isso continue.

Apoia os órgãos do Poder Popular com a tua presença e participação.

Só assim eles terão força para impor à burguesia um Governo que venha a realizar os anseios das classes trabalhadoras.

Todos à Assembleia Popular da Freguesia de Panhais.

Domingo dia 12, às 15 horas, no Largo de Coima. Estás trabalhando para ti e para o futuro dos teus filhos.

NÃO FALTES!

O SECRETARIADO